



A Arte Expositiva de

João Calvino

STEVEN J. LAWSON


EDITORA FIEL

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS

“Por meio de um estudo introdutório da pregação de João Calvino, Steven Lawson fornece um curso de homilética prática; uma recapitulação que pode ser lida em uma tarde, mas que deveria ser estudada anualmente para que haja um impacto de longa durabilidade. Realista, mas encorajador, simples, porém penetrante, *A Arte Expositiva de João Calvino* contém muitas riquezas bíblicas e teocênticas, bem como sugestões práticas para pregadores iniciantes e também aos mais experientes. Que Deus use este livro para revitalizar a pregação centrada em Cristo, fortalecida pelo Espírito, a qual é apta para ser aplicada nesses tempos difíceis.”

DR. JOEL R. BEEKE, PROFESSOR
Puritan Reformed Theological Seminary.

“Da mente de Steven Lawson, originou-se este trabalho, que é uma valorização contagiante da pregação de João Calvino. Ninguém que lê este livro deixa de perceber o quanto somos devedores ao ‘Reformador de Genebra’. Lawson consultou as melhores fontes de informação da atualidade e extraiu os principais aspectos da pregação do reformador. Desta forma, ele elaborou uma defesa encorajadora da pregação expositiva. Trata-se de uma conquista magnífica.”

DR. DEREK W. H. THOMAS, PROFESSOR
Reformed Theological Seminary

“O compromisso de Calvino com ‘a palavra de Deus’ é bem conhecido. Quer seja quando se refere a sua forma escrita, ou à Palavra encarnada, Cristo. Entretanto, o que não tem recebido o devido reconhecimento é a elevada estima de Calvino pelas ‘palavras’ – as palavras do Antigo e do Novo Testamento em suas línguas originais e as suas próprias palavras em seus sermões sobre o texto sagrado. O estudo de Steven Lawson trata desta segunda classe de palavras com mais profundidade, e é em tal assunto que este livro prova ser mais valioso e necessário.”

DR. HYWEL R. JONES, PROFESSOR
Westminster Seminary California

“A cura para esta ‘disfunção’ da pregação expositiva que aflige os púlpitos atuais encontra-se disponível há quinhentos anos, conforme Steven Lawson documenta em *A Arte Expositiva de João Calvino*. Os pregadores que estiverem lendo este livro sentirão a seriedade da crença total de Calvino na soberania da Palavra de Deus – em sua total suficiência e no peso de sua autoridade. Além disso, eles serão inspirados a buscar os caminhos profundos e enriquecedores da *lectio continua* (leitura contínua). Este livro foi escrito de forma bela, poderosa e convincente. Deve ser lido por todos que desejam pregar a Palavra.”

R. KENT HUGHES, PASTOR EMÉRITO
Igreja College, Wheaton, Illinois.

“Neste livro, Dr. Steven Lawson habilmente nos apresenta com trinta e dois princípios que fizeram de Calvino o melhor pregador da Reforma. Todos eles são centrados na Palavra de Deus pregada de forma expositiva. De modo poderoso e profundo, ele descreve para nós como Calvino levou sua igreja a contemplar a glória de Deus pregando verso por verso das Escrituras, e como terminava seus sermões com orações repletas da Palavra! Dr. Lawson está certo quando diz que devido à decadência espiritual de nossos dias, precisamos novamente de ‘Calvinos’. Eu recomendo a leitura deste livro em cursos de homilética e missões, bem como para pastores e estudantes de teologia que são sérios em seus estudos.”

DR. ALONZO RAMÍREZ, PROFESSOR
Seminário Bíblico Reformado, Peru.

A Arte Expositiva de
João Calvino

STEVEN J. LAWSON

A Arte Expositiva de

João Calvino



EDITORA FIEL



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

A Arte Expositiva de João Calvino

Traduzido do original em inglês:

The Expository Genius of John Calvin

Publicado originalmente em inglês por

Reformation Trust

Copyright©2007 Reformation Trust Publishing,
uma divisão de Ligonier Ministries



1ª edição em português ©Editora Fiel 2008

1ª reimpressão: 2010



*Todos os direitos em língua portuguesa
reservados por Editora Fiel da Missão
Evangélica Literária*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER
MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM
BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Presidente: Rick Denham

Presidente Emérito: James Richard Denham Junior

Editor: Tiago J. Santos Filho

Tradução: Waleria Coicev, Marilene Paschoal e

Revisão: Waleria Coicev, Marilene Paschoal e

Tiago J. Santos Filho

Capa: Ligonier Ministries

Diagramação: Edvânio Silva

ISBN: 978-85-99145-48-7

DEDICADO A JOHN MACARTHUR —
FIEL PASTOR, COMENTADOR
INIGUALÁVEL, DEFENSOR DA FÉ

Por quase quarenta anos, Dr. MacArthur tem se dirigido ao púlpito da Grace Community Church para pregar a Palavra de Deus. Ele tem sido um modelo da pregação bíblica expositiva para toda uma geração de pregadores. Sua pregação erudita em todos os livros da Bíblia, seus comentários no Novo Testamento, seus estudos bíblicos, seu trabalho no seminário, na faculdade, na academia missionária e seu ministério no rádio fazem dele, segundo creio, o João Calvino de nossos dias.

Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.

2 Coríntios 4.5

ÍNDICE

Prefácio: Pisando em Terra Santa.....	11
Capítulo 1: A Vida e o Legado de Calvino	15
Capítulo 2: Aproximando-se do Púlpito	31
1: Autoridade Bíblica.....	34
2: Presença Divina.....	36
3: A Prioridade do Púlpito	38
4: Exposição Sequencial.....	40
Capítulo 3: A Preparação do Pregador	45
5: Uma Mente Zelosa.....	47
6: Um Coração Devotado	48
7: Uma Determinação Inabalável.....	50
Capítulo 4: Iniciando o Sermão	57
8: Direto ao Assunto	58
9: Pregação sem Esboço	60
10: Contexto Bíblico	62
11: Tema Declarado	63
Capítulo 1: Explicando o Texto	67
12: Um Texto Específico	69
13: Precisão Exegética	70
14: Interpretação Literal.....	72
15: Referências Cruzadas	73
16: Raciocínio Persuasivo	76
17: Conclusões Racionais	77

Capítulo 6: Falando com Ousadia	81
18: Palavras Familiares	83
19: Expressões Cheias de Vida	86
20: Perguntas Estimulantes	88
21: Uma Reiteração Simples.....	89
22: Um Número Limitado de Citações.....	91
23: Um Esboço Implícito	92
24: Transições Diretas	93
25: Intensidade Centrada	94
 Capítulo 7: Aplicando a Verdade.....	 97
26: Exortação Pastoral.....	99
27: Avaliação Pessoal	101
28: Repreensão Amorosa	102
29: Confrontação Polêmica.....	104
 Capítulo 8: Concluindo a Pregação.....	 109
30: Um Resumo de Reafirmação	111
31: Apelo Urgente	112
32: Intercessão Final.....	115
 Conclusão: “Queremos mais Calvinos”	 119
 Apêndice A	 122
Apêndice B	124
Sobre o Autor	129
Notas	131

Pisando em Terra Santa

Ir ao púlpito é pisar em terra santa. Ter diante de si uma Bíblia aberta exige não tratar as coisas sagradas com levianidade. Ser um porta-voz de Deus requer a máxima preocupação e cuidado no uso e na proclamação da Palavra. As Escrituras advertem: “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo” (Tg 3.1).

Entretanto, infelizmente vivemos numa geração que tem depreciado o chamado para pregar. A exposição da Palavra está sendo substituída por entretenimento, a pregação, por espetáculos teatrais, a doutrina, por obras dramáticas, e a teologia por manifestações artísticas. A igreja moderna precisa desesperadamente retomar o rumo certo e voltar a um púlpito que seja alicerçado na Bíblia, centrado em Cristo e capaz de transformar vidas. Deus sempre se alegra em honrar sua Palavra — especialmente a pregação de sua Palavra. Os períodos mais notáveis da história da igreja — aqueles tempos de propagação das doutrinas reformadas e de grandes avivamentos — têm sido épocas em que homens tementes a Deus tomaram a Palavra inspirada e pregaram-na

com ousadia, no poder do Espírito Santo. A igreja imita a atitude do púlpito. Somente um púlpito reformado torna possível uma igreja reformada. Este é o momento em que os pastores precisam ter seus púlpitos novamente marcados pela pregação expositiva, pela clareza doutrinária e pelo senso de reverência em relação às coisas eternas. Esta, na minha opinião, é a *maior* necessidade do momento.

Este livro é o primeiro livro de uma série que estudará os diversos ministérios de homens notáveis na história da igreja. Devido à urgente necessidade de nossos dias por púlpitos poderosos, manteremos o foco nos pregadores. A razão desta ênfase é simples — não consigo pensar em um exercício espiritual melhor para os pastores de hoje — com exceção do estudo das Escrituras em si — do que examinar a forma como os gigantes espirituais do passado expunham as Escrituras.

É com tal objetivo que este livro investigará a pregação do grande Reformador de Genebra, João Calvino. Os futuros livros desta série estudarão o ministério de outros pregadores talentosos como Martinho Lutero, George Whitefield, Jonathan Edwards, Charles Spurgeon, e outros. Estes homens foram poderosamente usados por Deus para reformar a igreja, confrontar o mundo, e alterar o curso da história. Bem no centro destes ministérios extraordinários havia púlpitos firmados na Palavra. Num sentido bem real, estes púlpitos foram o eixo sobre o qual a história girou.

Conforme observamos esses homens influentes e a época importante em que viveram, certas perguntas devem ser feitas: O que distinguiu a pregação deles? Como era o seu compromisso em relação à proclamação pública da Palavra de Deus? A maneira como esses homens se aproximavam do púlpito deve receber nossa maior atenção, se quisermos ver outra grande obra de Deus em nossos dias.

Conforme consideramos a vida e o trabalho de Calvino, faremos um levantamento das marcas que distinguiam o seu ministério

como pregador. Observaremos os pressupostos mais importantes que sustentaram a sua pregação, e examinaremos como ele se preparava para subir ao púlpito. Enquanto estudamos tudo isto, obteremos uma visão geral de sua pregação – a introdução de seu sermão, a interpretação, a aplicação, a conclusão, e a intercessão final. Resumindo, exploraremos as marcas peculiares da arte expositiva de Calvino.

O objetivo aqui não é fazer uma abordagem emocional — as circunstâncias atuais são desesperadoras demais para tal trivialidade. Em vez disto, o alvo deste livro é contribuir para elevar o nível da nova geração de expositores. O método que utilizo é verificar o que significa ser comprometido com a pregação bíblica analisando o trabalho de um homem totalmente comprometido com esta obra sagrada.

Se você é um pregador ou um professor, será desafiado a ter um padrão mais elevado em seu uso da Palavra. Se você ajuda alguém que foi chamado para esse ministério, aprenda como orar melhor. Que a leitura destes capítulos seja inspiradora e cause impacto; que motive e traga vigor a todos os seus leitores – enfim, que seja tudo que possa conduzir a uma nova reforma.

Quero expressar minha gratidão à equipe do *Ministério Ligonier* pelo seu intenso interesse e colaboração com este projeto. A Tim Dick, presidente e diretor executivo do *Ligonier*, que foi o primeiro a ver a importância de colocarmos este livro nas mãos das pessoas. A Greg Bailey, diretor da divisão de publicações da *Ligonier's Reformation Trust*, que realizou um trabalho excelente ao melhorar o estilo desta obra; e a Chris Larson, diretor de arte, que acrescentou seu toque talentoso ao projeto gráfico.

Quero agradecer aos presbíteros, aos pastores e aos membros da Christ Fellowship Baptist Church, que me estimularam a buscar a vontade de Deus quanto à escrever este livro. Também quero agradecer ao meu auxiliar executivo, Kay Allen, que digitou esta obra e

coordenou nossos esforços, e a Keith Phillips e Mark Hassler que ofereceram uma ajuda inestimável nas pesquisas e no trabalho com o manuscrito.

Em casa, minha esposa, Anne, e os nossos quatro filhos, Andrew, James, Grace Anne, e John têm me encorajado nesse trabalho de escrita. Que todos que vierem a ler este livro saibam do ambiente cheio de amor em que estudo e escrevo.

Soli Deo Gloria.

— STEVEN J. LAWSON

Mobile, Alabama

Setembro de 2006

A Vida e o Legado de Calvino

Calvino não tinha outra arma senão a Bíblia... Ele pregava a Bíblia todos os dias, e, sob o poder desta pregação, a cidade começou a ser transformada. Conforme o povo de Genebra adquiria conhecimento da Palavra de Deus e era transformado por ela, a cidade tornou-se, como John Knox chamou-a mais tarde, uma Nova Jerusalém, de onde o evangelho espalhou-se para o resto da Europa, para a Inglaterra, e para o Novo Mundo.¹

— JAMES MONTGOMERY BOICE

Levando-se sobre séculos da história da Igreja, desponta um personagem de tamanha importância que, mesmo quinhentos anos após ter entrado em cena no palco da humanidade, continua sendo alvo das maiores atenções, e por si só, despertando intrigas. Conhecido como “um dos grandes homens de todos os tempos”,² ele era uma força motriz tão expressiva que influenciou a formação da igreja e da

cultura ocidental de um modo como nenhum teólogo ou pastor conseguiu fazer. Sua exposição habilidosa das Escrituras possuía as características doutrinárias da Reforma Protestante, tornando-o, indiscutivelmente, o principal arquiteto da causa Protestante. Sua impetuosa abordagem da teologia definiu e articulou as verdades essenciais daquele movimento que alterou a história da Europa no século dezesseis. Por sua vez, estas idéias grandiosas ajudaram a moldar os princípios básicos da civilização ocidental, dando origem à forma republicana de governo, aos ideais de educação pública e à filosofia do capitalismo com mercado livre.³ Um excelente teólogo, exegeta respeitado, professor renomado, estadista eclesiástico, reformador influente – ele era tudo isto e muito mais. Seu nome era João Calvino.

Entretanto, acima de tudo, Calvino era um *pastor* – o fiel pastor que serviu, por vinte e cinco anos, um rebanho de Genebra, na Suíça. Todo pastor tem, em sua época, muitas obrigações, e Calvino, por causa de sua posição social em Genebra, tinha mais responsabilidades que a maioria dos pastores. O historiador J. H. Merle D'Aubigné, que estudou a Reforma, escreveu:

Aos domingos, [Calvino] liderava o culto e também realizava cultos diários em semanas alternadas. Ele dedicava três horas por semana ao ensino de teologia; visitava os doentes e administrava exortação individual. Hospedava pessoas; nas quintas, comparecia ao Consistório para dirigir as deliberações; nas sextas, estava presente na conferência bíblica que era chamada de *congregação*. Durante essas conferências, depois que o ministro responsável apresentava suas considerações sobre determinada passagem das Escrituras, e após os comentários dos demais pastores, Calvino adicionava suas observações, as quais se assemelhavam a uma preleção. Na semana em que ele não pregava, preenchia o

tempo com ocupações de todo tipo. Particularmente, ele dava muita atenção aos refugiados que afluíam para Genebra devido à perseguição que ocorria na França e na Itália. Ele ensinava, exortava e consolava, por meio de cartas, “aqueles que estavam nas garras do leão”, além de interceder por eles. Em seus estudos, elucidou escritos sagrados através de admiráveis comentários, e refutou os escritos dos inimigos do evangelho.⁴

Contudo, entre estas várias obrigações pastorais, Calvino era principalmente um *pregador*, um expositor da Bíblia de primeira ordem. De fato, o reformador alemão Philip Melanchthon o classificou simplesmente como “o teólogo”, uma indicação do respeito conferido a Calvino por conta de suas habilidades como intérprete das Escrituras. Durante seus anos em Genebra, Calvino via o púlpito como sua responsabilidade mais importante, o principal trabalho de seu chamado pastoral. Assim, o magistral reformador entregou-se à exposição da Palavra como talvez nenhum outro na história o tenha feito. Ele estimou e exaltou a pregação bíblica ao nível da mais elevada importância, e também fez dela o seu compromisso vitalício.

Como resultado, com exceção dos homens usados por Deus para escrever a Bíblia, Calvino é ainda hoje o mais influente ministro da Palavra de Deus que o mundo já viu. Nenhum homem antes ou depois dele foi tão prolífico e tão profundo no lidar com as Escrituras. O discernimento exegético de Calvino trata da maior parte do Antigo Testamento e de todo o Novo Testamento, com exceção de Apocalipse. Para a maioria das pessoas, ele permanece como o maior comentarista bíblico de todos os tempos. Em seu leito de morte, quando recapitulou suas muitas conquistas, Calvino mencionou seus sermões em vez de falar dos seus vastos escritos. Para Calvino, pregar era a tarefa mais importante.

O VERDADEIRO CALVINO

A opinião de que a pregação era a prioridade do ministério de Calvino não é recente. Ninguém menos que Emile Doumergue, o mais notável biógrafo de Calvino, subiu ao púlpito do grande reformador em 1909, na comemoração dos quatrocentos anos do nascimento de Calvino e disse: “Para mim, o Calvino verdadeiro, que explica todas as outras faces de Calvino, é o Calvino pregador de Genebra, que moldou o espírito dos reformadores do século dezesseis por meio de suas palavras”.⁵ Naquele mesmo discurso memorável, Doumergue observou: “Embora Calvino seja lembrado como um teólogo que restabeleceu os marcos doutrinários enterrados sob os escombros de séculos de confusão, ou como um argumentador inteligente cujo nome os oponentes tentaram ligar a crenças que consideravam odiosas, a verdade é que Calvino via a si mesmo, antes de tudo, como um pastor na igreja de Cristo e, portanto, como alguém cuja principal tarefa deve ser pregar a Palavra”.⁶

Do mesmo modo, D'Aubigné asseverou que entre os muitos ministérios que Calvino exercia, a prioridade era a pregação da Palavra. Ele enfatizou que a principal ocupação de Calvino era aquela que foi ordenada ao ministro: proclamar a Palavra de Deus para ensinar, repreender, exortar e corrigir. Por esta razão a pregação de Calvino era repleta de instruções e aplicações práticas, as quais ele via como uma necessidade fundamental.⁷ Assim, de acordo com D'Aubigné, a missão prioritária de Calvino era explicar e aplicar as Sagradas Escrituras. Este era o *verdadeiro* Calvino — o expositor bíblico que considerava o púlpito o “coração de seu ministério”.⁸

Se o verdadeiro Calvino era antes de tudo um pregador, quem era o Calvino *homem*? Qual caminho Deus escolheu para que ele caminhasse? Como era a época em que ele viveu? Quais foram suas conquistas? E o mais importante: o que contribuiu para sua grande-

za? Neste capítulo, trataremos dessas e de outras questões antes de refletirmos sobre a arte expositiva de Calvino.

CALVINO, O HOMEM

O mundo no qual Calvino nasceu era propício à reforma. Por ocasião de seu nascimento, Martinho Lutero tinha 26 anos de idade e já havia começado seu ministério de ensino na Universidade de Wittenberg. Oito anos depois, em 1517, o Reformador Alemão afixou suas noventa e cinco teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, “um protesto que repercutiu em todo o mundo”. Em seguida veio a Dieta de Worms – assembléia geral que aconteceu em 1521, na cidade de Worms – onde Lutero proferiu seu famoso discurso em defesa da Palavra de Deus. Logo depois, as chamadas da Reforma começaram a surgir na Alemanha e se espalharam rapidamente pela Europa, atingindo principalmente as universidades da Escócia e Inglaterra. Enquanto isso, os cinco *solas* da Reforma — salvação *só* pela graça, mediante a fé *somente*, *unicamente* por meio Cristo, *exclusivamente* para a glória de Deus e baseado *somente* nas Escrituras — eram forjados nas mentes que estavam sendo renovadas pelas Escrituras.

João Calvino — seu nome francês é Jean Cauvin — nasceu em 10 de Julho de 1509, na zona rural de Noyon, França, a aproximadamente 96 km de Paris. Era filho de Gerard e Jeanne Cauvin. Seu pai, um administrador financeiro do bispo católico da diocese de Noyon, criou o filho para ingressar no sacerdócio da Igreja Católica Romana. Quando João tinha 11 anos, Gerard usou sua influência para obter uma capelania para o filho na catedral de Noyon. Então, quando João tinha 14 anos, entrou na Universidade de Paris a fim de estudar teologia em preparação formal para tornar-se sacerdote. O resultado do seu tempo na universidade foi que aos 17 anos Calvino graduou-se como mestre em Ciências Humanas. Contudo, o mais

importante é que este futuro reformador desenvolveu-se com uma instrução sólida nos fundamentos da educação clássica, incluindo latim, lógica e filosofia.

Além da graduação pela Universidade de Paris, Gerard tentou conseguir mais duas colocações para Calvino na Igreja Católica. Entretanto, um conflito com o bispo de Noyon o motivou a redirecionar seu brilhante filho para o estudo de direito na Universidade de Orléans (1528). Durante o tempo que passou lá, e também mais tarde, na Universidade de Bourges, Calvino aprendeu grego e estudou o poder do pensamento analítico e da argumentação persuasiva, habilidades estas que mais tarde seriam usadas em seu púlpito, em Genebra. Armado com tais habilidades, posteriormente receberia o apelido de “o caso acusativo” devido à sua inclinação para discorrer sobre suas opiniões de modo convincente.

Quando Gerard morreu (1531), Calvino ficou livre da influência dominadora de seu pai. Ele tinha 21 anos e mudou-se para Paris, em busca de seu primeiro amor, o estudo da literatura, especialmente a clássica. Mais tarde, retornou a Bourges, onde completou seus estudos em direito e recebeu o título de doutor (1532). No mesmo ano, Calvino publicou seu primeiro livro, um comentário sobre a obra *De Clementia*, do filósofo romano Sêneca, o Jovem. O livro, que foi a dissertação de doutorado de Calvino, revelou sua crescente capacidade de enxergar além das palavras e compreender as intenções de um autor. No futuro, Calvino usaria precisamente esta habilidade para interpretar as Escrituras, tanto no púlpito como em seus escritos — informando os propósitos de Deus à medida que explicava a mensagem dos escritores da Bíblia.

UMA CONVERSÃO REPENTINA

Quando estudava em Bourges, Calvino teve contato direto com as verdades bíblicas da Reforma. Depois que o evangelho lhe

foi apresentado, sobreveio-lhe uma inquietação crescente com o seu estilo de vida, e uma profunda convicção de seu pecado o impeliu a buscar alívio na graça e misericórdia de Deus. Veja abaixo como, algum tempo depois, Calvino descreveu seu encontro com Cristo e os efeitos imediatos do mesmo:

Por meio de uma conversão repentina, Deus subjugou e preparou minha mente para ser ensinada a respeito das coisas espirituais, o que aconteceu de forma mais intensa do que se esperaria de uma pessoa da minha idade. Tendo, deste modo, recebido uma amostra e algum entendimento da verdadeira piedade, fui imediatamente estimulado com um desejo tão intenso de fazer progresso neste conhecimento que, embora não tenha abandonado por completo os outros estudos, buscava-os com menos fervor.⁹

Sobre esta “conversão repentina”, Alexandre Ganoczy escreveu: “Calvino entendeu a história de sua vida como análoga à do apóstolo Paulo, que, no caminho para Damasco, de repente deixou o pecado de se opor a Cristo para servi-Lo incondicionalmente”.¹⁰ De fato, Calvino imitou Paulo neste aspecto; após sua conversão, ele absolutamente mudou o objeto de sua lealdade, abandonando a Igreja Católica Romana a fim de unir-se à crescente causa protestante.

UM REFORMADOR EM FORMAÇÃO

Logo Calvino encontrou oposição por conta de sua nova fé em Cristo. Em novembro de 1533, Nicolas Cop, reitor da Universidade de Paris e amigo de Calvino, fez o discurso de abertura do novo período letivo. Este discurso foi “um apelo por uma reforma baseada no Novo Testamento, e um ataque corajoso aos teólogos daqueles dias”.¹¹ Contudo, Cop sofreu forte resistência por causa de suas

idéias semelhantes às de Lutero. Acredita-se que o discurso de Cop foi escrito por Calvino, que teve de fugir de Paris, pela janela, no meio da noite, usando um lençol como corda. Ele escapou disfarçado de vinhateiro, com uma enxada no ombro. Esta oposição maligna era um anúncio do que lhe aconteceria durante toda a sua vida.

Após ficar preso por um curto período, Calvino fugiu para a propriedade rural de Louis du Tillet, um homem abastado que era solidário à causa da Reforma. Neste “ninho tranquilo”, como Calvino o descrevia, ele teve oportunidade de passar cinco meses estudando a grande coleção de livros teológicos que Tillet possuía. Lá, ele leu a Bíblia juntamente com os escritos dos pais da igreja; particularmente os de Agostinho. Através de muito trabalho, talento e graça, Calvino estava se tornando um grande teólogo autodidata.

Finalmente, sob a profunda convicção da verdade das Escrituras, Calvino renunciou o salário que recebia da Igreja Católica, desde a infância, pelo seu suposto pastorado em Noyon. A sorte estava lançada. Ele aderiu completamente às verdades e à causa da Reforma.

Após uma breve viagem a Paris e Orléans, Calvino foi a Basileia, Suíça (1534-1536), e começou a escrever a sua maior obra, *As Institutas da Religião Cristã*. As *institutas* de Calvino se tornariam a obra-prima decisiva da teologia protestante, o livro mais importante escrito durante a Reforma. Ele ocuparia um lugar à frente até do mais respeitado trabalho de Lutero: *The Bondage of the Will* (Nascido Escravo – Editora FIEL). Nos vinte e três anos que se seguiram, *As Institutas* passariam por cinco ampliações principais até chegar, em 1559, ao seu formato atual. Dedicado ao rei da França, Francis I, este trabalho explicou a verdadeira natureza do cristianismo bíblico. Calvino esperava que o livro atenuasse a perseguição que acontecia na França, por parte da Igreja Católica Romana, contra os protestantes. Esse livro é uma obra-prima teológica; apresenta uma instigante argumentação sobre as bases dos ensinamentos reformados, e a sua publicação conferiu a Calvino um papel de liderança reconhecido entre os reformadores.

PARA GENEBRA: UMA ESTRANHA PROVIDÊNCIA

Quando uma anistia temporária foi concedida aos exilados franceses, rapidamente Calvino voltou à França, onde ficou com seu irmão, Antoine, e sua irmã, Marie. Depois, partiu para Estrasburgo, e, de lá, para o sul da Alemanha, com a intenção de estudar e escrever em reclusão e tranquilidade. Ele nunca mais retornaria à sua terra.

Entretanto, enquanto viajava para Estrasburgo, Calvino providencialmente mudou de rota. Uma guerra entre Charles V, o Sacro imperador romano, e Francis I resultou em movimentos de tropas que bloquearam a estrada para Estrasburgo. Foi preciso que ele fizesse uma volta por Genebra, e se abrigasse sob os Alpes cobertos de neve nas margens do Lago de Genebra, o maior lago da Europa. Calvino pretendia passar somente uma noite lá, mas foi reconhecido por William Farel, o líder protestante daquela cidade recém-Reformada. O encontro deles provou ser um dos mais importantes da história, não só para a igreja em Genebra, mas também para o mundo. Conforme Calvino relatou mais tarde:

Farel, que inflamava-se com um zelo extraordinário pelo avanço do evangelho, imediatamente empregou todas as suas forças para me convencer a ficar naquele lugar. E depois que descobriu que o desejo do meu coração era de dedicar-me aos estudos particulares, razão pela qual queria me manter livre de outras ocupações, e percebendo que nada conseguiria com súplicas, ele prosseguiu falando de uma maldição que Deus lançaria sobre o meu isolamento e a tranquilidade dos estudos que eu buscava, caso me recusasse a prestar auxílio quando a necessidade era tão urgente. Fiquei tão assustado com esta maldição que desisti da viagem que intencionava fazer.¹²

Em resposta ao desafio de Farel — “Se você não nos ajudar neste trabalho do Senhor, Ele o punirá”¹³ — o jovem teólogo concordou em ficar, reconhecendo que este era o objetivo de Deus para sua vida. Em vez de estudar na quietude enclausurada de Estrasburgo, Calvino de repente mudou o foco de suas atenções para Genebra, com tudo o que isto exigia. Primeiro foi nomeado professor das Sagradas Escrituras, e, quatro meses depois, pastor da Catedral de Saint Pierre.

BANIDO PARA ESTRASBURGO

Calvino e Farel imediatamente começaram a trabalhar para reformar a igreja em Genebra. Eles redigiram uma confissão de fé e um juramento e, com ousadia, tentaram conformar às Escrituras a vida dos dez mil habitantes da cidade. Contudo, logo eles sofreram forte oposição. Suas tentativas de zelar pela Ceia do Senhor por meio da excomunhão — isto é, impedir que as pessoas que viviam abertamente em pecado participassem da ceia — resultou, na expulsão deles da cidade em 1538.

Novamente, Calvino foi exilado, desta vez para Estrasburgo, o lugar para o qual ele tinha intenção de ir para estudar e escrever. Por três anos (1538-1541), Calvino pastoreou uma congregação protestante de quinhentos refugiados de fala francesa naquela cidade. Ele também ensinou o Novo Testamento no instituto teológico local, escreveu seu primeiro comentário (em Romanos), e publicou a segunda edição das *Institutas*.

Durante aqueles anos em Estrasburgo, Calvino também encontrou uma esposa, Idelette Stordeur, que era membro de sua congregação – uma viúva anabatista que tinha um filho e uma filha de seu primeiro casamento.¹⁴ Eles se casaram em 1540, quando Calvino tinha 31 anos. Nos anos futuros, esta união traria muito sofrimento à alma dele. Idelette teve um aborto, perdeu uma filha durante o nascimento, deu à luz um filho que morreu duas sema-

nas após o nascimento. Mais tarde, Calvino escreveu: “Certamente o Senhor nos infligiu uma dolorosa ferida com a morte de nosso filho. Mas Ele próprio é pai e sabe o que é bom para seus filhos”.¹⁵ Idelette morreu de tuberculose em 1549, aos 40 anos de idade. Calvino nunca se casou novamente. Pelo resto de sua vida, ele se dedicou ao trabalho do Senhor com uma visão singular.

RETORNANDO PARA GENEBRA

Entrementes, o Conselho Municipal de Genebra enfrentava muitas lutas e pediu que Calvino retornasse como o pastor da cidade. Após dez meses de hesitação, ele aceitou o convite, com relutância, sabendo que muita hostilidade o aguardava. Calvino entrou mais uma vez na cidade em 13 de setembro de 1541, e não se mudaria novamente. Ele deixou sua marca em Genebra como o líder reformado e a mais brilhante luz da reforma.

O reformador chegou à cidade pregando. Reassumindo seu ministério no púlpito precisamente a partir do ponto em que o tinha deixado três anos antes — no versículo seguinte da exposição que fazia antes do exílio — Calvino tornou-se um sustentáculo, pregando várias vezes aos domingos e em algumas semanas durante todos os dias. A sua exposição das Escrituras, verso por verso, semana após semana, e mesmo dia após dia, faria de Genebra um célebre marco da verdade.

Neste tempo tumultuoso, começaram a afluir para Genebra protestantes franceses, conhecidos como huguenotes; protestantes da Escócia e da Inglaterra, pessoas santas que fugiam da fogueira dos mártires de “Maria, a Sanguinária”; e refugiados da Alemanha e da Itália. Estes buscavam livrar-se dos perigos que enfrentavam em suas terras, e em pouco tempo, a população de Genebra dobrou para mais de vinte mil pessoas. A cidade estava acalorada com estudantes da Palavra, e Calvino era o professor.

Dentre estes refugiados estrangeiros havia um escocês chamado John Knox que recomendava a igreja de Calvino em Genebra como sendo “a mais perfeita escola de Cristo desde os dias dos apóstolos”.¹⁶ Quando em Genebra, Knox fez parte de um grupo de exilados protestantes que ouviam as pregações expositivas de Calvino, e traduziu a Bíblia de Genebra para refugiados de língua inglesa. Esta tradução foi a primeira Bíblia com notas teológicas impressas nas margens das páginas, o que era uma extensão do ministério de Calvino no púlpito. Nos cem anos seguintes, ela se tornou a versão predominante entre os puritanos ingleses. Além disso, também era a versão oficial da igreja Protestante Escocesa, e a Bíblia de uso cotidiano dos protestantes de língua inglesa em todo o mundo. Os Peregrinos trouxeram a Bíblia de Genebra consigo para a América do Norte, no navio Mayflower. Ela se tornou a Bíblia preferida entre os primeiros colonizadores.

UMA INFLUÊNCIA EM EXPANSÃO

Sendo o maior comentador das Escrituras numa fortaleza de ensino bíblico, Calvino encontrou-se exercendo uma influência internacional de grandes proporções. Dentre os homens que tomaram o rumo de Genebra a fim de ouvir suas pregações, mil voltaram para a França, levando consigo as verdades bíblicas. Mais tarde, Knox veio a ser o líder da Reforma na Escócia. Outros deixaram Calvino a fim de fundar igrejas reformadas em países hostis aos protestantes como a Hungria, Holanda e Inglaterra. Porque a perseguição era uma certeza e o martírio, comum a estes santos, a escola de teologia de Calvino ficou conhecida como a “Escola da Morte, de Calvino”.

A imprensa também difundiu a influência de Calvino. Durante esse tempo, um homem chamado Denis Raguenier começou a fazer um registro escrito dos sermões de Calvino. Ele o fazia para uso pessoal e utilizava um sistema particular de taquigrafia. Eventualmente

este homem foi contratado para copiar os sermões “de uma hora”, os quais continham por volta de seis mil palavras. Ragenier realizou seu trabalho com surpreendente exatidão, dificilmente perdendo uma palavra. Estas exposições escritas logo foram traduzidas em várias línguas, conquistando uma ampla distribuição. A Escócia e a Inglaterra foram especialmente influenciadas pelas pregações impressas de Calvino. Mais tarde, o sínodo de Dort na Holanda (1618-1619), e a Assembléia de Westminster na Inglaterra (1643-1649), a qual esboçou a Confissão de Fé e os Catecismos de Westminster, tornaram-se frutos indiretos da pregação bíblica de Calvino. Até hoje, muitos de seus sermões continuam a ser publicados.

DIANTE DA ADVERSIDADE

Para Calvino, estes anos prolíficos em Genebra não foram numa “torre de marfim”. Enquanto subia ao púlpito regularmente, muitas dificuldades lhe sobrevinham de todos os lados. Fisicamente frágil, Calvino sofria de muitas indisposições, e também suportou ameaças físicas contra sua vida. Ainda assim, nunca parou de pregar.

Além disso, alguns grupos de cidadãos genebrinos causaram-lhe muita dor, sendo a maioria deles Libertinos, que se orgulhavam de sua pecaminosa licenciosidade. A imoralidade sexual era admissível, eles alegavam, argumentando que a “comunhão dos santos” significava que seu corpo deveria ser unido ao corpo da esposa de outros. Os Libertinos praticavam adultério abertamente e ainda assim desejavam participar da ceia do Senhor. Entretanto, Calvino não aceitava isso.

Num conflito épico, Philibert Berthelier, um eminente Libertino, foi excomungado por causa de sua conhecida promiscuidade sexual. Conseqüentemente ele foi proibido de participar da ceia do Senhor. Por meio da influência traiçoeira dos Libertinos, o Conselho Municipal anulou a decisão da igreja, e Berthelier e seus compa-

nheiros foram à igreja a fim de participar da ceia. Eles chegaram de espadas desembainhadas, prontos para lutar. Calvino desceu do púlpito cheio de coragem, colocou-se na frente da mesa onde se dispunham os elementos da ceia, e disse: “Vocês podem esmagar estas mãos, podem cortar fora estes braços, podem tirar minha vida, meu sangue é de vocês, podem derramá-lo, mas jamais me forçarão a dar as coisas sagradas ao profano e desonrar a mesa de meu Deus”.¹⁷ Berthelier e os Libertinos retiraram-se; não estavam à altura de convicções tão inabaláveis.

FIEL ATÉ O FIM

Conforme aproximava-se o fim de sua vida, Calvino encarou a morte da mesma forma como encarou o púlpito — com grande resolução. O teocentrismo de sua fé surge em seu último desejo e testamento, o qual ele ditou em 25 de abril de 1564:

Em nome de Deus, eu, João Calvino, servo da Palavra de Deus na igreja de Genebra... Agradeço a Deus não só por Ele ter sido misericordioso comigo, pobre criatura sua, e... por ter me tolerado em todos os pecados e fraquezas, mas principalmente por ter feito de mim um participante de sua graça a fim de servi-Lo por meio de meu trabalho... Confesso ter vivido e confesso que morrerei nesta fé que Ele me deu, porquanto não possuo outra esperança ou refúgio além de sua predestinação sobre a qual toda a minha salvação está baseada. Recebo a graça que Ele me ofereceu em nosso Senhor Jesus Cristo e aceito os méritos de seu sofrimento e morte, por meio dos quais todos os meus pecados estão enterados. Humildemente suplico que Ele me lave e limpe com o sangue de nosso grande Redentor... a fim de que ao aparecer diante dele seja semelhante a Ele. Além do

mais, declaro que me esforcei para ensinar sua Palavra de maneira imaculada, e para expor fielmente as Sagradas Escrituras, de acordo com a medida da graça que Ele me deu.¹⁸

Calvino morreu aos 54 anos em 27 de maio de 1564, nos braços de Theodore Beza, seu sucessor. Relembrando a vida de Calvino, Beza concluiu:

Por ter sido um espectador de sua conduta durante dezesseis anos, tenho dado fiéis informações sobre sua vida e morte, e posso declarar que nele todos os homens podem ver o mais belo exemplo de caráter cristão, um exemplo que é tão fácil de caluniar quanto difícil de imitar.¹⁹

É apropriado que as últimas palavras de Calvino — “Até quando, Senhor” — tenham sido palavras das Escrituras. Ele literalmente morreu citando a Bíblia, tendo se desenvolvido na obra e na vontade de Deus, fiel até o fim.

CALVINO: UM PREGADOR PARA TODAS AS ÉPOCAS

Após conhecer a vida significativa do reformador de Genebra, e especialmente sua devoção pelo púlpito, algumas perguntas imploram respostas: Que tipo de pregador era este homem notável? Como ele tratava desta sagrada obrigação de expor a Palavra de Deus? Quais eram as características deste célebre púlpito? O que os pregadores de hoje podem aprender com ele? Os assuntos seguintes deste livro são uma tentativa de mostrar as marcas peculiares da arte expositiva de Calvino.

Como resultado deste estudo, minha oração é que, agora mais do que nunca, aqueles por detrás do púlpito recuperem a arte da pre-

gação expositiva, a qual está desaparecendo. A igreja sempre busca *métodos* melhores para alcançar o mundo. Entretanto, Deus procura *homens* melhores, devotados ao método bíblico para o avanço de seu reino, a saber, a pregação — não qualquer tipo de pregação, mas a pregação *expositiva*.

Por isso, nada poderia ser mais relevante para os pregadores de nossa época — num tempo em que modas passageiras e truques para atrair atenção parecem hipnotizar os líderes das igrejas — do que observar mais uma vez o poder do púlpito do reformador de Genebra. Que uma nova geração de expositores levante-se para seguir, em seu ministério de pregação, as principais características do trabalho de Calvino.

Aproximando-se do Púlpito

Calvino não era um ditador em Genebra, governando o povo com mão de ferro. Ele nem sequer era cidadão de Genebra, e por isso não tinha o direito de exercer autoridade política. Sua posição social era simplesmente a de um pastor que não estava em condição de dar ordens às autoridades que administravam a cidade... A influência de Calvino sobre Genebra procedia não de sua reputação legal (a qual era insignificante), mas de sua considerável autoridade pessoal como pregador e pastor.¹

— ALISTER E. McGRATH

Ao nascer o sol, em mais um dia do Senhor na Genebra do século XVI, a majestosa Catedral de Saint Pierre pode ser vista elevando-se acima das casas. Dentro dela, o teto arqueado ergue-se muito acima de toda a extensão do santuário. Um sentimento de reverência fascina a alma dos adoradores que entram ali, e uma percepção da sublimidade do lugar

enche-lhes a mente. Mas a grandeza de Deus é demonstrada mais claramente neste santuário por meio da pregação da infalível Palavra. Esta antiga fortificação católica romana é agora uma fortaleza da verdade bíblica. Ela se tornou uma casa de adoração reformada — um lugar onde a exposição das Escrituras é preeminente.

Os cidadãos de Genebra se reúnem ali, absorvendo cada vez mais as verdades doutrinárias da Reforma Protestante. Junto com os genebrinos, também se fazem ali presentes huguenotes franceses que procuram escapar da tirania de sua terra, onde o pensamento romano estava arraigado. Há ainda refugiados da Escócia e da Inglaterra, os quais fogem das mãos de “Maria, a Sanguinária”, e outros exilados que afluem de toda a Europa, incluindo Alemanha e Itália.

Para um pequeno grupo de huguenotes franceses há pouco tempo em Genebra, esta é uma ocasião importante. A experiência de adoração que eles tinham era de reuniões isoladas, com poucos irmãos na fé, amontoados atrás de um celeiro na França. Caçados como animais, eles se escondiam dos soldados da cavalaria do rei da França. Quando escapavam destes soldados especialmente treinados e armados e chegavam à fronteira, eles seguiam para Genebra. Conforme se aproximavam da cidade, avistavam os altos pináculos de Saint Pierre, um cartão de boas-vindas. Eles seguiam pelas ruas pavimentadas até alcançar a elevada igreja. Pessoas de todos os tipos corriam para a catedral. As altas portas da frente se abriam para o interior do santuário, e aqueles fugitivos entravam com a multidão de adoradores. Eles nunca tinham entrado num lugar tão impressionante.

Quando os adoradores se reúnem, seus olhos são atraídos para o grande púlpito elevado bem acima do piso do santuário. Lá está ele, suspenso numa sólida coluna. Ao redor desta coluna há uma escada espiral que leva à plataforma de madeira onde se encontra o afamado púlpito. João Calvino regularmente sobe ali para expor a Palavra de Deus.

Ao começar o culto, os huguenotes descobrem que somente a

Palavra de Deus é cantada em Saint Pierre. Os salmos são trabalhados de forma a terem uma cadência métrica e servem como texto para todos os cânticos da congregação. O princípio regulador — baseado em *sola Scriptura* — reina nesse lugar. Conforme o culto prossegue, as pessoas cantam com toda a sinceridade de seu coração. A Palavra pregada nas semanas e meses anteriores levava-os a ter esse fervor. Os dias fúteis de mantras e de ritualismos vazios chegaram ao fim. Agora aquelas pessoas, bem ensinadas na Palavra, erguem sua voz para exaltar o Senhor.

Após os cânticos congregacionais, chega o momento mais esperado. Calvino levanta-se para expor o texto bíblico. Corações ficam maravilhados, almas estão atônitas. Convencidos e desafiados pela pregação expositiva do reformador, os huguenotes se reanimam em sua fé. Alguns deles estão tão estimulados que surpreendentemente decidem voltar para a França e enfrentar a ira da guarda real a fim de plantar igrejas protestantes. A pregação é realmente poderosa. A verdade que Calvino proclama é realmente eficaz. Aqueles protestantes franceses nunca tinham ouvido uma pregação como esta.

O QUE MARCOU A PREGAÇÃO DE CALVINO?

Sempre que Calvino assumia o púlpito de Saint Pierre, isso era considerado uma ocasião momentosa. Mas o que tornava a sua proclamação das Escrituras tão distinta? Quais as particularidades que tornavam sua pregação tão bem-sucedida?

Todo pregador que expõe a Palavra de Deus leva consigo, para o púlpito, valores essenciais. Estes inevitavelmente moldam a sua pregação. Seu ministério é governado pelo entendimento que ele tem das Escrituras, pelo lugar que ele concede à pregação e pela sua concepção de como esta deve ser conduzida. Calvino não era uma exceção. As suas crenças sobre a Palavra de Deus e a centralidade das Escrituras na vida da igreja definiam sua pregação muito antes de ele

levantar-se para expor a Palavra. As convicções profundamente arraigadas do reformador de Genebra sobre a autoridade suprema da Bíblia exigiam uma compreensão elevada do púlpito. Ele acreditava que a pregação deve ter primazia na vida da igreja porque a Palavra de Deus é soberana na vida das pessoas. Além disso, o compromisso com a incontestável autoridade da Bíblia o compeliu a pregar em livros inteiros da Bíblia, verso por verso.

Começaremos a refletir sobre as características da pregação de Calvino. Este capítulo focaliza o modo como ele se aproximava do púlpito. Antes mesmo de o sermão começar, as crenças e o entendimento de Calvino determinavam a natureza de sua pregação.

■ CARACTERÍSTICA Nº 1: AUTORIDADE BÍBLICA

Nos dias de Calvino, o principal assunto de controvérsia era a autoridade da igreja. As tradições da igreja, os decretos do Papa e as decisões dos conselhos eclesiais precediam a verdade bíblica. Entretanto, Calvino permaneceu firme sobre a pedra angular da Reforma — *Sola Scriptura*, ou “somente a Escritura”. Ele acreditava que as Escrituras eram o *verbum Dei* — a Palavra de Deus — e que somente ela podia regulamentar a vida da igreja, e não papas, conselhos ou tradições. *Sola Scriptura* identificou a Bíblia como autoridade *única* sobre a igreja de Deus, e Calvino abraçou essa verdade de todo o coração, insistindo que a Bíblia é a competente, inspirada, inerrante e infalível Palavra de Deus.

Calvino cria que quando a Bíblia era aberta e explicada de forma correta, a soberania de Deus era manifestada para a congregação imediatamente. Por isso, ele defendia que o principal encargo do ministro era pregar a Palavra de Deus. Ele escreveu: “Todo o seu serviço [dos ministros] é limitado ao ministério da Palavra de Deus; toda a sua sabedoria, ao conhecimento da Palavra; toda a sua eloquência, à proclamação da mesma”.² J. H. Merle D’Aubigné, o respeitado

historiador da Reforma, observou: “Do ponto de vista de Calvino, qualquer coisa que não estivesse alicerçada na Palavra de Deus era futilidade e ostentação efêmera; e o homem que não confiasse nas Escrituras deveria ser destituído de seu título de honra”.³ Com esta profunda convicção sobre a autoridade bíblica, Calvino repetidas vezes subia ao púlpito e pregava exclusivamente a partir “do puro fundamento da Palavra”.⁴

O reformador de Genebra sabia que a autoridade de sua pregação não se encontrava nele mesmo. Ele disse: “Quando subimos ao púlpito, não levamos conosco nossos sonhos e nossas fantasias”.⁵ Ele via o pregador — e em especial a si mesmo — meramente como um emissário enviado com a mensagem divina. Ele sabia que “assim que os homens se afastam da Palavra de Deus, ainda que seja em pequena proporção, eles pregam nada mais que falsidades, vaidades, mentiras, erros e enganosa”.⁶ É tarefa do expositor da Bíblia, acreditava ele, fazer com que a suprema autoridade da palavra divina influencie intensamente seus ouvintes.

Deste modo, Calvino admitia não possuir autoridade sobre os outros além do que as Escrituras ensinam: “É ordenado a todos os servos de Deus que não apresentem invenções próprias, mas que simplesmente entreguem aquilo que receberam de Deus para a congregação, da mesma forma como alguém que passa algo de uma mão para outra”.⁷ Ele estava certo de que a posição eclesiástica não era uma licença para acrescentar coisas à Palavra de Deus. Para Calvino, qualquer professor da Bíblia, independentemente de ser humilde ou notável, que decide “misturar suas invenções à Palavra de Deus, ou que sugere qualquer coisa que não faça parte dela, deve ser rejeitado, por mais ilustre que seja sua posição”.⁸

Esta compreensão da função do pregador produzia um forte senso de humildade em Calvino quando ele se levantava para pregar. Ele via a si mesmo *sob* a autoridade da Palavra. Conforme Hughes Oliphant Old explica: “Os sermões de Calvino... [revelam] um senso

elevado da autoridade das Escrituras. O próprio pregador acreditava que estava pregando a Palavra de Deus. Ele via a si próprio como servo da Palavra”.⁹ T. H. L. Parker concorda com esse pensamento: “Para Calvino, a mensagem das Escrituras é soberana; soberana sobre a congregação e soberana sobre o pregador. Sua humildade é demonstrada pela sua submissão a esta autoridade”.¹⁰

O grande respeito de Calvino pela autoridade bíblica também motivou uma profunda reverência pelas Escrituras. “A majestade das Escrituras”, ele disse, “merece que seus expositores façam-na evidente, que tratem-na com modéstia e reverência”.¹¹ A admiração que o reformador tinha pela Bíblia foi impulsionada por conta de sua variada combinação de ensinamentos simples, paradoxos profundos, linguagem comum, nuances complexas e uniformidade coesiva. Do ponto de vista de Calvino, explorar a altura, a largura, a profundidade e a amplitude da Bíblia era venerar seu Autor sobrenatural. Philip Schaff, um respeitado especialista na história dos protestantes, escreveu: “[Calvino] possuía a mais profunda reverência pelas Escrituras como a Palavra do Deus vivo e como a única infalível e suficiente regra de fé e obediência”.¹²

Para Calvino, lidar com as Escrituras era uma responsabilidade sagrada. Oliphant assimila bem esta idéia ao observar que “o próprio fato do seu ministério [de Calvino] consistir em expor a Palavra de Deus o enchia de forte reverência pelo dever que tinha diante de si”.¹³ Como Calvino resolutamente afirmou: “Devemos às Escrituras a mesma reverência que devemos a Deus, porque elas procedem somente dEle, e não há nada do homem misturado a elas”.¹⁴ Este era o inabalável alicerce da pregação de Calvino — a autoridade das Escrituras inspiradas por Deus. Ele cria firmemente que quando a Bíblia fala, Deus fala.

■ CARACTERÍSTICA Nº 2: PRESENÇA DIVINA

A crença resoluta de Calvino na inspiração bíblica o levou a

insistir que quando a Palavra é pregada, o próprio Deus está, de fato, presente. Ele acreditava que através da exposição da Palavra escrita de Deus, acontece uma manifestação única da sua presença em poder sobrenatural. “Onde quer que seja pregado o evangelho,” declarou Calvino, “é como se o próprio Deus viesse para o meio de nós”.¹⁵ Ele acrescentou:

É certo que se vamos à igreja, não ouviremos apenas um homem mortal falando, mas sentiremos que Deus (por meio de seu poder secreto) está falando à nossa alma; sentiremos que Ele é o professor. Ele nos toca de tal forma, que a voz humana entra em nós e nos favorece de modo que somos revigorados e alimentados por ela. Deus nos chama para si como se estivesse falando-nos por sua própria boca e pudéssemos vê-lo ali, em pessoa.¹⁶

O Espírito Santo, disse Calvino, está trabalhando ativamente na pregação da Palavra, e este poderoso ministério do Espírito era indispensável para o ministério expositivo de Calvino. Ele afirmava que durante a proclamação pública, “quando o pregador realiza sua incumbência com fidelidade, falando apenas o que Deus coloca em sua boca, o poder do Espírito Santo, o qual o pregador possui dentro de si, une-se à sua voz externa”.¹⁷ De fato, em toda pregação, ele afirmava, deve ser “desempenhada, pelo Espírito Santo, uma obra interior bem-sucedida no momento em que o próprio Espírito emite seu poder sobre os ouvintes, de forma que eles abracem, pela fé, o que está sendo dito”.¹⁸ Calvino acreditava que as pessoas não poderiam ouvir a Deus se o seu Espírito não estivesse trabalhando. Esta verdade o levou a dizer:

Que os pastores enfrentem todas as coisas sem medo,
por meio da Palavra de Deus, da qual foram constituídos

administradores. Que eles reúnam todo o poder, toda a glória e excelência do mundo a fim de conferir a primazia à divina majestade desta Palavra. Que, por meio dela, comandem a todos, desde a pessoa mais notável até a mais simples. Que edifiquem o corpo de Cristo. Que devastem o reino de Satanás. Que apascentem as ovelhas, matem os lobos, instruam e exortem os rebeldes. Que juntem e separem, que clamem com veemência, se for necessário, *mas que façam todas as coisas de acordo com a Palavra de Deus*.¹⁹

Por outro lado, Calvino observou que qualquer ortodoxia por parte do pregador atrai o juízo de Deus. O poder do Espírito, ele disse, “é apagado logo que os doutores em teologia começam a tocar trombetas diante de si ... para exibir sua eloquência”.²⁰ Em outras palavras, o Espírito Santo age nos ouvintes por meio de um pregador, só até o ponto em que a Palavra é ensinada com exatidão e clareza.

Não é de se admirar que esta crença na poderosa presença de Deus na pregação tenha influenciado a opinião de Calvino sobre o púlpito de forma tão profunda. Ele escreveu: “A missão de ensinar é confiada aos pastores com nenhum outro propósito senão o de que Deus seja ouvido através da pregação”.²¹ Para Calvino, um ministério de pregação capaz de transformar vidas requeria a presença divina em poder.

■ CARACTERÍSTICA Nº 3: A PRIORIDADE DO PÚLPITO

Além disso, Calvino acreditava que a pregação bíblica deve ocupar o lugar proeminente no culto de adoração. O que Deus tem a dizer ao homem é infinitamente mais importante do que as coisas que o homem tem a dizer para Deus. A fim de que a congregação adore apropriadamente, os crentes sejam edificadas e os perdidos sejam convertidos, a Palavra de Deus *deve* ser explicada. Nada deve tirar as

Escrituras do lugar mais importante no ajuntamento público.

A primazia da pregação bíblica na opinião de Calvino era inegável: “Certamente existe uma igreja de Deus onde vemos sua Palavra ser pregada e ouvida com exatidão, e onde vemos os sacramentos serem administrados de acordo com o que Cristo estabeleceu”.²² Por outro lado, “uma assembléia na qual não se ouve a pregação da doutrina sagrada não merece ser reconhecida como igreja”.²³ Em suma, Calvino defendia que a exposição da Bíblia deveria ocupar o primeiro lugar no culto de adoração, o que significa que pregar é o papel principal do ministro.

Entretanto, nem todos os tipos de pregação convêm. Calvino escreveu: “A verdade de Deus é mantida pela pregação autêntica do evangelho”.²⁴ E acrescentou: “A igreja de Deus será educada pela pregação autêntica de sua Palavra e não pelas invenções dos homens [as quais são madeira, feno e palha]”.²⁵ Ele sabia que quando a pregação sensata desaparece da igreja, a doutrina e a piedade também se apartam dela: “A piedade enfraquece rapidamente quando a vivificante pregação da doutrina cessa”.²⁶ Simplificando, Calvino cria que a igreja só pode ser edificada por meio “da pregação do evangelho, o qual está repleto de um tipo de majestade sólida”.²⁷ A pregação bíblica é ao mesmo tempo tão necessária e tão nobre.

De acordo com os Regulamentos da igreja de Genebra, de 1542, redigidos pelo próprio Calvino, o trabalho mais importante dos pastores, presbíteros e ministros é anunciar a Palavra de Deus com a finalidade de ensinar, repreender, corrigir e exortar,²⁸ e ninguém na história da igreja exemplificou melhor esta frase do que o próprio Calvino. Ele declarou: “O alvo de um bom professor é fazer com que os homens tirem os olhos do mundo a fim de que olhem para o céu”.²⁹ De forma semelhante: “O dever do teólogo não é entreter os ouvidos com algazarra, mas, fortalecer as consciências através do ensino de coisas verdadeiras, certas e proveitosas”.³⁰ *Esta é a pregação verdadeira.*

Enquanto a teologia da Reforma estabelecia suas bases — em grande parte devido à exposição de Calvino — mudanças dramáticas estenderam-se pela Europa. A exposição bíblica retornou ao seu lugar central na igreja. James Montgomery Boice mencionou esta reorganização quando escreveu:

Quando a Reforma espalhou-se pela Europa, no século XVI, houve uma elevação imediata da posição que a Palavra de Deus ocupava nos cultos protestantes. João Calvino particularmente realizou isso com perfeição, ordenando que os altares, que anteriormente eram o ponto de atração das missas em latim, fossem removidos das igrejas e que um púlpito com uma Bíblia fosse colocado no centro do prédio. Ele não deveria ser colocado num canto do auditório, mas bem no centro, onde cada fileira da arquitetura proporcionasse ao adorador a possibilidade de olhar para aquele Livro, que sozinho contém o caminho para a salvação e que esboça os princípios sobre os quais a igreja do Deus vivo deve ser governada.³¹

As convicções de Calvino forçavam a ênfase na prioridade do púlpito. Conforme a Bíblia foi aberta, a reforma expandiu-se.

■ CARACTERÍSTICA Nº 4: EXPOSIÇÃO SEQUENCIAL

Enquanto durou seu ministério, o método de Calvino consistia em pregar sistematicamente sobre livros inteiros da Bíblia. Raramente ele deixava o estudo de um livro. Parker escreveu: “Domingo após domingo, dia após dia, Calvino subia os degraus até ao púlpito. Lá, ele pacientemente conduzia sua congregação, verso a verso, livro após livro da Bíblia”.³² Raras eram as exceções a este padrão. “Quase todos os sermões de Calvino que foram registrados são séries interli-

gadas sobre os livros da Bíblia.”³³ Na qualidade de um pastor fiel, ele alimentava sua congregação com uma dieta regular de mensagens expositivas consecutivas.

O estilo verso-a-verso — *lectio continua*, ou seja, o das “exposições consecutivas”³⁴ — garantia que Calvino pregasse todo o conselho de Deus. Assuntos difíceis e controversos não podiam ser evitados. Palavras duras não podiam ser omitidas. Doutrinas complicadas não podiam ser negligenciadas. Todo o conselho de Deus pôde ser ouvido.

Uma vez que o ministério de Calvino havia chegado à maturidade, ele começou a pregar num livro do Novo Testamento nos domingos pela manhã e à tarde (embora pregasse em Salmos durante algumas tardes) e também num livro do Velho Testamento, nas manhãs, durante a semana”.³⁵ Deste modo, ele abordou a maior parte das Escrituras. “Os livros nos quais sabemos que ele pregou do primeiro ao último capítulo são: Gênesis, Deuteronômio, Jó, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, os profetas maiores e os menores, os evangelhos, Atos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e Hebreus. Seus últimos sermões foram no livro dos reis, no dia 2 de fevereiro, e nos evangelhos, no dia 6 de fevereiro de 1564.”³⁶

Um exemplo famoso de sua pregação verso-a-verso é visto em seu retorno para Genebra após ter sido banido três anos antes. Em setembro de 1541, Calvino reassumiu seu púlpito em Genebra e retomou sua exposição exatamente a partir do ponto em que a deixara três anos antes — no verso seguinte! De forma semelhante, Calvino ficou muito doente na primeira semana de outubro de 1558 e não voltou ao púlpito até 12 de junho de 1559, uma segunda-feira — quando prosseguiu do mesmo verso em que havia parado no livro de Isaías.³⁷ Este homem estava fortemente comprometido com a pregação expositiva seqüencial. Para Calvino, “o assunto que deve ser ensinado é a Palavra de Deus e a melhor forma de ensiná-la... era por meio de uma exposição metódica e constante, livro após livro”.³⁸

Os livros de estudo de Calvino freqüentemente demoravam até mais de um ano para ficarem prontos. Por exemplo, Calvino pregou “89 sermões em Atos entre 1549 e 1554, uma série mais curta em algumas das epístolas paulinas entre 1554 e 1558, e 65 sermões sobre a Harmonia dos Evangelhos entre 1559 e 1564. Nas manhãs dos dias de semana, ele também pregou uma série de sermões em Jeremias e Lamentações até 1550, nos profetas menores e em Daniel de 1550 a 1552, 174 sermões em Ezequiel, de 1552 a 1554, 159 sermões em Jó, de 1554 a 1555, 200 sermões em Deuteronômio, de 1555 a 1556, 353 sermões em Isaías, de 1556 a 1559, 123 sermões em Gênesis, de 1559 a 1561, uma curta série em juízes, em 1561, 107 sermões em 1 Samuel e 87 sermões em 2 Samuel, de 1561 a 1563, e uma série em 1 Reis, em 1563 e 1564”.³⁹

Não importava se o livro fosse longo, como Gênesis ou Jó, ou curto como as epístolas do Novo Testamento, Calvino estava determinado a pregar em cada verso. O seu jeito de pregar foi um fator que contribuiu de forma significativa para o poder que emanava de seu púlpito em Genebra. De fato, havia um *momentum* crescente conforme Calvino pregava de forma seqüencial nos livros da Bíblia, construindo cada mensagem sobre a anterior. O argumento do livro se tornava mais poderoso à medida que Calvino explicava cada página.

UMA VISÃO ELEVADA DA PREGAÇÃO

A elevada visão que Calvino possuía acerca da pregação era sustentada por uma visão elevada de Deus, uma visão elevada das Escrituras, e uma visão correta do homem. Para Calvino, as quatro características abordadas neste capítulo — autoridade bíblica, presença divina, prioridade do púlpito e exposição seqüencial — estavam inseparavelmente ligadas. Ou permaneciam de pé juntas, ou caíam juntas.

Nas palavras de Calvino, a pregação é “a viva voz” de Deus “em

sua igreja”.⁴⁰ Seu raciocínio era o seguinte: “Deus cria e multiplica sua igreja somente por meio de sua Palavra... É só pela pregação da graça de Deus que a igreja escapa de perecer”.⁴¹ Este era o compromisso de Calvino com a pregação, e também deve ser o de todos os pregadores que se baseiam no mandato das Escrituras.

Onde podemos encontrar homens de Deus iguais a este hoje em dia? Onde estão os pregadores semelhantes a Calvino, que pregam a Palavra com compromisso resoluto? Onde estão os pastores que acreditam que Deus está com eles de forma singular enquanto sobem ao púlpito a fim de pregarem sua Palavra? Onde estão os pastores que priorizam a pregação da Palavra no culto de adoração? Onde estão os expositores que pregam livros inteiros da Bíblia, consecutivamente, mês após mês, e ano após ano?

É extremamente necessário um retorno à pregação bíblica, o que há muito se espera. Este era o caso da Genebra do século dezois, e este é o caso da igreja de hoje. Que Deus levante uma nova geração de expositores que estejam equipados e capacitados para proclamar a Palavra.

A Preparação do Pregador

Eis o segredo da grandeza de Calvino e a fonte de sua força revelada a nós. Homem algum jamais teve um senso mais profundo de Deus do que ele. Homem algum jamais se rendeu totalmente à direção divina como ele o fez.¹

— BENJAMIM B. WARFIELD

Dentre todas as outras coisas, uma paixão suprema encantava João Calvino: a glória de Deus. Calvino acreditava que toda a verdade revelada nas Sagradas Escrituras tinha a intenção de tornar conhecida a glória de Deus e de fazer o leitor contemplar e adorar sua majestade. De semelhante modo, o pecado era um ataque frontal à majestade de Deus; qualquer intuito, pensamento ou ação contrários às Escrituras arruinavam a glória de Deus. Então, Calvino considerou como seu dever mais importante defender a honra do nome divino. O

alicerce de sua teologia, vida e ministério era *solī Deo gloria* — “glória a Deus somente”.

Por esta razão, Calvino escreveu em seu último testamento: “Sempre apresentei com fidelidade aquilo que considerava ser para a glória de Deus”.² Este era o seu alvo mais elevado. John Piper escreveu: “Acho que um lema que poderia caracterizar toda a vida e todo o trabalho de João Calvino seria o seguinte: *Zelo em demonstrar a glória de Deus*. O sentido essencial da vida e da pregação de João Calvino é que ele recuperou uma paixão pela absoluta realidade e majestade de Deus”.³

Não surpreende que este compromisso com a glória de Deus tenha exercido tão grande influência na exegese bíblica de Calvino. Quando ele estudava, era para contemplar a majestade de Deus. Assim, a preparação de sua mensagem não era voltada aos outros em primeiro lugar; era, antes de mais nada, para seu próprio coração. Com o auxílio do Espírito e uma firme disposição para com a autoridade bíblica, Calvino seguiu seu Criador com empenho. E, enquanto fazia isso, o Senhor subjugou seu espírito e cravou dentro dele uma admiração, cheia de temor, pelas excelências de Cristo. Semana após semana de cuidadosa preparação para a pregação expositiva sequencial produziu em Calvino uma visão sublime de Deus que levou sua mente e coração a permanecerem firmes em seu Redentor.

Um sermão é simplesmente uma expansão da vida do pregador, por isso, o homem de Deus deve preparar bem o seu coração. Um sermão não se eleva mais do que a alma do pregador diante de Deus. Visto que foi demonstrado o compromisso de Calvino com a glória de Deus, como ele alimentava sua mente nas Escrituras? Como ele cultivava seu coração diante de Deus? Quais compromissos fortaleceram seu implacável desejo de estar sempre no púlpito? Consideraremos estas questões neste capítulo, conforme enfatizamos a preparação de Calvino para pregar a Palavra de Deus.

■ CARACTERÍSTICA N° 5: UMA MENTE ZELOSA

Toda preparação para pregar começa com a mente. Calvino entendeu que devia ficar cheio do conhecimento correto da Bíblia, se quisesse magnificar a glória divina. Na qualidade de um expositor fiel, ele também sabia que uma abrangente compreensão das Escrituras era um pré-requisito imprescindível para a pregação que honra a Deus e transforma vidas. Ele escreveu: “O pastor, por meio de muito estudo, deve estar bem preparado para oferecer às pessoas uma variedade de instruções sobre a Palavra de Deus, como se ele mesmo possuísse um estoque de coisas espirituais”.⁴ Isto equivale a dizer que o pregador só pode pregar a grandeza de Deus até ao ponto em que ele entende a Bíblia.

Por causa deste compromisso, Calvino considerava o estudo diligente uma grande recompensa. Sabendo que um profundo conhecimento da Bíblia só é possível por meio de muito tempo empregado no texto, ele fez do estudo disciplinado das Escrituras um estilo de vida, e permanecia estudando o texto até que o seu significado estivesse claro. Ele escreveu:

Todos devemos ser alunos das Sagradas Escrituras até ao fim, e igualmente aqueles designados para proclamar a Palavra. Se subimos ao púlpito, é sob esta condição: que aprendamos enquanto ensinamos aos outros. Não estou falando aqui apenas para que me ouçam, mas eu também, de minha parte, devo ser um aluno de Deus, e a palavra que sai de meus lábios deve ser benéfica para mim mesmo, do contrário, ai de mim! Os mais habilidosos com as Escrituras são tolos, a menos que reconheçam que precisam de Deus como seu professor todos os dias de sua vida.⁵

Além de auxiliar na preparação das pregações e aulas bíblicas, os estudos frequentes de Calvino sobre passagens específicas das Escrituras, em seus volumosos escritos, aprofundaram seu conhecimento da Bíblia. No total, há mais de três mil referências e citações das Escrituras nas *Institutas*. Seu amplo *Comentário da Bíblia* é um dos maiores comentários bíblicos escritos por um único homem. Ele é formado por quarenta e cinco volumes com mais de quatrocentas páginas cada, sendo a maioria dos comentários tirada de suas aulas. O comentário trata de todos os livros no Velho Testamento, exceto quinze, dentre os quais encontram-se Jó e 1 e 2 Samuel, nos quais ele pregou de forma ininterrupta. Calvino também comentou todos os livros do Novo Testamento, com exceção de 2 e 3 João e Apocalipse. Além disso, Calvino escreveu dezenas de tratados teológicos que eram explicações cuidadosas e defesas de posições bíblicas importantes. Estes trabalhos abrangem muitos assuntos, desde o relacionamento entre a igreja e o estado, a predestinação, a providência, até a refutação dos erros dos anabatistas e dos católicos romanos.

Como resultado de seu estudo intenso na Palavra, Calvino “conhecia muitos trechos de cor, os quais ele utilizava como referências rápidas e eficazes. Além disso, ele incorporou as metáforas e imagens da Bíblia, seus conceitos e nuances à sua vida e à sua forma de pensar”.⁶ Resumindo, ele *conhecia* a Bíblia; ele a *absorvera* em sua memória vivaz, e a *recebera* em seu coração devotado. A preparação necessária para pregar é uma disciplina árdua, mas Calvino não media esforços.

■ CARACTERÍSTICA Nº 6: UM CORAÇÃO DEVOTADO

Calvino acreditava não só que a mente precisa ser cheia da verdade da Palavra, mas também que o coração deve ser devotado à piedade. Na opinião dele, não existia esta coisa de ministro não santificado. O sucesso do pregador dependia da profundidade de sua santidade. Em

público ou em particular, em seus estudos ou na rua, o homem de Deus tinha de se afastar do pecado e seguir a santidade. Calvino observou: “O chamado de Deus traz consigo [a exigência de] santidade”.⁷ Por esta razão, ele acreditava que o pastor deve manter sua vida e doutrina sob rigorosa vigilância. O homem de Deus deve cultivar uma visão elevada do Senhor e tremer diante de sua Palavra. Calvino escreveu: “Nenhum homem pode lidar de forma correta com a doutrina da piedade, a menos que o temor de Deus reine... dentro dele”.⁸

Calvino era um homem que verdadeiramente temia ao Senhor, e este reverente temor de Deus purificou sua devoção à Ele. A rejeição que o reformador experimentou quando banido de Genebra (1538-1541) serviu apenas para intensificar sua vontade resoluta de conhecer e servir a Deus. Quando o conselho municipal de Genebra revogou sua expulsão e pediu o retorno de Calvino, ele escreveu a William Farel: “Porque sei que não sou meu próprio mestre, ofereço meu coração como um sacrifício verdadeiro ao Senhor”.⁹ Este gesto de devoção a Deus tornou-se o lema pessoal do reformador genebrino. Em seu selo pessoal, o emblema é um par de mãos humanas entregando um coração para Deus. A inscrição diz: *Cor meum tibi offero, Domine, prompte et sincere* — “Meu coração a Ti ofereço, ó Senhor, com prontidão e sinceridade”. As palavras *prontidão* e *sinceridade* descrevem adequadamente como Calvino acreditava que deveria viver diante de Deus, ou seja, em *completa* devoção a Ele.

Ao manter este compromisso, Calvino continuamente estimulava o fervor de sua alma por meio da oração e de uma atitude devotada. “Duas coisas estão unidas”, ele confessou, “ensino e oração. Deus deseja que a pessoa designada por Ele para ser um professor em sua igreja seja diligente em orar”.¹⁰ O trabalho de Calvino com a pregação, o ensino, o pastoreio e seus escritos — *toda* a sua vida e ministério — estavam sempre ligados à fervorosa oração. Por conta de sua piedade, a tirania dos muitos assuntos sérios que o pressionavam perdeu o poder.

Na opinião de Calvino, tal piedade era absolutamente essencial para um pregador da Palavra de Deus. Ele acreditava que um pregador deveria “falar não tanto com a boca quanto com as disposições do coração”.¹¹ Ele estava convencido de que o homem de Deus e sua mensagem eram inseparáveis. Ele escreveu: “Homem nenhum está apto para ser um mestre na igreja, salvo aquele que... se submete... a ser um discípulo da mesma forma que outros homens”.¹² Para Calvino, “doutrina sem zelo é como uma espada na mão de um louco; serve para uma ostentação vã e perversa”.¹³ Em outras palavras, a luz da verdade deve produzir o fervor da devoção a Deus. Entender este aspecto do caráter de Calvino é crucial para qualquer discernimento a respeito de sua pregação.

■ CARACTERÍSTICA Nº 7: UMA DETERMINAÇÃO INABALÁVEL

O zelo que marcou o estudo de Calvino e a sua busca por piedade pessoal refletiram-se em seu trabalho. Nos registros da história da igreja poucos homens dedicaram-se mais à pregação do que este genebrino. Com energia abundante e um alvo retilíneo, ele proclamou a Palavra de Deus. Simplificando, Calvino era “um homem resoluto”.¹⁴

A determinação do reformador pode ser vista em sua carta a um *Monsieur de Falais*, em 1546: “Com exceção dos sermões e das aulas, faz um mês que não faço quase nada, de forma que quase me envergonho de viver assim, sem utilidade”.¹⁵ É preciso observar que Calvino pregara *somente* vinte sermões naquele mês e dera *apenas* vinte aulas. Ele dificilmente poderia ser considerado o servo inútil que pensava ser.

Esta atividade inabalável se traduzia na exposição das Escrituras de uma forma quase que contínua. As evidências indicam que, durante todo o seu ministério, Calvino pregou em larga escala. O reformador genebrino estava quase *sempre* no púlpito.

Pouco se sabe acerca de seus horários de pregação nos primeiros anos de pastorado em Genebra. Douglas Kelly fez a seguinte observação: “Não estamos certos sobre a frequência com que Calvino pregava, ou sobre os livros das Escrituras que ele pode ter comentado durante sua primeira estada em Genebra”.¹⁶ Após ser banido pelo conselho municipal, ele tornou-se pastor da igreja francesa em Estrasburgo de 1538 a 1541, onde ensinava ou pregava quase todos os dias, e também pregava duas vezes por domingo. Ao voltar para Genebra, ele aparentemente pregou “duas vezes por domingo e uma vez ao dia nas segundas, quartas e sextas-feiras”.¹⁷

No outono de 1542, alguns colegas de Calvino o estimularam a pregar com mais frequência, e ele concordou em fazê-lo. Mas isto foi um fardo pesado demais e, após dois meses, o conselho o desobrigou de pregar mais que duas vezes por domingo. Entretanto, ele continuou a pregar três noites por semana durante sete anos:

Antes de 1549, ele pregava três dias por semana às cinco horas da tarde, e havia três cultos por domingo, um ao romper do dia, outro às nove horas e o último às três. Após essa data, o número aumentou para um sermão por dia, e tornou-se uma prática constante de Calvino, exceto quanto impedido por doença ou por ausências ocasionais. Ele pregava às nove e às três horas todos os domingos, e, em semanas alternadas, pregava diariamente! Assim, era comum que ele pregasse não menos que dez vezes por quinzena para a mesma congregação.¹⁸

Calvino manteve este exigente horário de pregação pelo resto de sua vida. Ele era tão dedicado ao púlpito que Rodolphe Peter estimou que Calvino teria pregado ao todo quatro mil sermões, dos quais apenas 1.500 foram preservados.

Calvino não se prendia exclusivamente ao púlpito, deixando de ter interesse pela vida dos outros santos. Em vez disso, liderou sua

congregação com fidelidade e num nível pessoal. Philip E. Hughes fez o seguinte comentário acerca dos muitos esforços de Calvino:

Este autor prolífico também estava diariamente ocupado em muitas outras tarefas — pregando todos os dias em semanas alternadas, ensinando teologia três vezes por semana, sempre assumindo seu lugar nas sessões do Consistório, dando instrução ao clero, fazendo discursos para o Conselho e participando do governo de sua cidade, visitando os doentes, aconselhando os que estavam com problemas, recebendo os numerosos visitantes que vinham de perto ou de longe, e dedicando-se aos seus amigos de todo o coração, num companheirismo que significava muito para ele mesmo e também para os outros. Não admira que Wolfgang Musculus tenha falado dele como alguém que era uma mão sempre à disposição!¹⁹

Era típico de Calvino continuar pregando e desempenhando suas outras tarefas sem se preocupar muito com seu bem-estar físico. Sua vontade resoluta o fez suportar muitas doenças. Por exemplo, em 1564, ele escreveu aos seus médicos descrevendo suas cólicas, sua situação ao cuspir sangue, seus acessos de calafrio, e os “sofrimentos dolorosos” das hemorróidas.²⁰ Mas o pior de tudo parece ter sido o problema de pedra nos rins, para o que não havia alívio com sedativo algum. Entretanto, essas contrariedades físicas raramente tornaram Calvino menos ativo. Ele subia ao púlpito tantas vezes quanto sua saúde permitia, e era extremamente decidido.

Mesmo quando Calvino estava acamado, com pouca saúde, nunca agiu como um inválido. Em vez disso, ele se comportava de maneira incansável. Theodore Beza, um amigo chegado, recordou que em 1558, devido a uma doença grave, foi preciso que Calvino parasse de pregar, de dar aulas e de cumprir suas outras tarefas pas-

torais e cívicas; então, ele passou dias e noites ditando e escrevendo cartas. “Não havia expressão mais freqüente em seus lábios”, escreveu Beza, do que dizer que “a vida lhe seria amarga caso fosse gasta em indolência”.²¹ No final, Calvino, de fato, tornou-se inválido, mas era carregado para a igreja numa maca a fim de pregar. Nada o mantinha afastado do púlpito.

Se os problemas de saúde nunca impediram Calvino, a oposição à sua pregação também não o fez. Ele desenvolveu profundas convicções a respeito dos assuntos abordados pela Bíblia. O intenso estudo do texto gravou as verdades da Palavra em sua alma. Como resultado, Calvino “creu, por isso é que falou” (ver 2 Co. 4.13; Sl 116.10), mesmo diante de violenta perseguição.

Conforme vimos no capítulo 1, Calvino, quando ainda era recém-convertido, possivelmente escreveu um discurso para o reitor da Universidade de Paris; discurso este que apelava por reforma. Ele foi obrigado a fugir da cidade por causa de seu ponto de vista. Mais tarde, depois de ter assumido o ministério em Genebra havia apenas dois anos, foi arrancado de seu púlpito e exilado por três anos. Mesmo quando pediram-lhe que voltasse, a oposição foi forte. Philip Schaff escreveu:

Os adversários de Calvino eram, com poucas exceções, os mesmos que o haviam expulsado em 1538. Eles nunca consentiram cordialmente com a sua chamada de volta. Por um tempo, aqueles homens cederam à pressão da opinião pública e à necessidade política, mas quando Calvino efetuou o esquema de disciplina com muito mais rigor do que esperavam, eles revelaram sua velha hostilidade, e tiraram vantagem de cada ato censurável do Consistório ou do Conselho. Eles o odiavam mais do que ao papa. Detestavam a própria palavra “disciplina”. Recorriam às injúrias pessoais e a cada artifício de intimidação que conheciam; apelidavam-no de “Caim” e

davam seu nome aos cães da rua; insultavam-no durante o percurso que fazia até o lugar onde lecionava; certa noite, dispararam cinquenta tiros diante de seu quarto; eles o ameaçaram no púlpito; uma vez, aproximaram-se da mesa da ceia do Senhor a fim de arrancar o pão e o vinho das suas mãos, mas ele se recusou a profanar o sacramento e os enfrentou. Em outra ocasião, Calvino entrou no meio de uma multidão irritada e ofereceu o peito aos punhais deles. Em 15 de outubro de 1554, ele escreveu para um velho amigo: “De todos os lados cães latem para mim. Em toda parte sou saudado com o nome de ‘herege’, e todas as calúnias que podem ser inventadas são amontoadas sobre mim. Numa palavra, os inimigos dentre meu próprio rebanho atacam-me com maior crueldade do que meus inimigos declarados dentre os papistas”.²²

Calvino sempre perseverou no ministério, sempre sem negligenciar o Senhor, seu principal espectador. Charles H. Spurgeon confessou: “Eu amo aquele homem de Deus, que sofreu a vida toda, e suportou não só perseguições de fora, mas uma confusão de tumultos que vinham de dentro da própria igreja, não deixando ainda assim de servir seu Mestre de todo o coração”.²³

Entretanto, Calvino era rápido em dar à graça divina o crédito por sua persistência, afirmando que “ao passar por árduas e difíceis lutas, as pessoas são fortalecidas pelo Senhor de um modo especial”.²⁴ Calvino simplesmente acreditava que a pregação poderosa é resultado de um forte direcionamento interior, e isto vindo de Deus. Ele declarou que a fraqueza mental e voluntária não tem lugar no coração de um pastor. Ele escreveu: “Nada é mais contrário à pregação pura e livre do evangelho do que os dilemas de um coração covarde”.²⁵

ZELO PELA GLÓRIA DE DEUS

Enquanto homem, escritor e teólogo, Calvino era incansável em sua busca por Deus. Ele era um estudante zeloso da Bíblia e um fervoroso servo do Senhor. Semana após semana, mês após mês, ano após ano e década após década ele se dedicava a um determinado texto bíblico e depois o fazia conhecido ao seu povo.

O estudo persistente, a piedade pessoal e o ministério inabalável eram mantidos por um intenso desejo de ver Deus glorificado. Para Calvino, “os pregadores não podem desempenhar com vigor a sua ocupação, a menos que tenham a majestade de Deus diante dos olhos”.²⁶ Calvino defendeu até o fim que “a majestade de Deus está... inseparavelmente ligada à pregação pública de sua verdade... deixar de conferir a autoridade à Palavra dEle é o mesmo que tentar colocá-lo para fora do céu”.²⁷ Esta ênfase em defender a glória de Deus deu sentido à sua vida, ao seu ministério e, especialmente, à sua pregação.

No momento em que vivemos, é essencial que os pregadores recobrem uma visão elevada da supremacia de Deus. A pregação que muda vidas e altera a história acontece somente quando pastores recuperam uma visão elevada da resplandecente santidade de Deus e são ofuscados pela sua absoluta soberania. Pensamentos grandiosos sobre a transcendente glória de Deus *devem* fascinar a alma dos pregadores.

Que você seja alguém que deixa de lado os pensamentos triviais sobre Deus. Uma visão vulgar de Deus conduz somente à mediocridade. Entretanto, uma visão elevada de Deus inspira santidade e um espírito resolutivo. Que você eleve-se às alturas dos montes e contemple, como fez Calvino, a comovente glória de Deus.

Iniciando o Sermão

Os sermões de Calvino geralmente prolongavam-se por uma hora e eram exposições consecutivas. Ele começava no primeiro versículo do livro e, então, tratava de seções contínuas, de quatro ou cinco versos, até que chegava ao fim e, neste ponto, dava início a outro livro.¹

— JAMES MONTGOMERY BOICE

Quando João Calvino subia ao púlpito, havia diante dele um propósito todo cativante — a fiel exposição das Escrituras. Sua mente não se distraía com as diversas tarefas do ministério contemporâneo. Ele não precisava do espetáculo moderno dos anúncios prolongados, os quais em sua maioria são de natureza trivial. Ele não se sacudia ao som dos estímulos artificiais da música eletrizante que frequentemente é empurrada para dentro de nossas igrejas hoje em dia. Em vez disso, com um pensamento singular, com um espírito sublime

e uma mente magnificada pelas coisas do alto, Calvino persistia em fazer sermões que revelavam a incomparável glória de Deus. E tudo isto começava com uma introdução intencional e poderosa.

As introduções de Calvino permitiam que ele chegasse ao texto o mais rápido possível. Ele não tinha a intenção de usar muito do valioso tempo com assuntos alheios à passagem, nem deixava que seus comentários iniciais o distraíssem do tema principal. Ele disse: “Sou, por natureza, fã da brevidade”,² e isso era evidente em suas introduções, que eram diretas e concisas, indo direto ao assunto. Do mesmo modo como uma entrada que dá acesso a uma rodovia de trânsito rápido, as introduções de Calvino rapidamente levavam a congregação a entrar no fluxo de seu pensamento.

Na maioria das vezes, Calvino começava com uma revisão sucinta dos versos anteriores nos quais ele pregara. Esta revisão era um tipo de exposição abreviada. T. H. L. Parker observou: “Após uma breve introdução para lembrar a congregação do que a passagem anterior dizia e, assim, colocar os próximos versos em seu contexto, ele embarcava na exposição das sentenças”.³ Outras vezes ele optava por um pensamento penetrante relacionado com o tema central da passagem.

Este capítulo examina as introduções dos sermões expositivos de Calvino. Como ele iniciava suas mensagens? Quais eram os alvos de seus comentários iniciais? Que traços distinguiram as introduções de Calvino?

■ CARACTERÍSTICA Nº 8: DIRETO AO ASSUNTO

Calvino não começava suas mensagens com uma citação atraente de outro autor ou fazendo alguma referência expressiva a outro teólogo. Ele não começava com ilustrações da história da igreja ou do mundo como um todo. Não começava aludindo à cultura ou se referindo aos tempos tumultuosos em que ele vivia. Não

começava com uma anedota de sua própria vida. Nenhum destes métodos são intrinsecamente errados, mas não eram aspectos do estilo de Calvino.

Em vez disso, Calvino escolheu introduzir suas mensagens de uma maneira direta; uma maneira que levava seus ouvintes de imediato ao texto bíblico. Ele não era um orador eloquente, mas sim um expositor dos ensinamentos bíblicos. Acima de tudo, ele desejava trazer seu povo às Escrituras. Como resultado, Calvino começava com uma declaração penetrante, dirigindo a congregação à passagem que tinham diante de si.

Algumas sentenças iniciais dos sermões que Calvino pregou no livro de Miquéias são exemplos clássicos de suas introduções breves. Estas linhas iniciais revelam como Calvino freqüentemente usava suas primeiras palavras para encaminhar os ouvintes ao texto por meio de uma revisão da passagem do sermão anterior. Precisamos lembrar que estes sermões em Miquéias foram pregados em noites consecutivas, de segunda a sábado. Isto explica a repetição da palavra “ontem”:

Ontem, vimos como Miquéias proclamou o juízo de Deus contra todos os incrédulos.⁴

Nesta passagem, Miquéias demonstra em nome de quem ele fala, reconhecendo atribuir o poder e a autoridade à Palavra de Deus.⁵

Ontem, analisamos o que Miquéias diz aqui: que por causa de nossa malícia e rebelião somos privados da salvação e, a menos que o próprio Deus nos ensine, não resistiremos por muito tempo.⁶

O uso das introduções como revisões breves era especialmente claro na pregação do dia do Senhor, quando geralmente ele fazia dois

sermões no mesmo livro da Bíblia, o primeiro de manhã, e o segundo à tarde, a partir dos versos seguintes. Em tais sermões, suas introduções serviam como revisões gerais das mensagens anteriores. Neste sentido, cada mensagem era fundamentada na anterior. Este era o caso, por exemplo, das introduções da série que Calvino pregou no livro de Gálatas.⁷

Nesta manhã, vimos que, quando Deus nos uniu ao corpo do Senhor Jesus Cristo, Ele chamou cada um de nós para ser um sacrifício vivo.⁸

Da última vez, vimos que precisamos ter confiança no fato de que o evangelho é verdadeiro.⁹

Nesta manhã, fizemos uma análise completa do fato de que, embora a lei não possa nos justificar e nos tornar aceitáveis a Deus, ela não foi estabelecida em vão.¹⁰

Estas introduções curtas determinavam o andamento do restante das mensagens de Calvino. Uma introdução direta inevitavelmente daria início a um sermão poderoso.

■ CARACTERÍSTICA Nº 9: PREGAÇÃO SEM ESBOÇO

Quando Calvino subia ao púlpito, ele não levava consigo um esboço do sermão. Não porque negligenciasse o estudo intenso e a rigorosa preparação, conforme alguns acreditam. Na verdade, o reformador costumava estar bem preparado no texto sobre o qual pregaria. Conforme temos visto, ele estudava com a maior diligência antes de ir ao púlpito. Como ele mesmo disse:

Se eu subisse ao púlpito sem ao menos ter olhado para o livro, e pensasse de forma frívola: “Ah, bem, quando eu começar a pregar, Deus me dará o suficiente para di-

zer” e, então, viesse aqui sem me preocupar com o texto que leria ou sem pensar no que devo declarar, e se não considerasse com cuidado uma maneira de aplicar as Sagradas Escrituras para a edificação do povo, eu seria um pretensioso arrogante.¹¹

Calvino fez uma escolha consciente quanto a expor as Escrituras sem ter anotações diante de si. Consciente de que devia falar a pessoas comuns, dentro da realidade em que viviam, e não a teólogos profissionais. Ele queria que seus sermões tivessem um caráter pastoral e uma fala natural. Confiando no Espírito Santo, ele permanecia diante das pessoas com nada mais que uma Bíblia aberta e contava com seu minucioso estudo da passagem. A exposição que resultava desta prática era uma explicação clara e concisa do texto, acompanhada de uma aplicação prática e de uma exortação impetuosa.

Indiscutivelmente, o intelecto brilhante de Calvino era um fator essencial para a sua elocução espontânea. Sempre que ele assumia o púlpito, tudo que estudara para um sermão em particular, assim como a sua preparação para as outras responsabilidades de ensino era empregado no texto que ele tinha diante de si naquele momento. Num sentido real, por trás de cada mensagem havia toda uma vida de estudos. Hughes Oliphant Old observou: “Este mesmo tipo de concentração... o capacitou a pregar sem anotações ou esboço... O sermão em si era elaborado diante da congregação”.¹²

Com tal estilo espontâneo, Calvino tentou se afastar da metodologia comum em seus dias, segundo a qual o pregador simplesmente lia suas anotações de forma seca e sem vida. O reformador dizia: “Parece-me que existem poucas pregações vívidas no Reino. A maioria dos pastores prega lendo um discurso previamente escrito”.¹³ Assim, Calvino acreditava que a pregação espontânea ajudava a produzir uma eloquência “vívida”, a qual é marcada por energia e entusiasmo.

■ CARACTERÍSTICA Nº 10: CONTEXTO BÍBLICO

Conforme sua introdução se desenvolvia, Calvino rapidamente demonstrava o contexto da passagem em que pregaria. No início da mensagem, o alvo de Calvino era levar a congregação ao conhecimento do pensamento do autor bíblico, bem como do público original ao qual ele se dirigia. Mais especificamente, seu desejo era mostrar o raciocínio lógico do texto, a razão pela qual o autor prosseguira da linha de pensamento do texto anterior para a verdade que ele estava considerando naquele determinado ponto. Ao fazer isso, Calvino freqüentemente demonstrava como o texto de seu sermão se encaixava na estrutura argumentativa do livro todo.

A habilidade de Calvino em anunciar o contexto de uma passagem é evidente nestes exemplos de seus sermões no livro de Gálatas:

Já vimos que os gálatas haviam se desviado, apesar de terem sido fielmente ensinados por Paulo, que trabalhara diligentemente entre eles. Não é que eles tenham de todo rejeitado a Cristo ou o evangelho, mas se deixaram enganar de maneira muito fácil, e seguiram falsas doutrinas (o que acontece com freqüência!). Eles ainda se reuniam em nome do Senhor Jesus Cristo e usavam o batismo como sinal de fé, mas haviam corrompido sua religião adicionando superstição e idolatria a ela. Assim, os gálatas ainda se referiam a si próprios como parte da igreja de Deus, mas se enredaram em muitos ensinamentos tolos.¹⁴

Na última vez, demonstramos que a lei veio depois da promessa de Deus de ser gracioso com a casa de Abraão. Deus prometera graça e os judeus deviam confiar nesta promessa para sua salvação, sabendo que Deus misericordiosamente lhes mandaria um Redentor, por meio de

quem eles obteriam remissão de seus pecados. Disto Paulo concluiu que a lei (a qual veio depois da promessa) não anulou o que fora ordenado e estabelecido por Deus.¹⁵

Como estes exemplos indicam, Calvino era cuidadoso em demonstrar a maior e mais admirável cadência do livro. Ele entendeu que um texto deve ser visto à luz de seu contexto mais amplo, a fim de ser entendido de forma correta. Assim, ele achava que deveria expor o contexto, ainda que brevemente, antes de investigar as partes complexas da passagem designada. Ele primeiro considerava o todo antes de explorar as partes.

■ CARACTERÍSTICA Nº 11: TEMA DECLARADO

Em sua introdução, Calvino também revelava, com frequência, a proposição da mensagem. Às vezes chamada de enunciado da tese ou afirmação principal. A proposição anuncia a essência da mensagem de forma sucinta. Por causa desta prática, raramente havia dúvida sobre qual seria o assunto da mensagem de Calvino. Desde o início o ouvinte sabia com exatidão o rumo que o sermão tomaria.

Calvino elaborou uma frase como esta em seu sermão sobre Efésios 1.3-4. Ele começou dizendo: “Já vimos como S. Paulo nos exorta a louvar e bendizer a Deus porque Ele nos tem abençoado”, e prosseguiu declarando sua proposição no segundo parágrafo da introdução:

E, agora, S. Paulo leva-nos à origem e à fonte, ou melhor, ao principal motivo que levou Deus a nos conceder seu favor. Não era suficiente que Deus revelasse os tesouros de sua bondade e misericórdia para nos atrair à esperança da vida celeste por meio do evangelho — ainda que isto signifique muito. Se S. Paulo tivesse omitido o que vemos aqui agora, as pessoas poderiam supor que a graça de Deus é comum a todos os homens e que Ele a

oferece a todos sem exceção, e, conseqüentemente, que cada homem tem o poder de recebê-la de acordo com seu livre-arbítrio, o que significa que poderia haver algum mérito em nós... Entretanto, a fim de eliminar todo mérito da parte do homem, e para mostrar que tudo vem da pura bondade e graça de Deus, S. Paulo diz que Deus nos abençoou de acordo com sua prévia eleição.¹⁶

Uma proposição ainda mais sucinta aparece neste exemplo de um dos sermões de Calvino em Miquéias:

Neste texto, como tenho reiterado, vemos o quanto nosso Senhor se opõe à falsificação de sua Palavra, pois tirar a visão dos falsos profetas, como Ele faz, é uma punição severa, resultado de terem sido rejeitados por Deus.¹⁷

Com esta prática de declarar seu tema na introdução, Calvino estabelecia o contexto geral da estrutura argumentativa do livro antes de expor o texto em si. Ao fazer isso, ele colocava seus ouvintes dentro da mente do autor bíblico desde o começo do sermão. Mostrar o argumento central do livro e a maneira como uma passagem específica ajusta-se nele era um aspecto significativo da arte expositiva de Calvino.

UMA PONTE PARA O TEXTO

A pregação de Calvino era plenamente concentrada no texto das Escrituras. Por esta razão, sua introdução servia de ponte para o texto — curta, sucinta e direta. O reformador escolheu não gastar muito tempo fora do texto, nem mesmo na introdução. Seu objetivo, declarado de maneira simples, era conduzir seus ouvintes ao tema central da passagem bíblica que estava diante dele. Esta abordagem

direta lhe foi muito útil e refletiu seu compromisso de deixar que a Bíblia falasse por si mesma.

Neste momento, devemos orar ao sobrenatural Autor das Escrituras, o Deus Todo-Poderoso, para que todos os pregadores se dediquem à exposição da Bíblia. E como Calvino, que não desperdicem o tempo que passam no púlpito, mas que sigam direto para o texto. Que comecem a explicar as passagens o mais rápido que puderem. Que suas introduções sirvam para conduzir seus ouvintes à verdade da Palavra. E que estes inícios diretos intensifiquem suas pregações de modo que a Palavra de Deus não retorne para Ele vazia.

Explicando o Texto

Calvino era o intérprete da Reforma e se encontra na primeira classe dos exegetas bíblicos de todos os tempos.¹

— JOHN MURRAY

A maioria dos estudiosos da atualidade concordam que, para o seu tempo, Calvino foi um eminente erudito textual.²

— WILLIAM J. BOUWSMA

O verdadeiro talento da pregação de João Calvino reside na utilização cuidadosa e na explicação apropriada da passagem bíblica em questão. Na exposição bíblica, o sentido deve ser mais desejado do que o método, e a doutrina, mais do que a eloquência. O significado do texto é o próprio texto. Sem o significado apropriado, a pessoa perde o texto. Portanto, uma falsa interpretação das Escrituras não é as Escrituras.

No entanto, Calvino sempre *tinha* o significado apropria-

do. Ele o entendia muito mais que qualquer homem. Ele escavava as ricas fendas das Escrituras, cavando profundamente suas minas carregadas de verdade. Ao fazer isto, este versado teólogo extraía ouro e prata preciosos e trazia as valiosas pepitas para a superfície.

Seu uso perspicaz da Palavra deixa claro que ele era um intelectual. Contudo, além de suas habilidades naturais, ele era absolutamente treinado para este trabalho e possuía muita prática. Instruído em literatura clássica e em direito civil, ele possuía um excelente domínio da linguagem, do raciocínio, da lógica, da argumentação, da capacidade de observação e da análise literária. O reformador ainda era versado nas mais importantes línguas originais das Escrituras: o hebraico e o grego. Também devemos lembrar que o estudo contínuo das Escrituras o ajudou a acumular um vasto estoque de conhecimento bíblico. Além de pregar três vezes por semana, ele dava aulas para seminaristas, ensinando importantes assuntos doutrinários, e várias vezes revisava e ampliava *As Institutas*. Todo este trabalho o manteve imerso na amplitude e na profundidade das Escrituras. Ainda mais, Calvino tinha um profundo interesse sobre os pais da igreja bem como pelos seus argumentos teológicos.

Assim, conforme Calvino abordava qualquer texto da Bíblia durante seu pastorado em Genebra, ele trazia consigo anos de intenso treinamento, de estudo pessoal, de ensino teológico e de pregações bíblicas. Ele concentrava todas as suas habilidades e treinamento nos textos das Escrituras a fim de pregá-los de forma apropriada. Philip Schaff, historiador da Igreja, escreveu: “Calvino era um gênio exegeta de primeira classe. Seus comentários são incomparáveis devido a sua originalidade, profundidade, clareza, integridade e valor permanente... Se Lutero foi o rei dos tradutores, Calvino foi o rei dos comentadores”.³

Este capítulo analisa o método exegético de Calvino. Quantos versículos ele achava necessário comentar em um sermão? Como era sua prática exegética? Como era sua hermenêutica? De que manei-

ra ele transmitia o significado da passagem bíblica que tinha diante de si? Como ele relacionava um determinado texto bíblico com o restante das Escrituras? As características seguintes revelam como Calvino lidava com o texto sagrado.

■ CARACTERÍSTICA Nº 12: UM TEXTO ESPECÍFICO

Ao subir ao púlpito, o expositor de Genebra sempre tinha diante de si um texto específico. Dependendo do gênero literário do texto, o número de versículos explicados podia variar. De forma geral, ele utilizava mais versos quando se tratava de passagens narrativas; o suficiente para tratar de uma unidade básica da história. Quando pregava sobre os profetas, ele abordava uma unidade menor das Escrituras. E quando expunha uma epístola, tratava de uma porção menor ainda. A questão é que Calvino sempre tinha uma porção das Escrituras cuidadosamente escolhida e especificamente definida para expor ao seu povo.

Um exemplo de sua distribuição de versículos numa porção narrativa das Escrituras pode ser visto em seu comentário de 2 Samuel. Devido ao fato de o gênero narrativo ter sido usado para se escrever o Velho Testamento, Calvino explicou, em cada sermão, a quantidade suficiente de versículos para revelar e esclarecer a história. Seus sermões podiam abranger de um a dezesseis versos. O Apêndice “A” alista a divisão de versículos usada por Calvino nos primeiros treze capítulos de 2 Samuel.

Outro exemplo é o esquema de sua pregação no livro de Miquéias (Apêndice “A”), pertencente à literatura profética. Nestas séries expositivas Calvino pregou de dois a oito versículos por sermão. A divisão de versos dependia da fluência das afirmações, da unidade de pensamento e do que ele desejava enfatizar.

Ainda, um outro exemplo da exposição sequencial de Calvino foi sua pregação no livro de Efésios. Esta série é notável em parte

porque ninguém menos que John Knox, o famoso reformador escocês, estava entre seus ouvintes. Estes sermões em Efésios estavam ao lado de Knox quando ele morreu, na Escócia. Nesta série de quarenta e oito sermões, Calvino pregou, em média, dois versículos por vez, e não mais que seis (Apêndice “A”), dividindo o texto conforme achava necessário para o correto entendimento dos ensinamentos de Paulo. Esta divisão menor proporcionou um tratamento substancial de cada passagem em particular.

T. H. L. Parker observou: “O texto de Calvino varia em extensão desde um único verso a toda uma passagem de dez ou doze versos. Não era incomum que ele pregasse dois ou três sermões consecutivos em um versículo... Mas a regra geral era de dois a quatro versos por sermão”.⁴ Parker adicionou: “De frase em frase, verso após verso, a congregação era conduzida através da epístola, da profecia, ou da narrativa”.⁵ Como resultado, os sermões de Calvino não são “banalidades hipócritas, e não se assemelham a um ‘curinga’, podendo adaptar-se a qualquer passagem das Escrituras, como um sapato que cabe em todos os pés. São exposições verdadeiras, puras, simples e apropriadas para o texto que ele tinha de explicar”.⁶

■ CARACTERÍSTICA Nº 13: PRECISÃO EXEGÉTICA

Calvino insistia para que as palavras em cada passagem fossem consideradas em seu contexto histórico e dentro de sua estrutura gramatical. Ao fazer isto, ele buscava revelar o significado planejado pelo autor. Schaff observou: “Calvino é o fundador da moderna exegese gramático-histórica. Ele confirmou... o princípio básico e confiável da hermenêutica de que os autores bíblicos, assim como todos os escritores sensatos, desejavam transmitir aos seus leitores um certo pensamento em palavras que eles pudessem entender”.⁷

Este era o princípio básico mais importante da exposição de Calvino: Ele sempre buscava descobrir o “pensamento específico”

por trás do que o autor bíblico escrevera. Calvino acreditava que esta era a tarefa número um do expositor:

Visto que revelar a mente do autor é a única tarefa do intérprete, ele erra o alvo, ou pelo menos desvia-se de seus limites, à medida que afasta seus leitores do propósito do autor... É... presunção, e quase uma blasfêmia, distorcer o significado das Escrituras, agindo sem o devido cuidado, como se isto fosse algum jogo que estivéssemos jogando. Ainda assim, muitos estudiosos já fizeram isso alguma vez.⁸

Schaff concordou com esse pensamento e escreveu: “Calvino constantemente mantinha em seu pensamento o alvo mais importante e essencial do intérprete, ou seja, esclarecer o verdadeiro propósito dos autores bíblicos de acordo com as leis da oratória e do pensamento lógico. Ele se transportava para a mente e para o ambiente dos autores, a fim de se identificar com eles e permitir que explicassem o que realmente disseram, e não o que poderiam ou deveriam ter dito”.⁹ Calvino fazia isto com habilidade e precisão excepcionais.

Enfatizando este mesmo ponto, David Puckett escreveu: “Calvino raramente perdia de vista o seguinte fato: que antes de explicar como uma passagem se aplicava a uma pessoa do século dezesseis, era preciso determinar qual era seu significado para os contemporâneos do escritor. Isto significa que Calvino não podia arrancar um texto de seu contexto literário, nem negligenciar o ambiente no qual o documento fora originalmente produzido. O exegeta não pode negligenciar o público ao qual o texto foi originalmente direcionado”.¹⁰ Ele acrescentou: “Em unidades textuais maiores, Calvino quase sempre preferia a interpretação que ele acreditava estar mais adequada ao contexto. Qualquer interpretação que não possa ser justificada pelo contexto é, na melhor das hipóteses, improvável”.¹¹ E Parker

concluiu: “[Calvino] detinha-se ao contexto histórico na interpretação e exegese das passagens”.¹²

■ CARACTERÍSTICA Nº 14: INTERPRETAÇÃO LITERAL

Ao perscrutar a intenção original do autor em determinada passagem, Calvino insistia no *sensus literalis*, ou seja, o sentido literal do texto bíblico. Ele rejeitou a *quadriga* medieval, o antigo esquema de interpretação que permitia significados literais, morais, alegóricos e analógicos de um texto. Como um expositor, ele acreditava não ter liberdade para deixar de tratar com sinceridade uma passagem e impor sobre ela seu próprio pensamento. Como Calvino afirmou: “O verdadeiro significado das Escrituras é aquele que é natural e óbvio”.¹³

Calvino acreditava que sem uma hermenêutica literal, toda objetividade e certeza estariam perdidos. Em certa ocasião, ele escreveu: “O uso legítimo das Escrituras é deturpado quando elas são anunciadas de uma maneira vaga que ninguém pode entender”.¹⁴ Nesta disposição, o reformador afirmou: “O importante é que as Escrituras sejam compreendidas e explicadas; a forma como devem ser explicadas é secundária”.¹⁵

A interpretação literal de Calvino estava diretamente relacionada ao desejo dos estudiosos renascentistas de chegar “ao significado original e verdadeiro de um texto”.¹⁶ Seguindo esta mesma posição:

Reformadores como Lutero, Bucer e Zwinglio, assim como Calvino, os quais deviam muito a Erasmo e ao método humanístico, concordavam que o expositor deveria dar preferência ao significado natural de uma afirmação em vez de outro que pudesse ser alcançado por meio de alegorias ou sentidos que não fossem o *literal*... A alegoria era contrária ao princípio fundamental da interpretação humanista; e “literalismo”, ou seja, o desejo de chegar à mente do próprio autor era a

essência da interpretação. Então, encontramos Calvino decidido a verificar o que determinado autor disse de fato. Ele criticou os pais da igreja, especialmente Agostinho, Crisóstomo e Jerônimo, por lidar com os textos de forma muito sutil; por usarem de alegorias e especulação... Ele reclamou repetidas vezes que mesmo que as observações de Agostinho em determinada passagem fossem boas, eram irrelevantes para a compreensão do propósito do escritor (sobre Rm 8.28; Jo 1.16). Usar de alegorias era um engano, e engano era o mal que um estudioso deveria evitar a todo custo... Para eles a interpretação natural de uma passagem era aquela que fazia justiça à *intenção* do autor. Quando Calvino protestou contra o uso de alegorias, ele não estava protestando contra o fato de alguém encontrar um significado espiritual numa passagem, mas contra descobrir um significado que não existe no texto.¹⁷

Ao dar o significado literal do texto, Calvino alcançou seu alvo na hermenêutica. Ele declarou: “Procuro observar... um estilo simples de ensino... sinto que nada é mais importante do que uma interpretação literal do texto bíblico”.¹⁸ Como John Leith afirma: “O propósito de Calvino na pregação era apresentar de forma clara o texto das Escrituras propriamente dito”.¹⁹ Este compromisso era um aspecto fundamental da natureza da pregação de Calvino.

■ CARACTERÍSTICA Nº 15: REFERÊNCIAS CRUZADAS

Ao estabelecer o significado literal de uma passagem, Calvino freqüentemente citava outras passagens das Escrituras. Ele cria na analogia da fé, a verdade de que a Bíblia não se contradiz em parte alguma. Os reformadores acreditavam que a Bíblia ensina um corpo

de verdade do Gênesis ao Apocalipse. Por ser a Palavra de Deus, a Bíblia é perfeitamente coerente e consistente consigo mesma. Assim, eles declaravam: *sacra Scriptura sui interpres* — A própria Escritura interpreta a Escritura. Quando Calvino buscava determinar o sentido correto do texto, ele sempre estava pronto a recorrer a outros textos das Escrituras para obter mais esclarecimento e apoio.

Contudo, Calvino usava referências cruzadas com moderação. Ao que parece, ele não desejava afastar-se do texto principal além do necessário. Portanto, ele escolhia suas referências cruzadas com cuidado, nunca se desviando da verdade central do sermão e permanecendo dentro dos parâmetros da exposição clara e consecutiva.

Na pregação de Calvino, dois tipos de referências cruzadas são evidentes. No primeiro, ele mencionava uma passagem sem procurar citá-la literalmente. Os parágrafos seguintes, extraídos de seu sermão em Efésios 4.11-12 mostram este tipo de referência:

Portanto, não devemos supor que as pessoas possam fazer a obra do Senhor por iniciativa própria, pois não é possível ao homem saber como falar para a glória de Jesus Cristo, exceto quando as palavras lhe são dadas e quando o Espírito Santo governa sua língua [1 Co 12.3]. E, de fato, é pela mesma razão que se diz que a Sagrada Escritura é a sabedoria que sobrepuja toda a sabedoria humana. E também por isso é dito que o homem natural não consegue compreendê-la, mas que Deus precisa nos revelar essas coisas, que de outra forma seriam elevadas demais e ocultas para nós [Sl 119.99; 1 Co 2.14]...

Depois, também existe aquele motivo especial pelo qual nosso Senhor Jesus Cristo ordenou os doze apóstolos [Mt 10.1], aos quais S. Paulo posteriormente se uniu a fim de pregar entre os gentios [Gl 2.7]. Aquele chamado

foi como uma entrada na posse do Reino. Entretanto, depois que o evangelho foi assim legitimado, o apostolado cessou. Todavia, os apóstolos tinham companheiros e aliados, que não desfrutavam da mesma posição que eles, mas que exerciam a grande comissão com eles, a qual consistia em plantar a semente da salvação aqui e ali. A estes, Paulo chamava de evangelistas. E assim, escrevendo para Timóteo, ele disse: Faze diligentemente o trabalho de um evangelista [2 Tm 4.5].²⁰

Em outras ocasiões, Calvino citou, de forma direta, versículos ou passagens, por meio da leitura, recitando-os de memória, ou parafraseando-os. Exemplos deste tipo de referências cruzadas são abundantes em seus sermões:

Pois, como diz S. Paulo: “Não há distinção entre grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre” [Cl 3.11].²¹

O profeta Jeremias repreendeu os judeus por razões semelhantes. “Percebem, nem os pagãos, nem os infiéis desejaram trocar os seus deuses, mas vocês não conseguem nem se apegar à minha Palavra” [Jr 2.11].²²

Diz o salmo 22: “Mas eu sou verme e não homem; opróbrio dos homens e desprezado do povo” (Sl 22.6).²³

Conforme declara o Senhor Jesus Cristo, apenas Deus é nosso pai [Mt 23.9].²⁴

Bem, ele cita Moisés quando diz: “Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei” (Dt 27.26). Essa passagem afirmou anteriormente que todo aquele que adora falsos deuses é amaldiçoado [Dt 27.15].²⁵

Neste uso de outros textos para esclarecer o significado das Escrituras, vemos como o vasto conhecimento bíblico de Calvino foi usado por Deus para edificar e instruir as pessoas de Genebra.

■ CARACTERÍSTICA Nº 16: RACIOCÍNIO PERSUASIVO

Ao explicar um texto das Escrituras, Calvino estava sempre pronto para discorrer sobre seu argumento com persuasão. Com frequência, ele contrastava a verdade ensinada numa passagem específica com o absurdo da posição contrária. Mostrando o contraste, Calvino provava a verdade declarada do modo mais convincente. Esta justaposição era sua aliada na confirmação da doutrina correta.

Por exemplo, quando pregou sobre Gálatas 3.11-12, Calvino contrastou a justiça baseada em obras com a justiça imputada por meio da fé. Primeiro ele disse:

Portanto, rejeitemos a promessa que a lei nos faz, pois ela não possui valor para nós, e aceitemos a graça de nosso Deus, que abre os braços para nos receber, isto é, se primeiro nos livrarmos de todo orgulho. De fato, é isto que Paulo quer dizer aqui.²⁶

Então, Calvino prosseguiu mostrando que estas duas formas de justiça — obras e fé — são tão opostas quanto o fogo e o gelo:

Este argumento manifesta dois opostos. Imagine o seguinte: Uma pessoa alega que o fogo é uma fonte de calor, então, outra pessoa chega e defende o contrário obstinadamente. Poderíamos dizer-lhe: É possível que o gelo e o congelamento produzam calor? Com certeza eles são elementos opostos e de todo incompatíveis entre si! Ou imaginem uma disputa acerca de o calor do sol ser ou não necessário para nossa vida. Bem, o que aconteceria se

não houvesse sol no mundo? Seríamos sufocados pelo ar imundo, o qual é purificado somente pela luz do sol. Portanto, assim como há forças opostas na natureza, assim também o apóstolo diz que não podemos ser justificados pela lei e pela graça de Deus ao mesmo tempo!²⁷

Por meio deste contraste, Calvino mostrou que obras e fé são meios absolutamente opostos de alcançar a justiça de Deus.

Em outra ocasião, Calvino discutiu sobre a natureza torpe da heresia, comparando-a ao veneno:

No tocante a heresias e a perversões da verdade, a qual distorce tudo, deveríamos reagir como se fôssemos esmurrados ou apunhalados no estômago ou pescoço. Pois em que consiste a vida e o bem-estar da igreja, senão na pura Palavra de Deus? Se alguém viesse e envenenasse a carne que precisávamos para nosso alimento, o toleraríamos? Não, isto nos deixaria aflitos! O mesmo raciocínio se aplica ao evangelho. Sempre devemos erguer nossas mãos para defender a pureza da sua doutrina, e não devemos permitir que ela seja corrompida de maneira alguma.²⁸

Com a ajuda dessas imagens tão pungentes, Calvino empregou seu poder de raciocínio persuasivo com a finalidade de estabelecer a verdade para seus ouvintes.

■ CARACTERÍSTICA Nº 17: CONCLUSÕES RACIONAIS

Calvino também acreditava que conclusões racionais poderiam ser tiradas de uma passagem bíblica a fim de ajudar na dedução de seu significado. Ele também usou tais conclusões, conforme mostra o seguinte exemplo de seus sermões em Gálatas:

A partir disto, tiramos a conclusão de que para os judeus, a abstinência de carne de porco ou a observância de vários dias de festa não eram, em si, vitais para servir a Deus, mas tinham a intenção de ajudar as pessoas a exercerem fé em Jesus Cristo. Assim, as cerimônias em si não possuíam virtudes inerentes a conceder; elas apenas apontavam para uma realização espiritual. Podemos ver claramente que Deus não as estabeleceu em vão, mas visando ao benefício de sua igreja. Se separarmos as cerimônias de Jesus Cristo, elas não têm mais valor do que brinquedos de criança; mas se considerarmos Aquele para quem elas direcionam os crentes, então admitiremos sua grande importância.²⁹

Outras vezes, as deduções de Calvino vinham na forma de princípios eternos que ele tirava do texto. Perceba como Calvino fez isto em seu sermão sobre 2 Samuel 6.20-23:

Retiremos destas palavras um princípio geral e bom: para adorarmos a Deus, não precisamos buscar motivos aqui ou ali para descobrirmos o quanto somos devedores a Ele, pois Lhe devemos cem mil vezes mais do que jamais poderíamos pagar, e embora tentemos tanto quanto possível, ainda devemos confessar que somos servos inúteis (Lc 17.10).³⁰

É claro que havia muita cautela no uso deste processo de raciocínio. Ao lidar com qualquer texto bíblico, Calvino resolvia não ultrapassar o que as Escrituras ensinavam. O reformador era cuidadoso em não adentrar o campo da especulação. Como ele disse: “Naquilo para o qual Deus fechou sua santa boca, impeçamos que nossa mente siga adiante”.³¹ Em outras palavras, ele não diria mais do que dizem as Escrituras.

SEMPRE EXPLICANDO O TEXTO

Do começo ao fim de seu ministério, Calvino manteve sua pregação singularmente focalizada na explicação do significado planejado por Deus para o texto bíblico. Esta era a essência de seu trabalho no púlpito. Como Parker escreveu: “A pregação expositiva consiste na explanação e aplicação de uma passagem das Escrituras. Sem explanação ela não é expositiva; sem aplicação ela não é pregação”.³² Calvino dedicou-se com rigor a esta tarefa. Ele sempre explicava o texto, sempre fazia conhecido seu verdadeiro significado, e sempre fazia aplicações fundamentadas em interpretações precisas. Ele acreditava que somente quando a explanação era dada de forma apropriada, o sermão podia progredir com o efeito transformador de vidas.

É nisto que os expositores da Palavra devem investir suas maiores energias. Devem se comprometer a estudar vigorosamente o texto bíblico e extrair de suas minas profundas as insondáveis riquezas da interpretação apropriada. Este era o foco da pregação de Calvino, e continua sendo o *sine qua non* de toda exposição verdadeira da atualidade. Que nesta hora Deus levante um exército de expositores bíblicos que estejam arraigados na Palavra e concentrados em explicar seu verdadeiro significado. Que eles esclareçam com cuidado o exato propósito da Palavra para os santos, os quais encontram-se famintos dela.

Falando com Ousadia

Calvino não tinha a personalidade afetuosa de Lutero. Não encontramos nele a elegância da oratória de Gregório de Nazianzo, nem a vívida imaginação de Orígenes. Dificilmente ele seria um orador notório e comovente como João Crisóstomo, nem possuía a fascinante personalidade de Bernardo de Claraval. Gregório “o Grande” era um líder nato, assim como o era Ambrósio de Milão, mas este não era um dom que Calvino possuía. Contudo, poucos pregadores realizaram uma mudança tão tremenda na vida de sua congregação quanto o reformador de Genebra.¹

— HUGHES OLIPHANT OLD

Pregar é tanto uma ciência quanto uma arte. No que diz respeito à ciência da exposição bíblica, a responsabilidade designada por Deus para o expositor consiste em perscrutar as Escrituras intensamente e extrair seu significado literal, verdadeiro e único. Para fazer isto, o comentador deve seguir as leis da

hermenêutica, a fim de descobrir o significado das palavras e o relacionamento de umas com as outras. Se ele quebra estas leis, não importa o que faça de correto, não está praticando a exposição verdadeira.

Contudo, há mais fatores envolvidos na pregação além da ciência da interpretação correta. Um expositor também deve aprender a arte de pregar. Aqui, o assunto não é *o que* é dito, mas *como* isso é transmitido; não se trata do *significado*, mas do *estilo*. Existe espaço para a diversidade entre um tipo de pregador e outro. O método expositivo permite que haja espaço para diferenças de personalidade e temperamento no púlpito, diferenças entre congregações e o modo como alguém deve se dirigir a elas, e diferenças de ocasião. Enquanto numa passagem há somente um significado correto, existem múltiplas formas de transmitir este significado em um sermão. A arte da pregação leva em consideração estas diferenças.

João Calvino tornou-se perito tanto na ciência quanto na arte da pregação bíblica. Conforme vimos no último capítulo, ele buscava com dedicação uma exegese minuciosa. Seu alvo principal sempre foi a essência antes do estilo. Mas seria errado supor que o reformador genebrino não tinha qualquer estilo. Embora alguns o considerem severo e deselegante em seu ministério no púlpito, Calvino era bem preparado nos aspectos criativos da comunicação eficaz. Embora ele certamente não fosse um grande orador, era mais do que um simples exegeta habilidoso. Subindo ao púlpito com uma Bíblia aberta, Calvino pincelava com audácia e habilidade os artifícios multicoloridos da linguagem. As resplendentes nuances da comunicação eficaz estavam ali em sua paleta de pregação, prontas para serem usadas. Ele tinha à sua disposição uma coleção impressionante de vívidas figuras de linguagem, perguntas retóricas, ironia mordaz, linguagem instigante, expressões coloquiais e coisas semelhantes. Estas são as ferramentas da arte da pregação vívida, e seu uso eficaz frequentemente separa a exposição medíocre do bom e até do excelente ministério de pregação.

Este capítulo considera alguns dos tons vibrantes que fluíam da boca de Calvino em sua pregação. Qual era o estilo de comunicação do reformador? Quais fatores influenciaram a escolha de suas palavras? Quais eram suas expressões favoritas? Como ele usava perguntas, reiteraões, citações e transições? Eis algumas características da pitoresca comunicação do reformador.

■ CARACTERÍSTICA Nº 18: PALAVRAS FAMILIARES

Calvino possuía um domínio lingüístico magnífico. O reformador escreveu seu primeiro livro em latim e pregava em francês, sua língua nativa, usando Bíblias escritas em hebraico ou grego. Além disso, sua educação em literatura clássica intensificou a eficácia do uso que ele fazia da linguagem ao pregar, ensinar e escrever. Entretanto, não obstante sua notável erudição, Calvino escolheu usar palavras simples e uma linguagem compreensível no púlpito. Sendo um pregador, o principal objetivo de Calvino era se comunicar de forma bem sucedida com as pessoas comuns nos bancos de sua congregação. Ele não buscava impressionar a congregação com sua inteligência, mas impactá-los com a impressionante majestade de Deus. Com esta finalidade, Calvino escolheu pregar “na sua língua materna, a qual podia ser... entendida por toda a congregação”.² O uso de uma linguagem simples que as pessoas comuns facilmente compreendem garantia que Calvino não falasse *acima* da capacidade de compreensão de suas ovelhas, mas que se relacionasse com elas ao pregar.

Hughes Oliphant Old, professor do Seminário Erskine, fez a seguinte observação sobre a linguagem compreensível de Calvino:

Calvino tinha... clareza de pensamento e expressão. Ele sabia como usar a linguagem... seu vocabulário era brilhante. As palavras eram usadas com a maior precisão. Seu vocabulário era rico, mas nunca desconhecido ou misterioso; nunca era vazio ou muito elaborado... Re-

petidas vezes nos concede maravilhosas comparações e metáforas como a que ele citou... em seu sermão sobre Miquéias, onde diz que os hipócritas usavam o Templo como armadura contra o juízo de Deus e como uma capa para encobrir sua maldade.³

John Broadus, célebre autoridade no que diz respeito à pregação, também reconheceu a linguagem simples que Calvino usava:

Todos os seus sermões espontâneos que foram registrados pelo método estenográfico, bem como seus escritos, não mostram tanta exuberância no discurso quanto demonstram o verdadeiro domínio lingüístico de Calvino; a sua maneira de se expressar era, via de regra, singularmente direta, simples e convincente.⁴

Como explicou T. H. L. Parker, o vocabulário do reformador era “quase sempre familiar e fácil... ele era tão aplicado em se fazer compreendido que de vez em quando achava necessário explicar, usando outra palavra, até mesmo algum vocábulo simples que pudesse causar ambigüidade devido ao seu som”.⁵ Parker acrescentou:

A palavra que Calvino usou para descrever o que ele considerava o método mais apropriado para o pregador é “*familiere*” [familiar]. *Familiere* poderia ser melhor traduzida pela palavra “pessoal” no sentido coloquial moderno — para tornar a mensagem das Escrituras um assunto pessoal, não só uma coleção de idéias históricas; “a fim de sabermos que é Deus que está falando conosco”.⁶

Calvino também empregou frases simples que eram acessíveis aos seus ouvintes. James Montgomery Boice escreveu: “Há pouco adorno retórico. Suas palavras são diretas, as frases, simples. Isto porque Calvino compreendeu seu chamado, assim como o de todos

os outros pregadores, para tornar o texto bíblico o mais claro possível aos seus ouvintes”.⁷ Em vez de usar frases longas e prosaicas, como fizeram alguns Puritanos, o reformador usava, na maioria das vezes, construções simples de sujeito, verbo e predicado⁸ que eram fáceis de assimilar. “Pregadores devem ser como pais”, ele escreveu, “partindo o pão em pedaços pequenos para alimentar seus filhos”.⁹ Mesmo as frases mais longas nas traduções para o inglês provavelmente eram mais curtas na língua original. Conforme ele pregava, seu elevado intelecto quase sempre “ocultava-se atrás de suas explicações aparentemente simples do propósito do autor”.¹⁰

Esta maneira de comunicar a verdade bíblica foi intensificada pelo hábito que ele tinha de pregar sem anotações. Isto significa dizer: “Sua familiaridade com o discurso tornou-se possível e também foi fortalecida através de sua pregação sem ensaio prévio”.¹¹ A espontaneidade que resultava deste método frequentemente levava Calvino a usar chavões comuns, expressões coloquiais, repetições, e, acima de tudo, um vocabulário simples. Isto, ele acreditava, servia para facilitar a atenção, o que já não acontece quando se lê um manuscrito contendo frases elegantes em linguagem formal.

Entretanto, mesmo com este estilo de fala espontâneo, Calvino usava a linguagem da Bíblia. O reformador não abria mão da superioridade do vocabulário bíblico. “A terminologia de Calvino neste aspecto dificilmente se afasta da Bíblia”, observou Parker. “São comuns as palavras ‘justificar’, ‘eleitos’, ‘redimir’, ‘pecado’, ‘arrependimento’, ‘graça’, ‘oração’, ‘juízo’ — de fato, toda a linguagem familiar do Velho e do Novo Testamento”.¹² Apesar disso, Calvino falava “com muita ponderação”,¹³ tornando fácil, como alguém certa vez observou, “anotar tudo que ele dizia”.¹⁴ Parker fez o seguinte comentário: “Ocasionalmente ele explicava o significado de uma palavra com maior cuidado, mas nunca citava o original hebraico ou grego... [Calvino] nunca falava a palavra original grega e raramente se referia ao ‘grego’”.¹⁵

Conforme foi mencionado anteriormente, Calvino não escrevia seus sermões, por isso, eles eram espontâneos — um estilo de comunicação muito diferente de seus escritos teológicos tais como seu trabalho em *As Institutas*, o qual passou por extensas edições e várias revisões. Broadus verificou a seguinte diferença entre os sermões de Calvino, suas *Institutas* e seus comentários:

Nestas páginas [de sermões] percebemos um Calvino diferente daquele das *Institutas* — as quais foram reelaboradas e escritas com tanto cuidado — e dos comentários, os quais ele também revisou. Nelas percebemos exatamente como ele falou naquele púlpito de S. Pierre.¹⁶

Numa carta que não foi publicada, Calvino falou de seu método simples como um “modo comum de pregar”.¹⁷ Entretanto, seu colaborador e colega, o reformador Theodoro Beza, comentou o seguinte sobre o estilo de pregação de Calvino: *Tot verba tot pondera* — “toda palavra tinha um peso”.¹⁸

■ CARACTERÍSTICA Nº 19: EXPRESSÕES CHEIAS DE VIDA

Além disso, Calvino usava expressões cheias de vida para instigar a imaginação de seus ouvintes. John Leith observou: “Seus sermões são repletos de metáforas, comparações e de idéias e sabedoria proverbiais que apelam para a imaginação”.¹⁹ Na maioria das vezes ele usava figuras de linguagem tiradas da própria Bíblia, mas muitas de suas figuras estavam relacionadas às áreas militares, judiciais, acadêmicas ou à natureza, aos artesãos, etc. Ele usava com frequência expressões comuns extraídas de conversas rotineiras do dia-a-dia. Apesar de o humor não ser habitual nas pregações de Calvino, ele usava uma linguagem estimulante e uma ironia mordaz

que, sem dúvida, tirava sorrisos dos ouvintes ou chocava a platéia — deixando uma marca duradoura.

Conforme mostram os seguintes exemplos dos sermões de Calvino em Gálatas, ele empregava uma linguagem vívida para conquistar um efeito formidável:

A lei nos prepara para o evangelho, pois quando os homens estão cheios de orgulho, não podem conhecer a graça de Deus. Se um recipiente está cheio de ar e você tenta colocar algum líquido dentro dele, nenhuma gota entra porque o ar não permite. Pensemos também no corpo humano... Uma pessoa pode estar morrendo de fome, e ainda assim ter um estômago tão distendido pelos gases a ponto de não conseguir comer — ela sente-se cheia. Entretanto, ela está cheia só de vento e não de comida. O vento a impede de comer coisas que poderiam sustentá-la ou alimentá-la. O mesmo se aplica ao nosso orgulho tolo. Pensamos que temos tudo que precisamos, mas tudo que temos é como o ar, o qual exclui a graça de Deus.²⁰

Nossos antepassados não tinham outro meio de obter a salvação além daquele que nos é pregado hoje. Este é um ponto muito importante, pois alguns insensatos de mente confusa acreditam que ninguém ouviu o evangelho naqueles dias. De fato, existem até alguns blasfemadores que zombam de Deus e tentam limitar a autoridade dEle e de seu evangelho, dizendo que este apenas existe nesses mil e seiscentos anos e que era desconhecido anteriormente. Inacreditável!²¹

Sem dúvida, a pregação de Calvino pode ter sido muito intensa e comovente. Nas palavras de Leith: Calvino “insistia numa forma vívida de entregar a mensagem”.²²

■ CARACTERÍSTICA Nº 20: PERGUNTAS ESTIMULANTES

Calvino também era hábil em fazer perguntas que forçavam as pessoas a pensar. Perguntas assim faziam parte de suas pregações expositivas. Uma avaliação dos sermões de Calvino revela seu “uso constante de perguntas por meio das quais ele atraía a atenção de sua congregação”.²³ Algumas perguntas eram retóricas, não requeriam resposta. Elas serviam para estimular seus ouvintes a considerarem a questão óbvia que estava sendo abordada — o silêncio da pergunta não respondida seria retumbante na mente de seu povo. Algumas perguntas eram respondidas pelo próprio Calvino. Outras vezes, o reformador fazia uma série de perguntas numa sucessão rápida para estimular o pensamento de seus ouvintes.

Às vezes, Calvino levantava uma objeção em nome de um oponente imaginário, assim como o apóstolo Paulo fez em Romanos 9, e depois pronunciava uma resposta bíblica. Esta técnica provou ser eficaz para chamar atenção e aumentar o interesse dos ouvintes. Por exemplo, Calvino dizia: “Agora, alguém poderia perguntar a este respeito...” Ao fazer isto, ele suscitava tópicos controversos e dava explicações.

Observe nos exemplos abaixo a maneira habilidosa de Calvino atrair seus ouvintes usando perguntas:

O que um homem morto pode fazer? E de fato, estamos mortos (conforme já declarei) até que Deus nos vivifique por meio da fé e da obra de seu Espírito Santo. Agora, se estamos mortos, que bem podemos fazer, ou para que podemos nos dispor?²⁴

E por que ele menciona que o temor ao nome de Deus é retirado de nós, a menos que esteja baseado no ouvir a sua Palavra, a própria majestade de Deus? É isto que acontece quando Deus nos confronta. E se O rejeitar-

mos, ou não nos considerarmos responsáveis diante dEle e de sua Palavra, não devemos, de fato, perecer por tamanha ingratidão? Quais os possíveis pretextos de “ignorância” que podem nos poupar disto?²⁵

Compreendendo isto, ainda vamos desejar que Jesus Cristo seja nosso rei?... Mas devemos perguntar: Queremos que Deus nos reconheça como seu povo? Desejamos que Jesus Cristo nos declare que pertencemos a Ele? Desejamos que Ele seja nosso rei?²⁶

Mas, veja! Isto o tornou humilde? Isto o levou a humilhar-se sob a poderosa mão de Deus? O conhecimento de seu pecado o conduziu ao verdadeiro arrependimento?²⁷

■ CARACTERÍSTICA Nº 21: UMA REITERAÇÃO SIMPLES

Outro meio que Calvino empregou para explicar textos bíblicos foi repetir versos usando palavras alternativas. Ele escolhia uma estrutura frasal diferente e usava sinônimos. De acordo com Ford Lewis Battles, Calvino era um magnífico expositor das Escrituras porque ele era um mestre da paráfrase.²⁸ Ele reformulava as Escrituras utilizando outras palavras com precisão e clareza, “traduzindo-a para a linguagem comum de seu tempo”.²⁹ Ele desenvolveu esta habilidade de elucidação devido à sua educação em ciências humanas e literatura e a aplicou com discernimento teológico e espiritual.

O jeito característico de Calvino introduzir uma reiteração era: “É como se ele [autor do texto bíblico] estivesse dizendo...”, embora ele usasse pequenas variações semelhantes à seguinte: “É como se ele dissesse...”, ou: “Na verdade, ele está dizendo...”. Os exemplos abaixo ilustram esta técnica.

Em resumo, quando Miquéias se referiu a Jerusalém aqui, é como se ele estivesse dizendo: “O lenho verde

não será queimado antes mesmo do seco?” Que é exatamente o que nosso Senhor Jesus Cristo disse [em Lc 23.31]. Pois se houve uma cidade que Deus desejou poupar, esta era Jerusalém. Entretanto, Miquéias proclamou que sua ruína estava chegando.³⁰

Assim, Miquéias afirmou o seguinte, palavra por palavra: *As suas mãos estão sobre o mal e o fazem diligentemente* [Mq 7.3]. É como se ele estivesse dizendo: “A vida deles revela quem eles são. Pois sua maldade é conhecida devido a suas obras”.³¹

Contudo, Paulo aqui está claramente se referindo à união dos judeus e dos gentios! Na verdade, ele está dizendo: “Sim, ao ser anunciada a lei, Jesus Cristo foi o Mediador, a fim de que por meio dEle Deus pudesse humilhar os homens e estes pudessem receber sua graça”.³²

Em outras ocasiões, Calvino fez reiteraões dizendo: “Em outras palavras...”.

Já estamos sujeitos à condenação antes mesmo de ouvirmos a lei; como está escrito, “todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão” (Rm 2.12). *Em outras palavras*, os pagãos, embora não tenham um conjunto de regras do qual possam se desviar, ainda possuem o testemunho interior de sua consciência, que age como o juiz deles.³³

Numa variação final desta técnica, ele às vezes dizia o versículo e depois o repetia na língua materna:

Conforme está escrito: “Tu és nosso Pai, ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhe-

ce” (Is 63.16). Em outras palavras: “Embora sejamos descendentes destas pessoas segundo a carne, nossa descendência natural não é nada quando comparada à nossa família espiritual, a qual Tu tornaste possível por meio da pessoa de teu filho”.³⁴

Esta habilidade de reiterar um texto bíblico numa linguagem alternativa, sem preparar anotações, era um importante componente do talento de Calvino como um pregador.

■ CARACTERÍSTICA Nº 22:

UM NÚMERO LIMITADO DE CITAÇÕES

Conforme Calvino explicava determinada passagem, ele fornecia poucas citações de outros autores. Uma leitura de seus sermões revela citações limitadas de outros teólogos ou comentadores. E ainda quando Calvino mencionava os escritos de alguém, com frequência o fazia de uma maneira discreta ou indireta. Calvino desejava que a ênfase permanecesse no escritor bíblico, e não em fontes extrabíblicas. Parker escreveu: “De fato, são raras as ocasiões em que Calvino citou outro autor pelo nome”.³⁵

Visto que Calvino pregava sem ler anotações, esta prática de citações limitadas é facilmente compreendida. As poucas referências que ele citou foram feitas sem o auxílio de anotações. Assim, as referências que ele fazia a outros escritos em geral aconteciam na forma de paráfrase, como no seguinte exemplo:

Entretanto, se lamentavelmente desprezamos a graça que Deus nos oferece, então merecemos que nos sejam negadas todas aquelas bênçãos que Deus nos prometeu. Merecemos experimentar nada mais que a miséria que acompanha o estado de separação de Deus.³⁶

Esta parte do sermão de Calvino em Miquéias 4.8-10a contém um eco de uma famosa afirmação de Agostinho encontrada em seu livro *O Livre-arbítrio*. Nesta obra clássica, Agostinho escreveu que almas se tornam “miseráveis, se pecam”. Aqui, Calvino fez uma afirmação semelhante parafraseando Agostinho — “a miséria que acompanha o estado de separação de Deus” — sem citá-lo de forma direta. Sem dúvida, no entusiasmo do momento da pregação, Calvino rapidamente tirou de sua mente perspicaz esta frase dita por Agostinho — não obstante poucos a reconhecessem.

Com certeza Calvino estudava os ensinamentos dos pais da igreja. Mas como Leith comentou: “Em suas pregações, Calvino fez pouco uso do seu conhecimento sobre os pais da igreja. De semelhante modo, ele tinha pouca necessidade de ajuda secundária para confirmar o propósito e o significado das Escrituras”.³⁷ Em resumo, Calvino contentava-se com “um método analítico que interpreta e avalia verso após verso, palavra após palavra”.³⁸ Ele demonstrava pouco interesse em complementar sua exposição com citações de outros autores. Para Calvino, nada devia ofuscar a Palavra.

■ CARACTERÍSTICA Nº 23: UM ESBOÇO IMPLÍCITO

Conforme Calvino pregava, havia uma clara estrutura de pensamento para o sermão em sua mente brilhante e metódica; contudo, o esboço do sermão não era anunciado no púlpito. Nas palavras de Leith, Calvino “não adaptava seus sermões de acordo com um esboço lógico”.³⁹ Isto significa dizer que ele não utilizava tópicos de homilética em suas exposições.

Na verdade, Calvino expunha as verdades principais do texto, as quais eram organizadas em parágrafos resumidos de pensamentos bem desenvolvidos. Entretanto, a organização da mensagem não seguia um esboço determinado, com divisões fáceis de se reco-

nhecer. Para Calvino, o sermão não seguia pontos designados, como “Primeiro”, “Segundo”, e assim por diante. Também não havia títulos elegantes, e aliterações, tais como “O *Objetivo* da Oração”, “Os *Pormenores* da Prática da Oração”, e assim por diante. Em vez disso, Calvino discorria sobre o texto bíblico sem mencionar títulos definidos de forma nítida. A mensagem fluía de forma natural — “frase a frase, e, às vezes, até mesmo palavra a palavra, com explicações sobre cada significado”⁴⁰ — isto dava à mensagem um tom livre e informal.

À medida que explicava o texto bíblico, Calvino estabelecia verdades secundárias ligadas aos pontos principais, embora essas verdades não fossem mencionadas como secundárias. O sermão de Calvino em Jó 21.13-15, o octogésimo de uma de suas séries no livro, mostra esta organização (Ver Apêndice B). Os títulos foram enumerados por Parker, mas não foram declarados no sermão.

Mais uma vez, através desta prática, vemos que Calvino, embora pregasse sem a ajuda de anotações, dificilmente estava despreparado quando subia ao púlpito. Em vez disso, sua mensagem era organizada com detalhes formidáveis em sua mente brilhante.

■ CARACTERÍSTICA Nº 24: TRANSIÇÕES DIRETAS

Calvino também empregava transições moderadas quando prosseguia de um pensamento principal para o próximo. Tais transições serviam como pontes na comunicação, conduzindo o ouvinte à próxima verdade. Devido à sua preocupação com o fluxo do pensamento em suas mensagens, Calvino certificava-se de que as idéias estivessem habilmente interligadas em seus sermões.

Veja algumas das frases de transição usadas em seu primeiro sermão em Miquéias. Calvino prendia a atenção de seus ouvintes conforme introduzia novos pensamentos utilizando as seguintes conexões: “Ao mesmo tempo... Além disso... Mas consideremos... Agora, resumindo... Além do mais, podemos nos perguntar por

que... Então, é verdade que... Pelo contrário... Através deste exemplo podemos ver que... Conseqüentemente devemos deduzir que... Este texto nos leva à conclusão de que... Contudo, pelo contrário, alguém pensa que... Agora chegamos àquilo que o profeta acrescenta... Enquanto isso, observemos... Isto mostra quão orgulhoso e presunçoso... Agora o profeta especificamente lhes diz... Esta é a analogia à qual o profeta se refere aqui... Na verdade... Tendo dito isto, contudo, devemos perceber que...”⁴¹

Frases de transição como estas conferiram muito requinte às profundas mensagens de Calvino. Estava claro que ele não era um exegeta infrutífero, destituído de habilidades lingüísticas. Em vez disso, ele era um determinado, confiante, tranqüilo e gracioso arauto da verdade bíblica.

■ CARACTERÍSTICA Nº 25: INTENSIDADE CENTRADA

Calvino pregava com uma intensidade muito empolgante, totalmente absorto no texto bíblico enquanto proferia a mensagem. Esta realidade atraía as pessoas para ele quando pregava. E assim, sua congregação sentia-se fascinada ao ouvi-lo.

Oliphant escreveu: “Pensemos na razão pela qual Calvino foi tão respeitado como um pregador. Por que as pessoas o ouviam?” Então, ele responde:

Embora Calvino não seja considerado um grande orador, ele possuía alguns dons importantes para falar em público. Ao que parece, ele tinha uma intensidade totalmente concentrada no texto das Escrituras, e tão poderosa ao ponto atrair as pessoas para dentro do texto sagrado juntamente com ele. Esta vivacidade era resultado de seu tremendo poder de concentração.⁴²

Philip Schaff fez uma observação semelhante sobre Calvino.

O reformador, ele observou, “era desprovido de senso humorístico; ele era um cristão estóico: rigoroso, severo, inflexível, e ainda assim, por detrás da superfície de pedra, brilhavam entusiasmo e afeição ardentes”.⁴³

No ponto de vista de Schaff, esta vivacidade foi um aspecto-chave para o sucesso de Calvino como um pastor. Ele escreveu:

A história não fornece um exemplo mais impressionante de um homem tão impopular, e que ainda assim, tenha exercido tanta influência sobre as pessoas. Um homem com uma natureza tão tímida combinada com tanta força de intelecto e caráter, e com tanto poder sobre sua geração e sobre as futuras. Ele era, por natureza, um estudioso retraído, mas a Providência fez dele um fundador e administrador de igrejas.⁴⁴

UM ENCORAJAMENTO PARA TODOS OS QUE PREGAM

Longe de ser um professor de Bíblia apático, Calvino explicava as Escrituras de uma maneira viva e revigorante a ponto de estabelecer uma relação com seus ouvintes e causar grande impacto entre eles. Sua comunicação era vívida, memorável, clara, agradável e, às vezes, desafiadora ou até mesmo chocante. Sua pregação podia ter um tom pastoral ou profético. Além disso, a intensidade da concentração de Calvino atraía os ouvintes para suas palavras. Outros podem ter sido mais eloqüentes, entretanto, ninguém foi mais compenetrado e cativante do que ele.

Quando Calvino falava, ele sempre estava atento para a “harmonia que deve existir entre a mensagem e o modo pelo qual ela é expressa”.⁴⁵ Em outras palavras, ele acreditava que “o modo” — ou seja, a forma *como* ele falava — “não deveria corromper a mensagem”⁴⁶ — ou seja, aquilo *que* ele dizia. Ao contrário, o método deveria confirmar a essência da mensagem. O estilo literário de

Calvino, sua educação em ciências humanas, sua própria personalidade, sua inteligência, e seu momento único na história — estes e outros fatores transformaram seus sermões em belas obras de arte; em obras-primas da habilidade de interpretação.

Apesar de os pastores de hoje estarem mais preocupados com seu próprio estilo de pregação, Calvino ainda permanece como uma fonte de grande encorajamento. Embora não fosse, por natureza, tão talentoso quanto outros para falar em público, o reformador de Genebra conseguiu marcar sua geração, e até mesmo o mundo, através de seu ministério de pregação. Que os expositores tirem força do exemplo de Calvino, pois, no fim, aspectos intangíveis como uma profunda convicção da verdade e vivacidade concentrada na Palavra ainda triunfarão.

Aplicando a Verdade

Ele não se agitava em impaciência febril ou frustração. Ele não repreendia seu povo considerando-se mais santo que eles. Não implorava de forma exagerada para que dessem algum sinal físico de que a mensagem fora aceita. Ele era apenas um homem consciente de seus pecados, dos pequenos progressos que fazia e da dificuldade de ser um praticante da Palavra, transmitindo ao seu povo (cujos problemas ele sabia serem iguais aos seus), com simpatia, o que Deus havia dito para eles e para ele próprio.¹

— T.H.L. PARKER

Quando João Calvino assumia o púlpito em Genebra, ele ministrava ao seu amado rebanho como um pastor devotado. Este reformador era um teólogo renomado e um exegeta inigualável, mas ele não via estas funções como seu papel principal. Conforme James Montgomery Boice comenta, “Calvino era antes de tudo um pregador, e como um pregador ele via a

si mesmo principalmente como um professor da Bíblia... Ele considerava a pregação o seu trabalho mais importante”.² Do púlpito, ele dirigia-se a pessoas reais que tinham necessidades reais, então falava considerando o contexto no qual elas viviam. Seu objetivo era construir uma ponte entre o texto e a vida comum, mostrando sua relevância prática. Calvino acreditava que não precisava *tornar* a Bíblia relevante — ela *era* relevante. Revelar seu poder que transforma vidas e convencer seus ouvintes sobre isso era seu mandato.

Na função de pregador, Calvino era determinado em cumprir esta tarefa através de cada meio ordenado por Deus — encorajamento, motivação, repreensão, reprovação, correção, consolo, desafio, e assim por diante. Ele sabia que “simplesmente transmitir a sã doutrina ou a exegese correta não é pregar”.³ E entendia plenamente que ouvir e não praticar era insuficiente (veja Tg 1.22). Os ouvintes, ele disse, deveriam cultivar um “desejo de obedecer a Deus de forma completa e incondicional”.⁴ O reformador acrescentou: “Não assistimos à pregação meramente para ouvir o que não sabemos, mas para sermos *encorajados* a fazer nossa obrigação”.⁵ Por esta razão, Calvino acreditava que, como pregador, era sua incumbência fazer uma aplicação cuidadosa da Palavra. Ele considerava como sua responsabilidade unir a Palavra àqueles que lhe foram confiados.

Assim, enquanto respondia às aberrações de outros teólogos, Calvino não falava além do que seu povo podia compreender. Ele não fez uso do púlpito para refutar seus numerosos críticos. Em vez disso, permaneceu concentrado em cultivar o crescimento espiritual de seu povo. Em primeiro lugar, ele pregava para edificar e encorajar a congregação que Deus lhe confiara. Em resumo, pregava a fim de que houvesse mudança de vida. Conforme observou John Leith:

Assim como Calvino explicava as Escrituras palavra por palavra, ele as aplicava sentença por sentença à vida e à experiência de sua congregação. Por esta razão, seus

sermões sempre têm uma percepção cuidadosa da realidade. Eles partem imediatamente das Escrituras para a situação concreta e presente em Genebra.⁶

É claro que Calvino podia ser um polemista quando necessário. Com frequência, ele fazia advertências contra a devassidão romana, contra a religião diabólica do papa e contra os turbilhões de perigos do momento. O antinomianismo, o semipelagianismo e o fanatismo dos anabatistas freqüentemente eram objetos de suas refutações. Um evangelho puro era seu alvo, com a finalidade de que almas não convertidas fossem regeneradas. Assim, Calvino empenhava-se em guardar a verdade de todos os ataques. Tal defesa exigia sua constante vigilância e as palavras mais penetrantes. Entretanto, Calvino nunca era desnecessariamente severo ou tirano com sua congregação, pelo menos não de forma intencional. Em vez disso, era tipicamente moderado ao falar e gentil em suas palavras. Seu objetivo era edificar sua congregação nas coisas do Senhor, não arruiná-la. Sendo um pastor atencioso, ele pregava a Palavra de Deus para produzir mudanças na vida de seu povo, tudo para a glória de Deus e para o bem deles.

Este capítulo se concentra nos tipos de aplicação que Calvino usou em seus sermões. Como ele encorajou seu povo em sua vida cristã? Que hábitos ele ordenou? Quando a repreensão ou a confrontação era necessária, como ele as colocou em prática? Enquanto pregava, o desejo de Calvino era relacionar-se com seus ouvintes em muitos níveis, e ele foi bem-sucedido ao fazê-lo.

■ CARACTERÍSTICA N° 26: EXORTAÇÃO PASTORAL

Qualquer leitura atenta dos sermões de Calvino revela que ele aplicava as Escrituras de forma vibrante e com exortações amorosas. Em suas pregações, repetidas vezes instou seus ouvintes a

viverem a realidade do texto abordado. Ao falar do púlpito, o reformador enchia-se de persuasão afetuosa e apelos fervorosos. Ele pregava com a intenção de impelir, encorajar e estimular sua congregação a seguir a Palavra.

Com frequência, Calvino utilizava pronomes na primeira pessoa do plural — “nos” e “nós” — ao exortar sua congregação. Ao fazer isso, evitava criticar apenas os seus ouvintes, mas incluía a si próprio na necessidade de agir segundo a verdade bíblica. Nos trechos seguintes de seu sermão em Miquéias 2.4-5, veja a exortação pastoral de Calvino, aconselhando a sua congregação — e a si mesmo — a praticar a Palavra:

Portanto, aprendamos a não nos embriagarmos com nossas esperanças tolas. Em vez disso, esperemos em Deus e em suas promessas e nunca seremos enganados. Mas se basearmos nossas esperanças em nossa presunção, Deus nos despojará de tudo. Visto que a natureza humana é tão impulsionada pela presunção, esta é uma de nossas doutrinas mais essenciais. Por sermos tão cheios de um orgulho insuportável, Deus é forçado a nos punir severamente. Pensamos ser superiores a Deus a ponto de termos mais poder do que Ele. Portanto, percebendo o quão inclinados somos a este mal, devemos dar muito mais atenção ao que Miquéias diz aqui: não devemos descansar satisfeitos com o pensamento ‘o que tiver de ser será’. Em lugar disso, devemos perceber que a menos que a mão de Deus esteja sobre nós, estaremos condenados à miséria. Pois não há outra cura para nós a não ser que nos voltemos para Deus e firmemos nossas esperanças em suas promessas. Nisto consiste nosso remédio infalível e eficiente para qualquer desgraça que possa nos sobrevir.⁷

Então, o que devemos fazer? Não temos hoje uma par-

te específica da terra designada para os filhos de Deus, como houve para a descendência de Abraão. Mas toda a terra foi abençoada como um lugar apropriado para a habitação da humanidade. Visto ser este o caso, andemos no temor do Senhor, contentes com tudo que Ele nos dá, e seremos capazes de nos alegrar em qualquer parte da terra que Ele nos dê para habitar, de forma que poderemos dizer que somos herdeiros de Deus, e que já estamos desfrutando os benefícios que Ele preparou para nós no céu.⁸

Como mostram estes exemplos, a aplicação de Calvino era perscrutadora, concreta, e fortemente exortativa. No púlpito, Calvino era um mestre da arte da exortação pastoral que usava uma linguagem acessível a todos.

■ CARACTERÍSTICA Nº 27: AVALIAÇÃO PESSOAL

Com frequência, Calvino convidava seus ouvintes a examinarem a si próprios conforme ele aplicava a verdade bíblica. Depois de apresentar a interpretação correta, ele geralmente insistia para que os membros da congregação examinassem seu coração para ver como se conformavam à passagem em questão.

Calvino desafiou seus ouvintes, repetidas vezes, a se engajarem num auto-exame enquanto pregava em Gálatas:

Portanto, todos nós devemos examinar nossa vida comparando-a não com um único preceito de Deus, mas com toda a lei. Será que algum de nós pode verdadeiramente dizer que é irrepreensível?⁹

Por conseguinte, isto não foi escrito só em benefício dos Gálatas, pois nós também devemos colocar esta verdade em prática hoje, e usá-la para ensinar a todos que não

suportam ouvir a verdade vinda de outros. Se cada um de nós examinasse a si mesmo cuidadosamente, descobriríamos que todos estamos manchados pelo pecado até que Deus nos limpe.¹⁰

A maneira de aplicar este texto de Paulo à nossa instrução é a seguinte: Visto que não percebemos os pecados que estão à espreita dentro de nós, é necessário que Deus examine nossa vida... Contudo, se cada um de nós fosse mais cuidadoso em examinar a si próprio desta maneira, todos certamente teríamos motivos para estremecer e lamentar; toda altivez e todo orgulho seriam desmoralizados e nos envergonharíamos de cada aspecto de nossa vida.¹¹

O desejo evidente de Calvino não era que seu povo olhasse no espelho da Palavra para depois virar as costas e se esquecer do que viu. Em lugar disso, ele os convidava a examinar suas vidas com cuidado, à luz da verdade que ele proclamara.

■ CARACTERÍSTICA Nº 28: REPREENSÃO AMOROSA

A admoestação afetuosa com frequência caracterizava a pregação de Calvino quando ele sabia que membros de seu rebanho estavam brincando com o pecado ou vivendo nele. Ele criticava abertamente os maus hábitos, ciente de que suas palavras desafiariam seus ouvintes e, talvez, provocariam sua ira. Todavia, ele os convidava a prestar contas diante de Deus e os exortava a viver vidas santas.

Nos trechos seguintes, perceba como Calvino confrontou diretamente a imoralidade e a licenciosidade espiritual. Sua tentativa de preservar a integridade do evangelho, em seu sermão sobre o livro de Miquéias, é particularmente nobre:

Este mal reina hoje com mais intensidade do que na época de Miquéias. De fato, muito mais! É verdade que muitos estão contentes em ver o evangelho ser pregado, desde que não os atinja, ou os deixe desconfortáveis. Mas no momento em que alguém coloca o dedo em suas feridas, ou revela suas injúrias, eles passam a menos-prezar tal pessoa. No princípio, aplaudiam o evangelho, mas ao perceberem que Deus exigia que prestassem contas de seus pecados, abandonaram tudo. Assim, testemunhamos hoje uma incalculável murmuração contra Deus e sua Palavra.¹²

Alguns dos refugiados franceses que iam para Genebra levavam consigo estilos de vida pecaminosos. Seus hábitos licenciosos eram bem conhecidos. Em resposta, Calvino os chamou ao arrependimento:

Aqueles que vieram de longe deveriam aplicar-se em proceder de uma maneira santa como se estivessem na casa de Deus. Eles poderiam ter ficado em qualquer outro lugar a fim de viver em tal devassidão; não era necessário que saíssem do catolicismo para viver uma vida dissoluta. E, de fato, existem alguns para quem teria sido melhor divorciar-se do clero do que colocar os pés dentro desta igreja para agir de forma tão perversa. Alguns associam-se aos “*gaudisseurs*” [escarnecedores] para fortalecê-los em sua malícia; outros são glutões e bebedores; outros são indisciplinados e briguentos. Há lares onde marido e esposa são como cão e gato; existem alguns que tentam “elevantar” sua própria importância e, sem razão, imitam os lordes entregando-se à ostentação e ao luxo mundano. Outros tornam-se tão “delicados” que não sabem mais como trabalhar, mas não se contentam com qualquer tipo de comida. Há alguns fofoqueiros e maledicentes

que achariam o que dizer até contra o anjo do paraíso; e apesar de estarem transbordando de vícios desejam usar toda a sua “santidade” para controlar (“abençoar”) a vida de seus vizinhos. Apesar disso, eles acreditam que Deus deve estar contente com o fato de eles terem viajado para Genebra, como se esta mudança para Genebra fosse melhor para permanecer na sua imundícia do que cometer tais escândalos na igreja de Deus.¹³

Calvino também falou sobre o estilo de vida promíscuo de certas mulheres de Genebra. O reformador declarou:

Deus exige das mulheres uma modéstia tal como a que elas sabem que seu sexo demanda. Que não se comportem como soldados, como uma mulher que atira com uma *arquebuse* (espingarda) de forma tão atrevida quanto um homem... Quando alguém vê tal coisa e percebe o quão monstruosos e abomináveis são esses atos, não só é impelido a desprezar o encontro com estas mulheres vis, como também a enlameá-las, quando elas pervertem a ordem da natureza de forma tão audaciosa. Então, esta é a primeira coisa que Deus exige de uma mulher, isto é, ter modéstia e conduzir-se com toda polidez e elegância (“bonnetete”).¹⁴

Sem dúvida, o amor à admoestação e repreensão era parte integrante da pregação de Calvino. E é assim que deveria ser. Toda exposição verdadeira das Escrituras deve incluir tal correção.

■ CARACTERÍSTICA Nº 29: CONFRONTAÇÃO POLÊMICA

Para Calvino, a pregação também requeria uma defesa apologética da fé. Ao declarar que os pregadores devem guardar a verdade, ele escreveu: “Asseverar a verdade é apenas uma parte do trabalho de en-

sinar... todas as falácias do diabo também precisam ser dissipadas”.¹⁵ Ele acreditava que a exposição sistemática exige que as mentiras do diabo sejam confrontadas em todas as suas formas abomináveis. No ponto de vista de Calvino, toda a relevância das Escrituras deve ser empregada contra o erro teológico, quer dentro de uma igreja organizada quer fora dela. Isto incluía refutar falsos mestres, especialmente o papa, que contradizia a sã doutrina. No âmago desta prática havia uma santa urgência em guardar a glória de Deus, defender o caráter inigualável de Cristo e proteger a pureza do evangelho.

O conflito mais freqüente de Calvino era com a Igreja Católica Romana e com o papa. Ao explicar as Escrituras, o reformador de Genebra era sincero ao se referir ao falso sistema por meio do qual Roma perverteu a graça de Deus:

A Igreja Católica Romana dá continuidade hoje ao mesmo tipo de práticas idólatras que eram comuns entre os pagãos, mas o faz em nome dos apóstolos e da virgem Maria. As únicas coisas que mudaram são os nomes dos ídolos! A superstição é tão perniciosa e detestável hoje como o era entre os primeiros idólatras!¹⁶

No púlpito, Calvino não media palavras ao confrontar o ensino falso do papa. Leroy Nixon observou: “Se [Calvino] precisasse distrair a si mesmo e aos seus ouvintes enquanto organizava seus pensamentos numa melhor disposição, ele estava quase sempre disposto a fazer uma crítica contra o papado”.¹⁷ Um exemplo disso é encontrado no sermão: “Reconhecendo a Suprema Autoridade de Jesus Cristo”, uma exposição em Gálatas 1.1-12:

O mesmo se aplica a nós hoje, pois o papa (a fim de iludir este nosso pobre mundo, e manter sua opressão ilícita e diabólica) reivindica ser o “Vigário de Jesus Cristo”, numa sucessão direta dos apóstolos! E também, tem

abaixo dele aqueles vermes do clero, conhecidos como bispos — aquelas bestas de chifres! (Eles possuem esse título tão ilustre somente porque o engano é abundante no papismo.) Se acreditarmos no que dizem, todos são descendentes diretos dos apóstolos! Porém, temos de examinar que semelhança há entre eles. Se Deus autorizou o chamado deles, então devem dar um testemunho claro e infalível deste fato. No entanto, o papa e todos os seus seguidores são culpados de falsificar e corromper todo o ensinamento do evangelho. O que eles chamam de servir a Deus não passa de abominação aos olhos dEle. O sistema inteiro é construído sobre mentiras e fraudes grosseiras, pois eles foram enfeitados pelo próprio Satanás, como a maioria de nós já sabe. Mas qual disfarce Satanás usa para ocultar todo este mal? É a idéia de que há uma sucessão contínua desde os dias dos apóstolos; assim, estes bispos representam hoje os apóstolos da igreja, e qualquer coisa que eles digam deve ser aceita. Bem, nossa tarefa é decidir se aqueles que alegam estas coisas têm algo em comum com os apóstolos. Se estiverem exercendo o ofício de bons e fiéis pastores, então os ouviremos! Mas se vivem de forma contrária ao padrão que nosso Senhor Jesus Cristo ordenou para sua igreja, o que podemos dizer? Ah, mas eles reivindicam ser os verdadeiros sucessores dos apóstolos! Então, que primeiro apresentem provas disso. Eles fingem ter evidências disso, mas elas são inconsistentes. Também podemos acrescentar que havia tantos destes “sucessores” na Galácia, assim como em Roma; na verdade, não somente lá, mas em vários lugares onde Paulo pregou — em Éfeso, Colossos, Filipos, e em outras regiões! Então, quem são os sucessores apostólicos agora? Se um homem acredita ter o privilégio de ser um dos sucessores de Paulo, então deveria sair e pregar o evangelho. Ele deveria apresentar as evidências desse fato antes de ser aceito pelas pessoas.¹⁸

Sempre que podia, Calvino apressava-se em defender o evangelho. Ele não se envergonhava do evangelho de Deus em Jesus Cristo. Veja como ele advogou a causa da graça:

Portanto, compreendamos que não há salvação alguma fora de Jesus Cristo, pois Ele é o autor e o consumidor da fé; Ele é tudo em todos. Prossigamos em humildade, sabendo que a única coisa que podemos trazer sobre nós mesmos é a condenação; por conseguinte, encontramos tudo o que concerne à salvação na pura e espontânea misericórdia de Deus.¹⁹

Concluindo, percebamos que não podemos ser cristãos a menos que o Espírito Santo primeiro nos conceda a humildade de confessar que nossa salvação procede inteiramente da graça de Deus.²⁰

Do seu púlpito em Genebra, Calvino usou cada oportunidade de confirmar a sã doutrina e refutar toda e qualquer objeção a ela. Ele era um leal guardião da verdade.

A APLICAÇÃO MAIS PENETRANTE DE CALVINO

Sempre havia um homem na congregação a quem Calvino primeiramente dirigia seus sermões. Sempre que subia ao púlpito, ele era mais rígido com este homem. Nunca deixava de punir este ovinho; nunca permitia que ele escapasse à sua avaliação. Este homem fazia-se presente em todo o tempo em que o reformador pregava. Na verdade, ele nunca perdia uma mensagem. Não obstante, tal pessoa era a que menos se impressionava com a grande reputação e talento do teólogo. Quem era este homem, alvo dos ataques de Calvino?

Era ninguém mais que o próprio Calvino. Durante a pregação ele não perdia a si mesmo de vista. Calvino confessou que o prega-

dor “precisava ser o primeiro a obedecer [a Palavra], e que desejava declarar que não estava impondo uma lei somente para os outros, e sim que a sujeição era comum a todos, e que cabia a ele dar o primeiro passo”.²¹

É assim que a aplicação deve começar em cada sermão — com o próprio pregador. Antes que o pregador olhe para a congregação, ele deve primeiro olhar para dentro de si. Um dedo aponta para o povo, mas três apontam para o seu próprio coração. Pregador algum pode levar seu povo onde ele mesmo não deseja ir. Que Deus dê hoje à sua igreja pastores humildes e santos, que praticam o que pregam.

Concluindo a Pregação

João Calvino era, de longe, o maior dos reformadores no que diz respeito aos talentos que possuía, à influência que exercia e ao serviço que prestou para o estabelecimento e difusão da importante verdade.¹

— WILLIAM CUNNINGHAM

As pregações expositivas de João Calvino eram considerações amplas e minuciosas acerca das Escrituras. Ele as planejava para edificar huguenotes segregados da França, para fortificar refugiados da Escócia e da Inglaterra e para evangelizar almas católicas em Genebra. Ele lidava com assuntos importantes e profundos que requeriam mensagens substanciais. Assim, longe de dar uma visão superficial das passagens que expunha, Calvino se aprofundava em cada texto a fim de revelar seus tesouros sagrados. Não surpreende que explicações detalhadas e argumentos irrefutáveis

exigissem uma porção significativa de tempo para serem proferidos. Além disso, o célebre reformador dirigia-se à sua congregação dispondo as palavras de forma cadenciada, num ritmo ponderado. Desta forma, as pregações de Calvino duravam aproximadamente uma hora; algumas tinham seis mil palavras. Sendo um expositor fiel, ele investia o tempo necessário no púlpito para explicar as Escrituras de forma adequada e vigorosa.

Contudo, Calvino reconhecia que a explicação sensata e a aplicação sólida das Escrituras não eram suficientes. Ele sabia que devia dar a seus sermões uma conclusão enfática. Assim, o clímax da pregação do reformador era um mandamento a ser seguido. As últimas palavras costumam ser as mais duradouras, e em lugar nenhum isto foi mais verdadeiro do que nas pregações de Calvino. Em vez de diminuir de intensidade ao se aproximarem do fim, perdendo sua força e encanto, as mensagens de Calvino ganhavam força à medida que caminhavam para a conclusão, depois terminavam com um impacto direto que deixava uma impressão duradoura em seus ouvintes. Como uma sinfonia cuja intensidade do som vai crescendo até chegar ao final, as pregações de Calvino tornavam-se mais intensas e seu volume de voz aumentava conforme chegava ao final, deixando sua congregação elevada na presença de Deus.

Na conclusão de cada sermão, primeiro Calvino fazia um resumo da verdade que explicara. Depois, instava vigorosamente seus ouvintes a terem submissão absoluta ao Senhor. Ele os intimava a terem uma fé resoluta em Deus, por meio da qual eles escolheriam obedecer a Deus de todo o coração. Da mesma forma como um advogado habilidoso faz as suas alegações finais diante do júri, o expositor de Genebra aplicava seu texto bíblico à alma da congregação, clamando por um veredicto — uma decisão que honrasse a Deus. Finalmente, ele concluía com uma oração pública, confiando seu rebanho às soberanas mãos do Senhor. Este capítulo concentra-se nestes elementos finais da pregação de Calvino.

■ CARACTERÍSTICA Nº 30: UM RESUMO DE REAFIRMAÇÃO

Quando concluía seu poderoso sermão, Calvino geralmente resumia e reafirmava o principal assunto exposto, utilizando um parágrafo curto. Este resumo final servia para reforçar as evidentes verdades que ele afirmara na mensagem, bem como para selar tais verdades no coração dos seus ouvintes. O parágrafo seguinte é um exemplo típico retirado de seu sermão em Gálatas 1.1-2, o qual tratou principalmente da suprema autoridade de Jesus Cristo:

Então, eis um resumo do que sempre precisamos ter em mente. Em primeiro lugar, não devemos medir o evangelho pela reputação de quem o prega, pois eles são homens fracos. Não devemos pensar assim, do contrário, nossa certeza de salvação dependerá do mérito de homens, o que significará que estamos nos apoiando neste mundo. Em vez disso, devemos compreender que o evangelho é, por assim dizer, o próprio Cristo dirigindo-se a nós. E como Ele fala? Com a autoridade que o Pai Lhe deu, pois Ele foi ressuscitado dentre os mortos pela plenitude do poder do Espírito Santo. Nosso Senhor Jesus Cristo possui tal autoridade porque foi ressuscitado e exaltado aos céus, e agora Ele tem o domínio sobre toda criatura. Sendo assim, devemos nos submeter a Ele, e nos manter sob rédeas curtas, por assim dizer. Devemos receber sua Palavra e reconhecer que Ele está no controle de nossa vida. Precisamos estar dispostos a ser ensinados em seu nome, pois sempre que sua Palavra é pregada, embora seja proferida por lábios de homens, é transmitida com a autoridade de Deus. Nossa fé deve ser totalmente fundamentada nesta Palavra, tanto quanto se os céus tivessem sido abertos centenas de vezes e tivessem revelado a glória de Deus. Esta, eu digo, é a maneira pela qual devemos ser instruídos neste mundo, até o dia em que Deus nos

reunirá em seu reino eterno. É disto que temos de nos lembrar sempre que a glória do Senhor Jesus Cristo nos for apresentada.²

Outro resumo aparece no sermão de Calvino em Miquéias 1.3-5a. Neste caso, ele deixou claro para a congregação que o sermão chegara ao fim. Na verdade, ele usou a palavra *resumo*:

Isto, em resumo, é o que existe por trás da intenção de Miquéias. É por isso que ele exorta grandes e pequenos a se submeterem mais uma vez a Deus, a implorarem a Deus que perdoe seus pecados e a reconhecerem sua culpa, compreendendo que ninguém possui uma desculpa legítima. Isto, eu repito, é o que precisamos aprender aqui a fim de sabermos como nos beneficiar desta passagem.³

Calvino entendia claramente o valor de reafirmar a idéia central do sermão. Ninguém saía dos sermões de Calvino sem conhecer seus pontos principais.

■ CARACTERÍSTICA Nº 31: APELO URGENTE

Após o seu resumo final, Calvino habilmente passava a um apelo urgente, um último chamado para uma resposta humilde. Às vezes, ele ordenava a confissão de pecados e o arrependimento penoso, apelando para que os pecadores errantes se lançassem em completa dependência à soberana misericórdia de Deus. Outras vezes, ele sentia que era apropriado um encorajamento para obediência incessante. Seu objetivo era a transformação total de vidas, então, desafiava as inclinações de seu povo vigorosamente.

Durante estes apelos finais, o estilo de Calvino era freqüentemente direto, uma metodologia que ele atribuiu ao apóstolo Paulo. Calvino escreveu:

“Não é suficiente”, diz [S. Paulo], “pregar o que é bom e útil. Pois se os homens fossem favoráveis e recebessem o que Deus colocou diante deles, e se fossem tão receptivos ao ensino de forma a conseguirem conciliar sua mente e coração com o propósito de Deus, para se sujeitarem ao que é bom, teria sido suficiente dizer: ‘Isto é o que Deus declara para nós’. Entretanto, visto que os homens são maliciosos, ingratos, perversos; preferem mentiras em vez de verdades, prontamente se desviam, e mudam de direção mesmo depois de terem conhecido a Deus, e distanciam-se dEle — por esta razão é necessário”, diz S. Paulo, “que nos obriguemos a ter domínio próprio, e também é necessário que Deus, tendo nos ensinado com fidelidade, nos exorte a persistir em obediência à sua palavra”.⁴

O pregador deve falar, disse Calvino, “de uma maneira que mostre que ele não está fingindo”.⁵ Calvino fazia isto — era muito sincero em sua pregação. Veja como ele exortou sua congregação:

Além disso, aprendamos que Deus não tem a intenção de que existam igrejas semelhantes a lugares onde as pessoas se divertem e dão gargalhadas como se uma comédia estivesse sendo representada. Deve haver majestade em sua Palavra, de modo que sejamos persuadidos e influenciados.⁶

Ao concluir suas mensagens, com frequência Calvino exortava sua congregação com estas palavras: “Prostremo-nos diante da majestade de nosso grande Deus e...” Isto era um impetuoso convite para uma profunda humildade e rendição pessoal ao Senhor. Qualquer que fosse o texto usado, estas palavras clamavam pela submissão incondicional de todos os seus ouvintes. Por exemplo,

Calvino pronunciou os seguintes desafios no final de dois de seus sermões em Gálatas:

Prostremo-nos diante da majestade de nosso grande Deus, reconhecendo nossas faltas, e orando para que Ele se agrade em nos fazer cada vez mais conscientes delas, a fim de sermos conduzidos a um arrependimento melhor. Que nós, que fomos regenerados, realmente sintamos que estamos sendo guiados pelo Espírito Santo. Se este é o testemunho de nosso coração, então podemos orgulhar-nos, sem hipocrisia, de estarmos no mundo, mas de não pertencermos a ele. De fato, somos peregrinos e estrangeiros aqui; nossa morada eterna é o céu — uma herança no alto, a qual nos é assegurada pela fé, embora não a desfrutemos no tempo presente. Que Deus se agrade em conceder sua graça, não só a nós, mas a todos os povos e nações da terra.⁷

Prostremo-nos diante da majestade de nosso grande Deus, admitindo nossos pecados, e orando para que o Senhor nos torne cada vez mais cientes deles. Que sejamos compungidos em nossa consciência, a fim de odiarmos nosso pecado e abraçar a misericórdia do Senhor. Que sua graça seja derramada sobre nós de forma transbordante. Que sua mão nos ajude e sustente em nossas fraquezas, até que sejamos levados à santa perfeição no reino dos céus, a qual foi comprada para nós pelo nosso Senhor Jesus Cristo.⁸

Conforme mostram estes exemplos, os apelos que Calvino fazia ao final da pregação eram francos e vigorosos. Ele simplesmente não podia descer do púlpito sem instar seus ouvintes, uma última vez, a agir segundo a verdade que ele acabara de proclamar. Eles deviam ser *praticantes* da Palavra, não somente ouvintes.

■ CARACTERÍSTICA Nº 32: INTERCESSÃO FINAL

Uma vez feito seu apelo final, Calvino concluía seu sermão com uma oração. Havendo transmitido a Palavra de Deus ao povo, ele então desejava levar o povo ao trono de Deus. Sua intenção era deixá-los na presença do Pai. Estas orações finais possuíam um caráter vertical; eram um clamor a Deus em favor dos ouvintes; desvendavam a gloriosa majestade de Deus enquanto Calvino fazia uma petição final em favor do bem-estar espiritual de sua congregação.

Os exemplos seguintes dessas intercessões finais de Calvino foram extraídos de seus sermões em Miquéias:

Deus Todo-Poderoso, nosso Pai celestial, sabe-se desde a antiguidade que sempre Te agradaste de estender tua graça ao teu povo, mesmo sendo um povo perverso e rebelde; que nunca cessaste de exortá-los ao arrependimento, mas sempre os conduziste pela tua mão, por meio dos teus profetas. Concede-nos também a tua graça hoje, a fim de que a tua Palavra ressoe em nossos ouvidos. Se no princípio não soubemos aproveitar o teu santo ensino como deveríamos, não nos rejeita, mas, por meio de teu Espírito, subjuga nossas mentes e afeições e reina sobre elas, para que sendo verdadeiramente humilhados e lançados por terra, possamos dar a devida glória à tua majestade. E assim, vestidos do teu amor e favor paternal, possamos nos submeter totalmente a Ti, recebendo a bondade que o Senhor nos providenciou e nos ofereceu em nosso Senhor Jesus. Que nunca mais duvidemos que somente Tu és nosso Pai até o dia em que nos regozijaremos em tua promessa celestial, a qual nos foi adquirida através do sangue de teu único Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.⁹

Deus Todo-Poderoso, nosso Pai Celeste, concede-nos a graça de que, após sermos advertidos por tantos exemplos de tua ira e vingança, a lembrança daquilo que o Senhor determinou possa durar até ao fim do mundo. Que, através disso, possamos aprender quão temível e terrível Juiz Tu és, contra os obstinados e contra aqueles que endurecem seu coração. Concede-nos também que, hoje, não sejamos surdos para esta doutrina, a qual ouvimos da boca de teu profeta. Em vez disso, concede-nos que possamos aplicar verdadeiramente todos os nossos estudos para satisfazer-Te e alcançar favor aos teus olhos, de forma que, abandonando toda esperança na humanidade, apresentemo-nos diretamente a Ti. E ainda que, sendo fortalecidos apenas por tua bondade, a qual prometeste em Jesus Cristo, nunca mais duvidemos que és nosso verdadeiro Pai. Que sejamos tocados de tal forma pelo espírito de arrependimento que, mesmo após termos sido maus exemplos uns para os outros, e escandalizado uns aos outros, possamos nos tornar estandartes, ou guias, para o caminho da salvação. E que nos esforcemos por ajudar nosso próximo por meio de uma vida justa e bem regrada, para que juntos possamos alcançar a vida celestial e feliz, que teu único Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, comprou para nós por um alto preço, pelo seu sangue. Amém.¹⁰

Por meio de tais orações, Calvino fazia sua última súplica a Deus em favor de sua congregação e os deixava *coram Deo* — diante da face de Deus.

DELE, POR MEIO DELE E PARA ELE

Em uma das maiores doxologias da Bíblia, Romanos 11.36, lemos: “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas.

A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” Neste texto, que é uma fervorosa magnificação da soberania de Deus, a glória mais elevada é atribuída a Ele por várias razões. Primeiro, todas as coisas são *dEle* — ou seja, Ele é a fonte de tudo que existe. Em segundo lugar, todas as coisas são *por meio* dEle — ou seja, Ele é o instrumento por meio do qual todas as coisas existem. Em terceiro, todas as coisas são *para* Ele — ou seja, Ele é o propósito final ou o bem maior. Somente esta compreensão teocêntrica pode glorificar a Deus.

Esta centralidade em Deus é uma verdade exclusiva da pregação expositiva. Podemos dizer que tudo o que um pregador declara provém verdadeiramente de Deus, se for através de uma pregação bíblica. Neste tipo de abordagem, a mensagem se origina na Palavra inspirada de Deus. O pregador nada tem a dizer à parte da Palavra. Além disso, todas as coisas que o pregador diz são por meio de Deus. O próprio Deus dá ao pregador tudo o que ele precisa para que a mensagem seja apresentada de forma apropriada — a interpretação correta, a sabedoria divina, o coração ardente e o poder sobrenatural para pregar de uma maneira capaz de mudar vidas. Ademais, conforme o sermão é proferido, Deus trabalha no ouvinte. Ele abre os olhos, os ouvidos e o coração daqueles que estão na congregação, e age sobre a vontade deles de forma que o sermão tenha êxito. Somente desta maneira, a pregação pode, de verdade, ser *para* Ele, ou seja, para a glória de Deus.

Este era o sentimento presente na pregação de Calvino. Do começo ao fim, era *solí Deo gloria* — somente para a honra e majestade de Deus. Desde seu cuidadoso estudo do texto inspirado até a pregação em si, para este reformador de Genebra, todas as coisas eram *dEle*, *por meio dEle*, e *para Ele*. Só podemos dizer: *A Deus seja a glória para sempre. Amém*, quando há um estilo de pregação como este. Que hoje seja o dia em que os pregadores, em todos os lugares, preguem apenas para a glória de Deus.

CONCLUSÃO

“Queremos mais Calvinos”

Entre todos os nascidos de mulher, não houve ninguém maior do que João Calvino; nenhuma época anterior à dele jamais produziu alguém igual a ele, e nenhuma época depois dele viu um concorrente seu.¹

Nenhum outro homem pôde expressar, conhecer e explicar as Escrituras de forma mais clara do que a forma como Calvino o fez.²

— CHARLES HADDON SPURGEON

Estamos agora no século vinte e um, quase quinhentos anos distantes do tempo de João Calvino, mas nos encontramos num momento igualmente crítico na história da redenção. Da mesma maneira como a igreja organizada estava espiritualmente arruinada no início dos dias de Calvino, assim também acontece em nossa época. Certamente, a julgar pela aparência, a igreja evangélica neste momento parece estar florescendo.

Igrejas enormes estão surgindo em todos os lugares. A música cristã e as editoras contemporâneas parecem aumentar com muita rapidez. Reuniões de homens lotam grandes estádios. Ouve-se que há grupos de políticos cristãos em todas as camadas governamentais. Contudo, a igreja evangélica é, em grande medida, um sepulcro caído. Tragicamente, sua fachada disfarça sua verdadeira condição interna.

O que devemos fazer? Devemos fazer o que Calvino e os reformadores fizeram há tanto tempo. Não existem remédios novos para problemas velhos. Devemos retornar aos caminhos antigos. Devemos, uma vez mais, recuperar a centralidade e a capacidade de penetração da pregação bíblica. É preciso um retorno decisivo à pregação direcionada pela Palavra, que exalta a Deus, que é centrada em Cristo e fortalecida pelo Espírito. Precisamos desesperadamente de uma nova geração de expositores, homens da mesma estirpe de Calvino. Pastores marcados pelo entusiasmo, pela humildade e bondade devem novamente “pregar a Palavra”. Em resumo, precisamos de outros Calvinos para subir aos púlpitos e proclamar, cheios de coragem, a Palavra de Deus.

Charles H. Spurgeon deve ter a última palavra aqui. Este grande homem testemunhou, de primeira mão, a decadência da pregação dinâmica e publicou o seguinte apelo:

Queremos outros Luteranos, Calvinos, Bunyans, Whitefields, homens preparados para marcar eras, cujos nomes inspiram terror aos ouvidos de nossos inimigos. Necessitamos deles desesperadamente. De onde eles virão para nós? Eles são presentes de Jesus Cristo para a igreja, e virão em tempo oportuno. Jesus tem poder de nos trazer de volta a era de ouro dos pregadores, e quando a boa e antiga verdade for mais uma vez pregada por homens cujos lábios foram tocados como por uma brasa viva tirada do altar, isto será o instrumento na mão do

Espírito para realizar um grande avivamento da religião em toda a terra...

Eu não busco outro meio de converter os homens além da simples pregação do evangelho e do abrir de seus ouvidos para que o ouçam. No momento em que a igreja de Deus desprezar o púlpito, Deus desprezará a igreja. É por meio deste ministério que o Senhor se agrada em despertar e abençoar sua Igreja.³

Que a sincera oração de Spurgeon seja respondida mais uma vez hoje. *Queremos* mais Calvinos. *Precisamos* ter outros Calvinos. E, pela graça de Deus, os veremos surgir novamente nesta época. Que o cabeça da igreja nos dê mais uma vez um exército de expositores da Bíblia, homens de Deus dispostos à uma nova reforma.

Soli Deo Gloria.

DISTRIBUIÇÃO DE VERSÍCULOS FEITA POR
JOÃO CALVINO PARA SUA SÉRIE DE SERMÕES.

SÉRIE EM 2 SAMUEL

1. 2 Sm 1.1-16	16. 2 Sm 6.1-7	31. 2 Sm 10.10-19
2. 2 Sm 1.17-27	17. 2 Sm 6.6-12	32. 2 Sm 11.1-5a
3. 2 Sm 1.21-27	18. 2 Sm 6.12-19	33. 2 Sm 11.5-13
4. 2 Sm 2.1-7	19. 2 Sm 6.20-23	34. 2 Sm 11.14-27
5. 2 Sm 2.8-17	20. 2 Sm 7.1-13	35. 2 Sm 12.1-6
6. 2 Sm 2.18-32	21. 2 Sm 7.4-13	36. 2 Sm 12.7-12
7. 2 Sm 3.1-11	22. 2 Sm 7.12-15	37. 2 Sm 12.13
8. 2 Sm 3.12-27	23. 2 Sm 7.12-17	38. 2 Sm 12.13-14
9. 2 Sm 3.26-39	24. 2 Sm 7.18-23	39. 2 Sm 12.15-23
10. 2 Sm 4.1-12	25. 2 Sm 7.22-24	40. 2 Sm 12.24.31
11. 2 Sm 4.5-12	26. 2 Sm 7.25-29	41. 2 Sm 13.1-14
12. 2 Sm 5.1-5	27. 2 Sm 8.1-12	42. 2 Sm 13.15-25
13. 2 Sm 5.6-12	28. 2 Sm 8.9-18	43. 2 Sm 13.25-39
14. 2 Sm 5.13-21	29. 2 Sm 9.1-13	
15. 2 Sm 5.22-25	30. 2 Sm 10.1-12	

SÉRIE EM MIQUÉIAS

1. Mq 1.1-2	11. Mq 3.5-8	21. Mq 6.1-5
2. Mq 1.3-5a	12. Mq 3.9-10	22. Mq 6.6-8
3. Mq 1.5b-10	13. Mq 3.11-4.2	23. Mq 6.9-11
4. Mq 1.11-16	14. Mq 4.2-3	24. Mq 6.12-16
5. Mq 2.1-3	15. Mq 4.4-7	25. Mq 7.1-3
6. Mq 2.4-5	16. Mq 4.8-10a	26. Mq 7.4-7
7. Mq 2.6-7	17. Mq 4.10b-13	27. Mq 7.8-9
8. Mq 2.8-11	18. Mq 5.1-2	28. Mq 7.10-12
9. Mq 2.12-13	19. Mq 5.3-6	
10. Mq 3.1-4	20. Mq 5.7-14	

SÉRIE EM EFÉSIOS

1. Ef 1.1-3	17. Ef 3.7-9	33. Ef 4.31-5.2
2. Ef 1.3-4	18. Ef 3.9-12	34. Ef 5.3-5
3. Ef 1.4-6	19. Ef 3.13-16	35. Ef 5.8-11
4. Ef 1.7-10	20. Ef 3.14-19	36. Ef 5.11-14
5. Ef 1.13-14	21. Ef 3.21-4.2	37. Ef 5.15-18
6. Ef 1.15-18	22. Ef 4.1-5	38. Ef 5.18-21
7. Ef 1.17-18	23. Ef 4.6-8	39. Ef 5.22-26
8. Ef 1.19-23	24. Ef 4.7-10	40. Ef 5.25-27
9. Ef 2.1-5	25. Ef 4.11-12	41. Ef 5.28-30
10. Ef 2.3-6	26. Ef 4.11-14	42. Ef 5.31-33
11. Ef 2.8-10	27. Ef 4.15-16	43. Ef 6.1-4
12. Ef 2.11-13	28. Ef 4.17-19	44. Ef 6.5-9
13. Ef 2.13-15	29. Ef 4.20-24	45. Ef 6.10-12
14. Ef 2.16-19	30. Ef 4.23-26	46. Ef 6.11-17
15. Ef 2.19-22	31. Ef 4.26-28	47. Ef 6.18-19
16. Ef 3.1-6	32. Ef 4.29-30	48. Ef 6.19-24

ESBOÇO IMPLÍCITO DE JOÃO CALVINO DA PREGAÇÃO EM JÓ 21.13-15.

Organizado por T.H.L. Parker

1. Ele lembra a congregação sobre o que foi dito no dia anterior.

2. Versículo 13. “Deus permite que os desdenhadores de sua majestade *desçam à sepultura em paz*, após terem possuído bons momentos em toda a sua vida.”

O Salmo 73, a partir do versículo 4 (texto brevemente explicado) pode ser comparado com esta passagem.

Há um contraste entre a morte freqüentemente tranqüila dos ímpios e as angústias de morte dos crentes. Mas Deus protela seu juízo para o mundo por vir; assim, devemos elevar nossa mente acima deste mundo passageiro, quando Deus julgará o perverso.

Portanto, não sejamos como aqueles que desprezam a Deus e têm toda a sua felicidade neste mundo. Em vez disso, prefiramos ser desventurados aqui, e olhemos para Deus a fim de nos ser concedida sua recompensa na vida futura.

“Observe sobre o que os crentes são admoestados aqui.”

3. Versículo 14. “Agora Jó declara como os perversos rejeitam a Deus por completo. ‘Eles dizem-Lhe: “Retira-te de nós, pois não desejamos conhecer os teus caminhos”’.

Os perversos desejam ficar livres de Deus. Eles são vistos tentando se afastar dEle, afirmando que podem fazer as coisas como quiserem.

“Não queremos os teus caminhos.” Estar perto de Deus ou longe dEle é uma questão que não se refere à sua essência e majestade. Significa ser obediente ou desobediente à sua Palavra.

“Agora, eis uma passagem da qual podemos colher ensinamentos bons e úteis”:

- 1) A fonte e o alicerce de uma boa vida é ter Deus sempre diante de nós.
 - a) Como um homem pode abandonar a corrupção de sua natureza?
 - b) Ele deve ser corrigido por Deus, pois não pode corrigir a si mesmo.
 - c) Somos tão cegos que não sabemos o caminho certo. Pensamos que o mal é bem até que Deus nos ilumine.

Então, desejamos andar como deveríamos? Começemos neste ponto — ou seja, aproximemo-nos de nosso Deus. Como nos aproximamos? Antes de tudo, saibamos que nada está escondido dos seus olhos; todos devem prestar contas diante dEle, e Ele deve ser o Juiz até dos nossos pensamentos.

“Voilà, isto é o bastante para o início.”

- 2) Deus nos julgará pela sua Palavra, a espada de dois gumes.
 - a) Por conseguinte, devemos nos aproximar dEle.
 - b) E isto significa aproximar-se dEle e de sua Palavra, por meio da qual Ele vem a nós.
 - c) Por esta razão, nossa maior miséria é ficar sem a Palavra de Deus; nossa maior bênção é quando Ele a dá para nós.
 - d) Aqueles que não se submetem à sua Palavra mostram que são inimigos de Deus.
 - e) Que sempre sejamos diligentes e obedientes.

“Voilà, o que temos de observar nesta passagem — que não

tenhamos Deus apenas diante dos olhos, mas que também amemos seu cuidado e direcionamento em nossa vida.”

4. Versículo 15. “Agora, depois de ter Jó demonstrado a blasfêmia da parte dos perversos e dos desdenhadores de Deus, ele acrescenta aquilo que eles falam: ‘Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos? E que nos aproveitará que lhe façamos orações?’”

1) O orgulho dos ímpios.

- a) O orgulho é o principal vício dos perversos, da mesma forma como a humildade é a soberana virtude nos crentes — a mãe de todas as virtudes.
- b) O orgulho deles consiste em confiar em sua própria sabedoria.
- c) Cheios de presunção, eles fazem só o que querem.

2) “Quem é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos”?

- a) Eles não usam exatamente estas palavras, mas é isto que têm em mente; e, às vezes, Deus os leva a traírem-se a si mesmos.
- b) Reconhecem a existência de Deus, mas não a sua autoridade.
- c) Contudo, os crentes devem submeter-se a Deus como seus filhos, criados à sua imagem, redimidos pela morte e pelo sofrimento de seu único Filho, chamados para ser sua família, como filhos e herdeiros.

“Então, feitas estas comparações, — Eu oro para que, caso tenhamos coração de ferro ou aço, que ele seja amolecido. Se estamos inchados e estourando de tanta arrogância, este veneno não deve ser todo purgado para que possamos obedecer a Deus em verdadeira humildade?”

d) Ele se refere à introdução dos dez mandamentos:

Eu sou o SENHOR, teu Deus.”

I) “O SENHOR” — isto é, o Criador.

II) “teu Deus” — o Pai de seu povo.

- III) “que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” — ou seja, nos redimiui das profundezas do inferno pelo nosso Senhor Jesus Cristo.
 - IV) Portanto, devemos nos dedicar inteiramente ao serviço de Deus.
 - V) Deus acrescenta promessas à nossa atitude de servi-Lo. Promete que será nosso Pai, o defensor de nossa vida, que perdoará nossos pecados, e aceitará nosso débil serviço sem examiná-lo de forma rigorosa e hipercrítica.
- 3) “Qual a vantagem de servir a Deus?”
- a) Se fugimos de Deus, nos tornamos servos de nossos próprios desejos ou do diabo.
 - b) Estar livre do serviço a Deus é na verdade escravidão.
 - c) O serviço a Deus é mais honroso do que a posse de um reino.
- 4) “Além disso, nos prolonguemos mais aqui, conforme fez Jó.”
- a) Os perversos pensam que podem viver bem ou mal de acordo com sua vontade, porque as punições de Deus não são evidentes.
 - b) Mas devemos nos prender à verdade do que disse Isaías: “Dizei aos justos que... comerão do fruto das suas ações” (3.10). Quando virmos confusão no mundo, e servir a Deus parecer zombaria, devemos confiar que Ele não desapontará nossa esperança.
 - c) O próprio Deus é nossa recompensa, conforme diz Salmos 16.5 e Gênesis 15.1.

5. “Ainda há uma palavra a observar. Depois que Jó falou do servir a Deus, ele colocou a oração em segundo lugar.”

- 1) Embora servir ao nosso próximo seja servir a Deus, Ele requer mais do que isso — “orações e preces”.

- 2) Uma vida limpa de vícios, porém, sem religião ou fé não é aceitável a Deus.
- 3) O principal serviço a Deus é invocá-Lo.
- 4) Conclusão: Uma vida aprovada e aceita por Deus é aquela que confia nEle, recorre a Ele e que ama o próximo. “Então, quando nossa vida é ordenada desta forma, ela serve a Deus de verdade.”

Dediquemo-nos à oração, pois ela é importante para que a mensagem seja consistente.

Sobre o autor

Dr. Steven J. Lawson é o pastor da Christ Fellowship Baptist Church em Mobile, Alabama e serviu por vinte e cinco anos como pastor em Arkansas e Alabama. Ele formou-se Bacharel em Administração de Empresas na Universidade Tecnológica do Texas, em Mestre em Teologia no Seminário Teológico de Dallas, e em Doutor em Ministérios no Seminário Teológico Reformado.

Dr. Lawson escreveu treze livros, sendo os mais recentes *Foundations of Grace* e *Psalms - Volume II* (Salmos 76-150), na série Holman Comentários no Antigo Testamento. Seus outros livros incluem *Famine in the Land: A Passionate Call for Expository Preaching*; *Psalms - Volume I* (Salmos 1-75), e *Job*, na série Holman Comentários no Antigo Testamento; *Made in Our Image*; *Absolutely Sure*; *The Legacy*; e *Faith Under Fire*. Seus livros têm sido traduzidos em várias línguas, em várias partes do mundo, incluindo russo, italiano, português, espanhol e a língua Indonésia.

Ele tem contribuído com vários artigos para a *Bibliotheca Sacra*, para o *Southern Baptist Journal of Theology, Faith and Mission*, para a revista *Decision* e para o *Discipleship Journal*, entre outros jornais e revistas.

O ministério de pregação do Dr. Lawson o leva por mui-

tas partes do mundo, mais recentemente para a Rússia, Ucrânia, País de Gales, Inglaterra, Irlanda, Alemanha, e muitas conferências nos Estados Unidos, incluindo a *Shepherd's Conference* e a *Resolved Conference*, na *Grace Community Church* em Sun Valley, Califórnia.

Ele é presidente do *New Reformation*, um ministério destinado a realizar uma reforma bíblica na igreja atual. Ele serve no conselho executivo do *Master's Seminary and College*, e ensina pregação expositiva no programa de doutorado em ministérios do *Master's Seminary*. Ele também é professor do *Expositor's Institute*, da *Grace Community Church*. Dr. Lawson participou do *Distinguished Scholars Lecture Series* no *Master's Seminary*, tendo falado, em 2004, sobre “Pregações Expositivas no Livro dos Salmos”. Ele também serve no conselho do Instituto e Seminário Teológico dos Pregadores de Samara, na Rússia.

Dr. Lawson e sua esposa, Anne, têm três filhos, Andrew, James, e John, e uma filha, Grace Anne.

NOTAS

CAPÍTULO 1

1. BOICE, James M. *O evangelho da graça: a aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 1999.
2. DANIEL, Curt. *The history and theology of Calvinism*. Dallas, TX: Scholarly Reprints, 1993. p. 24.
3. Para ler mais sobre isso, ver:
McGRATH, Alister E. *A vida de João Calvino*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004.
- McNEILL, John T. *The history and character of calvinism*. London, England; Oxford, England; and New York, NY: Oxford University Press, 1954, 1967. p. 411-425.
- OLSON, Jeannine E. Calvin and social-ethical issues. In: McKIM, Donald K. (Ed.). *The Cambridge Companion to John Calvin*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2004. p. 153-172.
4. D'AUBIGNÉ, J. H. Merle. *History of the Reformation in Europe in the time of Calvin*, vol. VII. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1880, 2000. p. 82.
5. JOHN Calvin and his sermons on Ephesians. In: CALVIN, John. *Sermons on the epistle to the Ephesians*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1562, 1577, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. viii. Introdução do publicador.
6. Ibid.
7. D'AUBIGNÉ, J. H. Merle. *History of the Reformation in Europe in the time of Calvin*, vol. VII. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1880, 2000. p. 82.
8. KELLY, Douglas. Introduction to John Calvin. In: CALVIN, John. *Sermons on 2 Samuel: chapters 1-13*. Tradução ao inglês por Douglas Kelly. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992. v. ix.
9. CALVINO, João. *Comentário no livro dos Salmos*. São Bernardo do Campo, Brasil: Paracletos, 1999. Prefácio.
10. GANOCZY, Alexandre. Calvin's life. Tradução ao inglês por David L. Grover e James Schmitt. In: McKIM, Donald K. (Ed.). *The Cambridge companion to John Calvin*. New York, NY: Cambridge University Press, 2004. p. 9.
11. SCHAFF, Philip. *History of the christian church*, vol. VIII. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1910, 1984. p. 318.
12. CALVINO, João. *Comentário no livro dos Salmos*; São Paulo, Brasil: Paracletos, 1999. Prefácio.

13. BEZA, Theodore. *The life of John Calvin*. Edinburgh, Scotland: Calvin Translation Society, 1844. Reimpresso por Back Home Industries, 1996. p. 26.
14. BOUWSMA, William J. *John Calvin: a sixteenth-century portrait*. New York, NY; Oxford, England: Oxford University Press, 1988. p. 23.
15. BEZA, Theodore. *The life of John Calvin*. Edinburgh, Scotland: Calvin Translation Society, 1844. Reimpresso por Back Home Industries, 1996. p. 134.
16. SCHAFF, Philip. *History of the christian church, vol. VIII*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1910, 1984. p. 518.
17. WILEMAN, William. *John Calvin: his life, his teaching, and his influence*. Choteau, MT: Old Paths Gospel Press. p. 96. Esta famosa frase também foi traduzida como: “Prefiro morrer a dar as coisas sagradas do Senhor àqueles que as desprezam” — Beza, *The life of John Calvin*, p. 71.
18. BEZA, Theodore. *The life of John Calvin*. Edinburgh, Scotland: Calvin Translation Society, 1844. Reimpresso por Back Home Industries, 1996. p. 99-103.
19. Ibid. p. 117.

CAPÍTULO 2:

1. MCGRATH, Alister E. *Reformation thought: an introduction*, second edition. Oxford, England: Blackwell Publishing, 1993. p. 217. Citado em James Montgomery Boice e Philip Graham Ryken. *O evangelho da graça: a aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 1999.
2. CALVIN, John. *Institutes of the christian religion. 1536 edition*. Tradução ao inglês por Ford Lewis Battles. Grand Rapids, MI: Eardmans Publishing Co., 1975. p. 195.
3. D'AUBIGNÉ, J. H. Merle. *History of the Reformation in Europe in the time of Calvin, vol. VII*. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1880, 2000. p. 85.
4. JOHN, Calvin. In: MILLER, J. Graham. *Calvin's wisdom: an anthology arranged alphabetically by a grateful reader*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992. p. 254.
5. _____. In: PARKER, T. H. L. *Portrait of Calvin*. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1954. p. 83.
6. _____. *Commentaries on the book of the prophet Jeremiah and the Lamentations, vol 1*. Tradução ao inglês por John Owen. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 226-227. Reimpressão.
7. _____. *Commentaries on the book of the prophet Jeremiah and the Lamentations, vol 2*. Tradução ao inglês por John Owen. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 43. Reimpressão.
8. _____. *Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark, and Luke, vol. 2*. Tradução ao inglês por William Pringle. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 284. Reimpressão.
9. OLD, Hughes O. *The reading and preaching of the Scriptures in the worship of the christian church, vol. 4: the age of the Reformation*. Grand Rapids, MI; Cambridge, England: Eerdmans

- Publishing Co., 2002. p. 131.
10. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 39.
11. CALVIN, John. *Commentary on a harmony of the evangelists, Matthew, Mark, and Luke*, vol. 1. Tradução ao inglês por William Pringle. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 227. Reimpressão.
12. SCHAFF, Philip *History of the Christian Church*, vol. VIII. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1910, 1984. p. 535.
13. OLD, Hughes O. *The reading and preaching of the Scriptures in the worship of the christian church*, vol. 4: *the age of the Reformation*. Grand Rapids, MI; Cambridge, England: Eerdmans Publishing Co., 2002. p. 132.
14. João Calvino citado por J. I. Packer. Calvin the theologian. In: ATKINSON, James. (Ed.). *John Calvin: a collection of essays*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1966. p. 166.
15. CALVIN, John. *Commentary on a harmony of the evangelists, Matthew, Mark, and Luke*, vol. 1. Tradução ao inglês por William Pringle. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 227.
16. _____. *Sermons on the epistle to the Ephesians*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1562, 1577, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. 42.
17. _____. *Commentary on the book of Psalms*, vol. 4. Tradução ao inglês por James Anderson. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 199. Reimpressão.
18. _____. *Commentaries on the first twenty chapters of the book of the prophet Ezekiel*, vol. 1. Tradução ao inglês por Thomas Myers. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 61. Reimpressão.
19. MARCEL, Pierre. *The relevance of preaching*. New York, NY; Seoul, South Korea: Westminster Publishing House, 2000. p. 59.
20. CALVIN, John. *Commentaries on the epistles to Timothy, Titus, and Philemon*. Tradução ao inglês por William Pringle. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979 reprint), 174.
21. _____. *Commentary on the book of the prophet Isaiah*, vol. 1. Tradução ao inglês por William Pringle. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 95. Reimpressão.
22. CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*, vol. II. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2006.
23. _____. *Commentary on the book of the prophet Isaiah*, vol. 3. Tadução ao inglês por William Pringle. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 213. Reimpressão.
24. CALVINO, João. *As Pastorais*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2008.
25. _____. *Comentário em 1 Coríntios*. São Bernardo do Campo, SP: Paracletos, 2003.
26. CALVIN, John. *Commentaries on the four last books of Moses arranged in the form of a harmony*. Tradução ao inglês por Charles William Bingham. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 230. Reimpressão.
27. CALVINO, João. *Comentário em 1 Coríntios*. São Paulo – São Bernardo do Campo, SP: Paracletos, 2003.
28. JOHN Calvin and his Sermons on Ephesians. In: CALVIN, John. *Sermons on the epistle to the*

- Ephesians*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1562, 1577, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. vii. Introdução do publicador.
29. CALVINO, João. *As Pastorais; São José dos Campos – SP: Editora Fiel*, 2008.
30. _____. *As Institutas da Religião Cristã*, vol. II. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2006.
31. BOICE, James M. *O evangelho da graça: a aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo*. São Paulo, SP; Cultura Cristã, 1999.
32. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 1.
33. Ibid. p. 80.
34. BOICE, James M. Prefácio. In: Calvin, John. *Sermons on Psalms 119*. Audubon, NJ: Old Paths Publications, 1580, 1996. p. viii.
35. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 80.
36. JOHN Calvin and his Sermons on Ephesians. In: CALVIN, John. *Sermons on the epistle to the Ephesians*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1562, 1577, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. ix.
37. THOMAS, Geoffrey. The wonderful discovery of John Calvin's sermons. *Banner of Truth Magazine*, Edinburgh, n. 436, p. 22, Jan. 2000.
38. JOHN Calvin and his Sermons on Ephesians. In: CALVIN, John. *Sermons on the epistle to the Ephesians*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1562, 1577, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. xiv.
39. REYMOND, Robert L. *John Calvin: his life and influence*. Ross-shire, Great Britain: Christian Focus Publications, 2004. p. 84.
40. CALVIN, John. *Commentaries on the four last books of Moses arranged in the form of a harmony*. Traduzido ao inglês por Charles William Bingham. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 235. Reimpressão.
41. CALVINO, João. *Comentário no livro dos Salmos*. São Bernardo do Campo, SP: Paracletos, 1999.

CAPÍTULO 3

1. WARFIELD, Benjamin B. *Calvin and calvinism*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1932, 2000. p. 24.
2. DILLENBERGER, John. *John Calvin, selections from his writings*. Atlanta, GA: Scholars Press, 1975. p. 42.
3. PIPER, John. The divine majesty of the Word: John Calvin, the man and his preaching. *Southern Baptist Journal of Theology*, Louisville, v. 3, n. 2, p. 4, Summer 1999.
4. MILLER, J. Graham. *Calvin's wisdom: an anthology arranged alphabetically by a grateful reader*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992. p. 256.

5. D'AUBIGNÉ, J. H. Merle. *History of Reformation in Europe in the time of Calvin, vol. VII*. Harri-
sonburg, VA: Sprinkle Publications, 1880, 2000, 84-85.
6. LEITH, John H. Calvin's doctrine of the proclamation of the Word and its significance for to-
day. In: GEORGE, Timothy F. (Ed.). *John Calvin and the church: a prism of reform*. Louisville,
KY: Westminster/John Knox Press, 1990. p. 223.
7. MILLER, J. Graham. *Calvin's wisdom: an anthology arranged alphabetically by a grateful rea-
der*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992. p. 144.
8. Ibid. p. 145.
9. DE GREEF, Wulfert *The writings of John Calvin: an introductory guide*. Tradução ao ingles por
Lyle D. Bierma. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1993. p. 38.
10. MILLER, J. Graham. *Calvin's wisdom: an anthology arranged alphabetically by a grateful
reader*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992. p. 251.
11. Ibid. p. 256.
12. Ibid.
13. Ibid. p. 361.
14. BOUWSMA, William J. *John Calvin: a sixteenth-century portrait*. New York, NY; Oxford, En-
gland: Oxford University Press, 1988. p. 20.
15. PARKER, T. H. L. *John Calvin, a biography*. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1975. p.
103-104.
16. KELLY, Douglas. In: CALVIN, John, *Sermons on 2 Samuel: chapters 1-13*. Tradução ao ingles
por Douglas Kelly. Carlisle, PA, and Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992.
p. ix-x. Introdução.
17. Ibid.
18. JOHN Calvin and His Sermons on Ephesians. In: CALVIN, John. *Sermons on the epistle to
the Ephesians* (1562, 1577). Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust,
1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. vii-viii.
19. HUGHES, Philip E. In: LLOYD-JONES, D. Martyn. (Ed.). *Puritan papers, vol. one: 1956-1959*.
Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2000. p. 252.
20. DILLENBERGER, John. *John Calvin, selections from his writings*. Atlanta, GA: Scholars Press,
1975. p. 78.
21. Theodore Beza citado por Philip E. Huges. In: LLOYD-JONES, D. Martyn. (Ed.). *Puritan Pa-
pers, vol. one: 1956-1959*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2000. p. 250.
22. SCHAFF, Philip. *History of the christian church, vol. VIII*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Pu-
blishing Co., 1910, 1984. p. 496.
23. SPURGEON, Charles H. *Autobiography, vol. 2: the full harvest, 1860-1892*. Compilado por
Susannah Spurgeon e Joseph Harrauld (1897-1900). Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The
Banner of Truth Trust, 1987. p. 29.
24. BOUWSMA, William J. *John Calvin: a sixteenth-century portrait*. New York, NY; Oxford, En-
gland: Oxford University Press, 1988. p. 259.

25. Ibid. p. 256.
26. Calvin, John. *Commentaries on the book of the prophet Jeremiah and the Lamentations*, Vol 1. Tradução ao inglês por John Owen. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1979. p. 44. Reimpressão.
27. Ibid. p. 254.

CAPÍTULO 4

1. BOICE, James M. Prefácio. In: Calvin, John. *Sermons on Psalms 119*. Audubon, NJ: Old Paths Publications, 1580, 1996. p. viii.
2. MILLER, J. Graham. *Calvin's wisdom: an anthology arranged alphabetically by a grateful reader*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992. p. 257.
3. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992, 132-133.
4. CALVIN, John. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 18.
5. Ibid. p. 49.
6. Ibid. p. 94.
7. CHILDRESS, Kathy. Introdução. *Calvin's John sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. ix.
8. CALVIN, John. *John Calvin's sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. 204.
9. Ibid. p. 49.
10. Ibid. p. 325.
11. CALVIN, John. Em um sermão sobre Deuteronômio 6.13-15, citado por T. H. L. Parker (*Calvin's preaching*, Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992), p. 81.
12. OLD, Hughes O. *The reading and preaching of the Scriptures in the worship of the christian church, vol. 4: the age of the Reformation*. Grand Rapids, MI; Cambridge, England: Eerdmans Publishing Co., 2002. p. 129.
13. CALVIN, John. *Letters of John Calvin*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1855-1857, 1980. p. 95.
14. _____. *John Calvin's sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. 385.
15. Ibid. p. 312.
16. CALVIN, John. *Sermons on the epistle to the Ephesians (1562, 1577)*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. 22-23.

17. _____. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 156.

CAPÍTULO 5

1. MURRAY, John. Calvin as theologian and expositor. In: _____. *Collected writings of John Murray, vol. one*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1976, 2001. p. 308.
2. BOUWSMA, William J. *John Calvin: a sixteenth century portrait*. New York, NY; Oxford, England: Oxford University Press, 1988. p. 117.
3. SCHAFF, Philip. *History of the christian church, vol. VIII*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1910, 1984. p. 524.
4. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 84.
5. Ibid. p. 90.
6. CALVIN, John. *Sermons on the Epistle to the Ephesians (1562, 1577)*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. xiv. Palavras atribuídas a Conrad Badius, na introdução do publicador, intitulada *John Calvin and His Sermons on Ephesians*.
7. SCHAFF, Philip. *History of the christian church, vol. VIII*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1910, 1984. p. 532.
8. CALVINO, João. *Comentário em Romanos*. São Paulo, SP: Paracletos, 2001.
9. SCHAFF, Philip. *History of the christian church, vol. VIII*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1910, 1984. p. 531.
10. PUCKETT, David L. *John Calvin's exegesis of the Old Testament*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1995. p. 67.
11. Ibid. p. 64.
12. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 92.
13. CALVIN, John. *John Calvin's sermons on Galatians (1563)*. Tradução ao inglês por Kathy Chidress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1997. p. 136.
14. CALVIN, John. *Commentaries on the four last books of Moses arranged in the form of a harmony*. Tradução ao inglês por Charles William Bingham. Grand Rapids. MI: Baker Books, 1979. p. 232. Reimpressão.
15. PARKER, T. H. L. *Calvin's New Testament commentaries*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1971. p. 50.
16. BAILLIE, John; MCNEILL, John T.; VAN DUSEN, Henry P. (Eds.). *Calvin: commentaries*. London, England; Philadelphia, PA: S.C.M. Press, Ltd.; Westminster Press, 1958. p. 28. Introdução geral.
17. Ibid. p. 28.

18. Ibid. p. 359.
19. LEITH, John H. Calvin's doctrine of the proclamation of the Word and its significance for today. In: GEORGE, Timothy F. (Ed.). *John Calvin and the church: a prism of reform*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press. p. 214.
20. CALVIN, John. *Sermons on the epistle to the Ephesians* (1562, 1577). Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. 363-365.
21. _____. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 224.
22. Ibid. p. 225.
23. CALVIN, John. *John Calvin's sermons on Galatians* (1563). Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1997. p. 508.
24. Ibid. p. 446.
25. Ibid. p. 260.
26. Ibid. p. 268.
27. Ibid.
28. Ibid. p. 154.
29. Ibid. p. 145-146.
30. JOHN, Calvin. *Sermons on 2 Samuel: chapters 1-13*. Tradução ao inglês por Douglas Kelly. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992. p. 285.
31. CALVIN, John. In: MILLER, J. Graham. *Calvin's wisdom: an anthology arranged alphabetically by a grateful reader*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: Banner of Truth Trust, 1992. p. 79.
32. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 79.

CAPÍTULO 6

1. OLD, Hughes O. *The reading and preaching of the Scriptures in the worship of the christian church, vol. 4: the age of the Reformation*. Grand Rapids, MI; Cambridge, England: Eerdmans Publishing Co., 2002. p. 128-129.
2. MILLER, J. Graham *Calvin's wisdom: an anthology arranged alphabetically by a grateful reader*. Carlisle, PA; and Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992. p. 250.
3. OLD, Hughes O. *The reading and preaching of the Scriptures in the worship of the christian church, vol. 4: the age of the Reformation*. Grand Rapids, MI; Cambridge, England: Eerdmans Publishing Co., 2002. p. 129.
4. BROADUS, John A. *Lectures on the history of the preaching*. Birmingham, AL: Solid Ground Christian Books, 1907, 2004. p. 121.
5. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 141-142.
6. Ibid. p. 139.

7. BOICE, James M. Prefácio. In: Calvin, John. *Sermons on Psalms 119*. Audubon, NJ: Old Paths Publications, 1580, 1996. p. x.
8. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 143.
9. Beeke, Joel. John Calvin, teacher and practitioner of evangelism. *Reformation and Revival*, v. 10, n. 4, p. 69, Fall 2001.
10. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 87.
11. Ibid. p. 140.
12. Ibid. p. 141.
13. JOHN Calvin and his sermons on Ephesians. . In: CALVIN, John. *Sermons on the epistle to the Ephesians*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1562, 1577, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. ix. Introdução do publicador.
14. Ibid.
15. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 86-87.
16. BROADUS, John A. *Lectures on the history of the preaching*. Birmingham, AL: Solid Ground Christian Books, 1907, 2004. p. x.
17. CHILDRESS, Kathy. Introdução. *Calvin's John sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. x.
18. Theodore Beza citado em Leroy Nixon. *John Calvin, expository preacher*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1950. p. 31.
19. LEITH, John H. Calvin's doctrine of the proclamation of the word and its significance for today. GEORGE, Timothy F. (Ed.). *John Calvin and the church: a prism of reform*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1990. p. 221.
20. CHILDRESS, Kathy. Introdução. *Calvin's John sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. 231.
21. Ibid. p. 304.
22. LEITH, John H. Calvin's doctrine of the proclamation of the word and its significance for today. GEORGE, Timothy F. (Ed.). *John Calvin and the church: a prism of reform*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1990. p. 221.
23. Ibid.
24. CALVIN, John. *Sermons on the epistle to the Ephesians*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1562, 1577, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. 163.
25. CALVIN, John. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 342.
26. Ibid. p. 208.

27. Ibid. p. 403-404.
28. BATTLES, Ford L.; HUGO, Andre M. *Calvin's commentary on Seneca's de Clementia*. Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 1969. p. 79.
29. LEITH, John H. Calvin's doctrine of the proclamation of the word and its significance for today. GEORGE, Timothy F. (Ed.). *John Calvin and the church: a prism of reform*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1990. p. 212.
30. CALVIN, John. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 55.
31. Ibid. p. 381. Ver Lucas 6.44. Esta paráfrase também é um eco memorável da famosa afirmação de Philip Melanchthon a respeito de Cristo, em sua obra *Loci Theologici*: "*Hoc est Christum cognoscere, beneficia ejus cognoscere*", isto é: "A pessoa de Cristo é conhecida por suas obras". Para Calvino, o mesmo poderia ser dito a respeito de um Cristão.
32. CALVIN, John. *John Calvin's sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. 321.
33. Ibid. p. 314.
34. Ibid. p. 376.
35. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 88.
36. CALVIN, John. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 232.
37. LEITH, John H. Calvin's doctrine of the proclamation of the word and its significance for today. GEORGE, Timothy F. (Ed.). *John Calvin and the church: a prism of reform*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1990. p. 212.
38. Ibid. p. 35.
39. Ibid. p. 217.
40. BOICE, James M. Prefácio. In: Calvin, John. *Sermons on Psalms 119*. Audubon, NJ: Old Paths Publications, 1580, 1996. p. ix.
41. CALVIN, John. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 4-16.
42. OLD, Hughes O. *The reading and preaching of the Scriptures in the worship of the christian church, vol. 4: the age of the Reformation*. Grand Rapids, MI; Cambridge, England: Eerdmans Publishing Co., 2002. p. 128-129.
43. SCHAFF, Philip. *History of the christian church, vol. VIII*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1910, 1984. p. 258.
44. Ibid. p. 259.
45. LEITH, John H. Calvin's doctrine of the proclamation of the word and its significance for today. GEORGE, Timothy F. (Ed.). *John Calvin and the church: a prism of reform*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1990. p. 220-221.
46. Ibid. p. 221.

CAPÍTULO 7:

1. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 119.
2. BOICE, James M. Prefácio. In: Calvin, John. *Sermons on Psalms 119*. Audubon, NJ: Old Paths Publications, 1580, 1996. p. viii.
3. JOHN Calvin and his sermons on Ephesians. In: CALVIN, John. *Sermons on the epistle to the Ephesians*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1562, 1577, 1973, 1975, 1979, 1987, 1998. p. xv. Introdução do publicador.
4. Calvino citado em Leroy Nixon. *John Calvin, Expository Preacher*; Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1950. p. 65.
5. CALVIN, John. Opera quae supersunt omnia. In: BAUM, Guilielmus; CUNITZ, Eduardus; REUSS, Eduardus. (Ed.). *Corpus Reformatorum*. Brunsvigae: C.A. Schwetschke et filium, 1895. v. 79, p. 783. Ênfase acrescentada.
6. LEITH, John H. Calvin's doctrine of the proclamation of the word and its significance for today. GEORGE, Timothy F. (Ed.). *John Calvin and the church: a prism of reform*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1990. p. 215.
7. CALVIN, John. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 84.
8. Ibid. p. 85.
9. CALVIN, John. *John Calvin's sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. 264-265.
10. Ibid. p. 419.
11. Ibid. p. 543.
12. CALVIN, John. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 101.
13. LEITH, John H. Calvin's doctrine of the proclamation of the word and its significance for today. GEORGE, Timothy F. (Ed.). *John Calvin and the church: a prism of reform*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1990. p. 216.
14. Ibid.
15. JOHN, Calvin. In: MILLER, J. Graham. *Calvin's wisdom: an anthology arranged alphabetically by a grateful reader*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1992. p. 252.
16. CALVIN, John. *John Calvin's sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. 3.
17. Leroy Nixon. *John Calvin, Expository Preacher*; Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 1950. p. 124.
18. CALVIN, John. *John Calvin's sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. 9.
19. Ibid. p. 186.

20. Ibid. p. 233.

21. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 116.

CAPÍTULO 8

1. CUNNINGHAM, William. *The reformers and the theology of the Reformation*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1862, 1989. p. 292.

2. CALVIN, John. *John Calvin's sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. 15-16.

3. CALVIN, John. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 30.

4. PARKER, T. H. L. *Calvin's preaching*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 114-115.

5. Ibid. p. 115.

6. Ibid.

7. CALVIN, John. *John Calvin's sermons on Galatians*. Tradução ao inglês por Kathy Childress. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1563, 1997. p. 16.

8. Ibid. p. 33.

9. CALVIN, John. *Sermons on the book of Micah*. In: FARLEY, Benjamin W. (Ed. e Trad.). Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2003. p. 48.

10. Ibid. p. 62.

CONCLUSÃO:

1. SPURGEON, Susannah; HARRALD, Joseph. (Comps.). *Charles H. Spurgeon: autobiography, vol. 2: the full harvest, 1860-1892*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1897-1900, 1987. p. 29.

2. SPURGEON, CHARLES H. *The Metropolitan Tabernacle Pulpit, vol. X*. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1976. p. 310.

3. SPURGEON, Susannah; HARRALD, Joseph. (Comps.). *Charles H. Spurgeon: autobiography, vol. 1: the early years, 1834-1859*. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1897-1900, 1962. p. v.



Steven J. Lawson focaliza a extraordinária pregação fundamentada na Bíblia, centrada em Cristo e que transforma a vida, desenvolvida por João Calvino em seu ministério, por décadas, como um fiel pastor de um rebanho de cristãos, na Genebra do Século XVI.

“O alvo deste livro é elevar o nível da pregação para uma nova geração de expositores da Palavra.”

— STEVEN J. LAWSON

Esta obra é um retrato fiel de Calvino como pregador. Aqui vemos as convicções mais profundas que determinaram seu estilo de pregação, os passos que deu para a preparação da mensagem e a técnica que usou ao lidar com a Palavra de Deus – interpretando-a e aplicando-a à sua congregação. O autor oferece-nos grande encorajamento através do ministério de púlpito do grande reformador.



Categoria: História / Homilética